UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**Transformações urbanas no Largo da Batata: os novos conteúdos
da centralidade**

(Versão original)

Renan Coradine Meireles

São Paulo
2018

Universidade De São Paulo
Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas
Departamento De Geografia
Programa De Pós-Graduação Em Geografia Humana

**Transformações urbanas no Largo da Batata: os novos conteúdos
da centralidade**

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção de título de mestre em Ciências (área de concentração Geografia Humana).

Aluno Renan Coradine Meireles
Orientadora Prof. Dra. Ana Fani Alessandri Carlos

São Paulo
Outubro de 2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M499t Meireles, Renan
Transformações urbanas no Largo da Batata: os
novos conteúdos da centralidade / Renan Meireles ;
orientadora Ana Fani Carlos. - São Paulo, 2018.
130 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Geografia. Área de
concentração: Geografia Humana.

1. Espaço urbano. 2. Produção do Espaço. 3.
Centralidade. 4. Cidade. I. Carlos, Ana Fani,
orient. II. Título.

MEIRELES, R. C. Transformações urbanas no Largo da Batata: os novos conteúdos da centralidade. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Nós vos pedimos com insistência:
Nunca digam - Isso é natural
Diante dos acontecimentos de cada dia,
Numa época em que reina a confusão,
Em que corre o sangue,
Em que se ordena a desordem,
Em que o arbítrio tem força de lei,
Em que a humanidade desumaniza (...)
Não digam nunca: isso é natural.
A fim de que nada passe por imutável.
Sob o familiar, descubram o insólito.
Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável.
Que tudo que seja dito ser habitual,
Cause inquietação.
Na regra é preciso descobrir o abuso,
E sempre que o abuso for encontrado,
É preciso encontrar o remédio.

Bertolt Brecht

AGRADECIMENTOS

Aos amigos que são presença constante e que de alguma forma fizeram parte deste trabalho: Rogerinho, pelos inúmeros cafés, pelos ouvidos sempre atentos e pelas técnicas tão apuradas na Cartografia, ao Douglas, pelo contínuo incentivo e por me suportar durante 8 anos como companheiro de república, e ao Damião, por ser exemplo de superação e amigo para todas as horas.

Aos amigos da pós-graduação: Thiago, Denys e Fabiano. À Carine, pela leitura atenta e incentivo constante. Aos vários colegas que participaram dos colóquios de orientação e me ajudaram com leituras e críticas ao trabalho.

À professora Isabel Alvarez pela possibilidade de convivência durante o estágio PAE e aos gratificantes ensinamentos em conversas sobre a vida. Aos professores Gloria Alves e Cesar Santos pelos conselhos e orientações no exame de qualificação.

À professora e orientadora Ana Fani Alessandri Carlos, pelos ensinamentos e exemplos de cada encontro.

À minha mãe Cristina, ao meu pai Lopes e a minha avó Lourdes, por todos os esforços empreendidos para que eu pudesse me dedicar aos estudos. O exemplo de força, perseverança e amor de vocês jamais se apagará do meu coração.

Nada do que está escrito nas páginas seguintes seria possível sem a presença essencial da minha companheira Carina. Somente ela sabe das infindáveis angústias vividas nos últimos anos. Ca, a sua presença ao meu lado, até hoje, é uma indescritível prova de amor. Obrigado!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

MEIRELES, R. C. **Transformações urbanas no Largo da Batata: os novos conteúdos da centralidade.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2018.

Esta dissertação tem como objetivo central a análise das transformações do espaço urbano metropolitano a partir do estudo de um fragmento de São Paulo, o Largo da Batata, no bairro de Pinheiros. Entende-se que, por ter passado por intensas transformações socioespaciais, encaminhadas na relação entre o Estado e o Setor Privado, o lugar possa apontar para as transformações mais amplas do capitalismo, principalmente no período atual, em que a reprodução do capital passa, inequivocamente, pela reprodução do espaço.

Este fragmento, constituído como centralidade comercial, na mobilidade e na vida cotidiana ao longo do século XX, foi inserido na Operação Urbana Faria Lima, a partir da reconversão urbana do Largo da Batata. Desde 2001, quando foi lançado o edital para o Projeto, até 2013, quando as principais obras foram finalizadas o Largo foi transformado em um imenso canteiro de obras: desapropriações, mudanças viárias, construção das estações do metrô e a metamorfose do próprio espaço do Largo da Batata, tornado uma explanada. Estas transformações, encaminhadas pelo Estado interferiram profundamente na dinâmica de todo o entorno, com destaque para o aumento significativo da verticalização trazida pela expansão imobiliário-financeira, o que gerou uma valorização que, em menos de uma década, mudou o padrão do comércio e o perfil dos moradores do lugar. O comércio popular, característico das últimas décadas do século XX, foi trocado por atividades do setor terciário superior, apesar de algumas permanências. O uso residencial, transformado por edifícios de alto padrão, trouxe para o entorno uma população de maior renda. Com isso, houve um aumento significativo de restaurantes, comércios em geral e serviços voltados a esta população. Observa-se um processo de homogeneização e fragmentação deste espaço que, com sua centralidade voltada aos setores mais modernos da economia, alcança outro patamar na hierarquia dos lugares na metrópole.

Desde que as obras iniciaram, coletivos e movimentos questionam as imposições da Prefeitura e o avanço do mercado imobiliário. Estes coletivos, em geral, são responsáveis por atuar no Largo como incentivadores e viabilizadores de uma série de atividades políticas, culturais, artísticas e esportivas que visam o uso e a apropriação do espaço público.

Nesse sentido, o Largo torna-se também, sobretudo a partir de 2013, um lugar privilegiado nas manifestações políticas na metrópole de São Paulo, indicando que de fato o lugar ganhou centralidade na escala metropolitana e, mesmo com ação direta das forças homogeneizantes, o espaço é usado e apropriado de forma a apontar seu caráter público.

Palavras-chave: Largo da Batata; Centralidade; Produção do Espaço; Reconversão Urbana; Manifestações.

ABSTRACT

CORADINE, R. M. **Urban transformations in Largo da Batata: the new contentes of centrality.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2018.

This dissertation has as main objective the analysis of the transformations of the metropolitan urban space from the study of a fragment of São Paulo, Largo da Batata, in the district of Pinheiros. It is understood that, because it has undergone intense socio-spatial transformations, rooted in the relationship between the State and the Private Sector, the place may point to the broader transformations of capitalism, especially in the present period, when the reproduction of capital unequivocally, by the reproduction of space.

This fragment, constituted as a commercial center, in mobility and in daily life throughout the 20th century, was inserted in Operation Faria Lima Urban, from the urban reconversion of the Largo da Batata. Since 2001, when the project was published, until 2013, when the main works were completed, Largo was transformed into an immense construction site: expropriations, road changes, construction of subway stations and the metamorphosis of Largo da Batata's own space, made an esplanade. These transformations, driven by the State, deeply interfered in the dynamics of the whole environment, with emphasis on the significant increase in verticalization brought by the real estate-financial expansion, which generated a valuation that, in less than a decade, changed the pattern of commerce and the profile of the locals. Popular trade, characteristic of the last decades of the twentieth century, was replaced by activities of the higher tertiary sector, despite some permanence. The residential use, transformed by buildings of high standard, brought to the surroundings a population of greater income. With this, there was a significant increase of restaurants, commerce in general and services directed to this population. It is observed a process of homogenization and fragmentation of this space that, with its centrality directed to the most modern sectors of the economy, reaches another level in the hierarchy of places in the metropolis.

These processes, however, did not occur continuously and without embargos. Since the works began, collectives and movements question the impositions of the City Hall and the advance of the real estate market. These collectives, in general, are responsible for acting in the Largo as incentive and enablers of a series of political, cultural, artistic and sports activities that aim at the use and appropriation of the public space.

In this sense, the Largo also becomes, especially from 2013, a privileged place in the political manifestations in the metropolis of São Paulo, indicating that in fact the place has gained centrality in the metropolitan scale and, even with direct action of the homogenizing forces, the space is used and appropriate in order to point out its public character.

Keywords: Largo da Batata; Centrality; Space Production; Urban Reconversion; Manifestations

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO	13
1. TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM E NA PRÁTICA SÓCIOESPACIAL.....	21
1.1 Paisagem desigual e morfologia diferenciada	22
1.2 Verticalização: a expansão imobiliário-financeira sobre o Largo da Batata	23
1.3 Setor terciário: a coexistência entre novas e velhas formas	28
1.4 Potatos Valley: o Largo como lugar das empresas de tecnologia.....	34
2. OPERAÇÃO URBANA FARIA LIMA E RECONVERSÃO URBANA DO LARGO DA BATATA: UM IMPULSO AOS NOVOS CONTEÚDOS DA CENTRALIDADE	40
2.1 Desapropriações: a viabilização de novos espaços.....	42
2.2 Os novos empreendimentos	47
2.3 Transformações no setor terciário.....	53
2.4 O aumento no preço dos aluguéis e a valorização do entorno	58
2.5 A expulsão e o possível retorno dos ambulantes	61
3. A PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE NA HISTÓRIA: COMÉRCIO E CIRCULAÇÃO.....	66
3.1 O discurso da degradação econômica e social.....	75
4. O LARGO DA BATATA COMO FRONTEIRA URBANA: METRÓPOLE E ACUMULAÇÃO.....	79
4.1. O processo de desvalorização-valorização relacional.....	82
5. POSSIBILIDADES DE USO E APROPRIAÇÃO QUE FOGEM À LÓGICA HOMOGENEIZANTE.....	87
5.1. A normatização contra o uso público do lugar	94
5.2 O Largo como lugar de manifestação: centralidade e apropriação.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
ANEXOS.....	116

APRESENTAÇÃO

A dissertação ora apresentada tem como objetivo principal analisar a reprodução do espaço urbano, a partir de um lugar da metrópole – o Largo da Batata e seu entorno -, este entendido como possibilitador do desvendamento da produção do espaço na atualidade. Nesse sentido, o trabalho visa iluminar as permanências e as transformações neste fragmento do espaço metropolitano, localizando os fundamentos da sua produção como centralidade ao longo do século XX e os novos conteúdos contemporâneos, intensificados pelas Operação Urbana Faria Lima e Reconversão Urbana do Largo da Batata.

A escolha do Largo da Batata como lugar de análise se deu por este ser um espaço com uma centralidade constituída ao longo do século XX, mesmo que descontinuamente, e que passou por metamorfoses socioespaciais profundas a partir da transição para o século XXI, o que transforma radicalmente seus conteúdos econômicos e sociais. Estas metamorfoses impostas ao lugar, que são fruto de determinações políticas e econômicas das escalas metropolitana e mundial, acabam por possibilitar uma análise potente da reprodução do capitalismo na atualidade. Acrescenta-se também que, ao presenciar e vivenciar estas transformações ao longo do tempo no Largo, este fragmento provocou inquietações e possibilitou a formulação de questões que dão origem a esta pesquisa.

A escolha por um espaço em constante mudança é, ao mesmo tempo, um campo repleto de possibilidades de descobertas e um dificultador do processo de pesquisa. Ao longo da investigação, as transformações na realidade impuseram uma agenda de pesquisa capaz de desvendar a produção do um espaço – a partir da análise das permanências e transformações – de um lugar que está em constante movimento. Drummond escreve:

Na minha rua estão cortando árvores
botando trilhos
construindo casas.

Minha rua acordou mudada.
Os vizinhos não se conformam.
Eles não sabem que a vida
tem dessas exigências brutas.

Só minha filha goza o espetáculo
e se diverte com os andaimes,
a luz da solda autógena
e o cimento escorrendo nas formas.
(DRUMOND)

O impulso nas transformações socioespaciais neste fragmento localizam-se espaço-temporalmente na Operação Urbana Faria Lima e na Reconversão Urbana do Largo da Batata, ambos instrumentos urbanísticos que possibilitaram com que o poder público interviesse no espaço, transformando-o. Esse processo não ocorre sem o colamento com o setor privado, que vê nestas intervenções a possibilidade de reprodução do seu capital. Nesse sentido, se pode indicar que o avanço dessa relação entre o Estado e os setores privados da economia, avalizada nas Parcerias Público-Privadas e nas Operações Urbanas, acaba por produzir um espaço distante dos anseios da sociedade. A reprodução do capital se impõe à reprodução da vida dos habitantes da cidade. Essa contradição será exposta nas permanências e transformações do lugar, nas desapropriações, nas diversas disputas pela permanência dos moradores e nos usos do Largo como espaço público.

Estas intervenções foram realizadas em quatro gestões da Prefeitura do Município de São Paulo e que conduziram de modos diferentes o processo de transformações no Largo. As duas últimas gestões, por exemplo, Haddad (2013-2016) e Dória/Covas (2017-2020), pensaram e agiram no espaço de maneiras diferentes, o que traz para a análise deste fragmento metropolitano um movimento na dimensão da conjuntura política. Nesta pesquisa, esta aparecerá sob a forma da normatização e da privatização do espaço como estratégias políticas impostas a escala do lugar e da vida cotidiana.

Estas transformações e normatizações indicam inequivocamente para a produção do espaço por agentes hegemônicos, deixando a margem

as necessidades da sociedade. O fragmento, homogeneizado, é reproduzido como valor de troca, podendo ser negociado através da expansão imobiliária, como será descrito e analisado adiante. Entretanto, no seio deste processo, descontinuidades e rupturas são criadas, promovendo formas e conteúdos que fogem a normatização, a homogeneização e a fragmentação do espaço.

Assim, o Largo constitui-se como um campo de conflitos que, sob a égide de uma produção hegemônica do espaço, é também usado e apropriado publicamente, seja por coletivos de arte e cultura ou manifestações políticas.

INTRODUÇÃO

A transição para o século XXI chegou ao bairro de Pinheiros e, especialmente para o Largo da Batata (mapa 1) como transformações profundas em todos os níveis da realidade. Salta a nossos olhos a verticalização crescente, as obras para a alteração de vias de circulação, a construção de duas estações de metrô e a modificação urbanística dos espaços públicos do Largo. O impulso para estas transformações situa-se na Reconversão Urbana do Largo da Batata - oficializada em 2002 e realizada na prática a partir de 2007 - como parte da segunda etapa da Operação Urbana Faria Lima. Tal ordem de intervenções no espaço urbano-metropolitano já foram realizadas em outros lugares da metrópole de São Paulo a exemplo de outras cidades, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, indicando que se trata de uma estratégia de reprodução mundializada.

Intervenções radicais nas cidades não são recentes, Paris, na França, e Viena, na Áustria, por exemplo, tiveram grandes áreas transformadas ainda no século XIX, sob o motor da industrialização crescente. Em Paris, sob o comando do prefeito Eugène Haussmann, e com o argumento da necessidade de controlar a disseminação de doenças e modernizar a cidade, dezenas de quadras no centro medieval foram colocadas abaixo, demolindo as construções e os rastros desse período e viabilizando as extensas e largas avenidas. Os estreitos espaços antes apropriados para barricadas foram transformados em amplos espaços arborizados e de passeio. Esta foi a primeira experiência em larga escala da associação entre bancos, o setor imobiliário e o Estado no sentido de transformar o espaço de uma cidade. Apesar de certas semelhanças com as intervenções que observamos atualmente, sobretudo a relação estreita entre o Estado, o imobiliário e o financeiro, o fundamento das intervenções no século XIX se diferenciam do que ocorre a partir das últimas décadas do século XX, sobretudo no que se refere a centralidade do espaço na reprodução do capitalismo global.

A descoberta desta centralidade do espaço na reprodução do capitalismo é basilar na obra do filósofo Henri Lefebvre, que produz teoricamente durante a segunda metade do século XX, e acaba por iluminar as novas estratégias de sobrevivência crítica do capitalismo. Nesse sentido, o autor ilumina o momento em que o capitalismo não mais se reproduz completamente na fábrica, mas, segundo ele, no espaço, no urbano e no cotidiano. Essa formulação é importante para a compreensão desta investigação, que possui como cerne a análise de um fragmento do espaço metropolitano que fora intensamente transformado a partir de estratégias voltadas a reprodução do espaço e, conseqüentemente, do capital. Na atualidade, as metrópoles, entendidas como um momento histórico do processo de reprodução do espaço urbano, realizam esse processo de reprodução e, segundo reflexões de LENCIONI (2017, p,87): “Por isso, afirmamos: a metrópole contemporânea expressa a sobrevida do capitalismo. Sua compreensão exige a produção de conhecimento por meio de novas chaves teóricas para abrir a caixa de segredos que é o real.”

A possibilidade de investigar as transformações impostas à vida urbana no Largo da Batata não surgiu apenas no nível do pensamento. Por quase uma década, o Largo fez parte, cotidianamente, da minha vida na metrópole. Transitava e permanecia por esse fragmento da cidade em vários horários e dias da semana. Percebia, ainda sem detalhes, que os usos desse lugar se diferenciavam no tempo e no espaço, enredando uma complexidade que só a riqueza da vida cotidiana de milhares de pessoas poderia produzir. Aparecia como lugares diversos: trabalho, diversão, passagem ou moradia. Ou tudo junto! Nos dias de semana milhares de transeuntes que iam e vinham dos empregos somavam-se às dezenas de camelôs que se espremiavam entre os terminais de ônibus. O início da manhã e o fim da tarde davam a intensidade do dia-a-dia, a marcação incessante do mundo do trabalho. A calçada era disputada entre o movimento de ir e vir dos trabalhadores e a imobilidade das barracas dos camelôs. A partir das quintas-feiras o movimento estendia-se pela noite, os bares e casas noturnas lotavam. A calçada era tomada pelos corpos em movimento

dançante. Nesse sentido, e descrevendo a São Petesburgo do século XIX, Nikolai Gògol registra a diversidade de pessoas e as marcas que deixam nas calçadas da Avenida Niévski ao longo de um único dia.

A única alegria do pobre num passeio em Petersburgo! Como são limpas e varridas suas calçadas e, Deus, quantos pés deixaram nelas seus rastros! Bota suja e malfeita do soldado reformado, sob cujo peso até o granito parece rachar, e o sapatinho em miniatura, leve como fumaça, da jovem senhorita que vira a cabecinha para as vitrines reluzentes das lojas assim como o girassol se vira para o sol, e o sabre tilintante do sargento-mor cheio de esperança, que o arrasta raspando com força no chão – todos descarregam sobre ela o poder da força ou o poder da fraqueza. Que veloz fantasmagoria se cumpre aqui no decurso de um só dia! Quantas mudanças ela sofre em apenas vinte e quatro horas! (GÓGOL, 2013, p. 3-5)

A referência trazida pelo autor coloca-nos diante das incessantes mutações de uma calçada ao longo de apenas um dia, calçada esta que configura-se, no momento, como um espaço público aonde as camadas pobres da sociedade tem acesso e deixam suas marcas, o que assemelha-se, guardadas as diferentes temporalidades, com o Largo da Batata como lugar da reprodução da vida de uma parcela da população da metrópole.

Quem viveu o Largo nesta época, que estendeu-se dos últimos trinta anos do século XX aos primeiros anos do presente século, conta com saudosismo os encontros e desencontros de um Largo cheio de pessoas, trabalhadores das proximidades, mas, sobretudo, migrantes nordestinos que vinham de todo canto da região metropolitana. As entrevistas realizadas para esta investigação indicam este fragmento da metrópole como um local onde os usos do espaço davam-se preferencialmente pela classe trabalhadora que reconhecia no Largo um lugar de encontro, que possibilitava o aconchego dos amigos migrantes, da comida regional, do sotaque, da música que tocava o coração de quem saiu de casa para “ganhar a vida” construindo os arranha-céus da cidade grande. O cantar e o dançar do forró teciam os encontros entre os conterrâneos. O espaço do Largo, apesar de não ser considerado um equipamento público pela prefeitura, era realizado como espaço público, possibilitando o encontro e

constituindo-se como acessível, simbólica e materialmente a esta parcela da sociedade.

O bairro de Pinheiros e o Largo da Batata começam a ser integrados ao tecido urbano de São Paulo, sobretudo, a partir do início do século XX, com a chegada dos bondes elétricos - que faziam a ligação com os bairros da Sé e da Luz (1909), com a criação do Mercado Caipira (1910), que depois torna-se o Mercado de Pinheiros, em 1971, e da Cooperativa Agrícola de Cotia (1927). Neste sentido, a centralidade que conhecemos hoje começa a ser constituída no início do século passado e, desde então, o comércio é tornado a atividade econômica característica deste fragmento - atividade quase sempre voltado à classe trabalhadora, sobretudo, no entorno próximo ao Largo. A partir dos anos 1980, a rua Teodoro Sampaio, com comércio varejista, moveleiro e musical, tem um importante papel nesta centralidade que é produzida.

A partir dos anos 1950, entre a avenida Faria Lima e a Marginal Pinheiros, o bairro começa a crescer e a concentrar um típico comércio de bairro, caracterizado por pequenos estabelecimentos, bares, mercearias, sapateiros, costureiras e diversos outros serviços, em meio às moradias. Nesse sentido, além da centralidade comercial em formação, este fragmento metropolitano foi constituído também como um lugar de moradia com a forte presença de migrantes japoneses, descendentes dos trabalhadores da Cooperativa Agrícola. Os relatos de quem viveu este momento da história do Largo são preenchidos de saudades e da certeza de que o passado não voltará; descrevem a tranquila vida de bairro, das amizades com os vizinhos, as festas na rua e os cotidianos encontros nos comércios e nas calçadas. Descrevem com clareza o passado vivido e sentem na pele a violência das transformações impostas e intensificadas pela Operação e Reconversão urbanas.

Ao longo das conversas com moradores que permanecem no lugar, é nítido que reconhecem o sofrimento de quem foi obrigado a mudar-se para longe e sentem no cotidiano a perda das referências espaço-temporais, mas, apesar disso, apontam positivamente para as transformações, que,

dizem eles, trouxeram a modernidade, mais empregos e movimento para o bairro. Podemos reconhecer em cada entrevista, relato ou encontro, realizados ao longo da pesquisa de campo, a força dos discursos que envolvem todo o processo de reprodução do urbano na atualidade.

O Largo da Batata e o bairro que o envolve são produzidos como um fragmento do espaço que evidencia as transformações na metrópole contemporânea e, desta maneira, tornam-se possibilitadores de análise e compreensão da reprodução da metrópole de São Paulo. A Operação Urbana Faria Lima e a subsequente Reconversão Urbana do Largo da Batata acentuam e aceleram as metamorfoses no lugar e reforçam, produzindo novos conteúdos, a centralidade deste fragmento no tecido metropolitano.

Estas metamorfoses são precedidas por um discurso que tem como objetivo macular o Largo como sujo, violento e degradado a ponto de não ser possível usá-lo cotidianamente. Esse discurso estratégico é produzido pelo Estado e pela iniciativa privada e veiculado pela imprensa escrita local. O passo seguinte foi apontar a necessidade de transformá-lo, renová-lo, o que ocorreria, praticamente, a partir de 2004, com a Operação e a Reconversão Urbanas.

A partir desse momento, as transformações foram efetivamente iniciadas, o que afetou diretamente grande parte da população que vivia ou apropriava-se deste espaço cotidianamente. O Largo e o entorno próximo são tornados um canteiro de obras: alterações viárias, construções das estações do metrô e empreendimentos imobiliários residenciais e empresariais impulsionam a chegada de novos tipos de comércio, mais elitizados, de moradores e usuários com maior poder aquisitivo. Segundo a Revista Exame¹, após o início das intervenções, o entorno próximo ao Largo recebeu mais de 30 mil novos moradores.

¹ Revista Exame, 2018. *Potato Valley*: Vale brasileiro atrai cada vez mais startups de tecnologia. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/pme/potato-valley-vale-brasileiro-atrai-cada-vez-mais-startups-de-tecnologia/>>.

O comércio popular, sobretudo de camelôs que permaneciam no entorno dos terminais de ônibus até então, começam a ser expulsos e os preços de alugueis (tanto residenciais quanto comerciais-empresariais) sobem rapidamente, retirando do bairro famílias que não podem mais pagar por esse lugar. Os novos conteúdos desta centralidade começam a ser constituídos.

É a partir desta realidade, percebida na prática cotidiana e aqui descrita introdutoriamente, que alguns questionamentos fundamentaram o início da pesquisa apresentada nesta dissertação: o que permaneceu e o que se transformou neste fragmento metropolitano a partir das metamorfoses pelas quais o Largo e seu entorno foram submetidos? Como constituiu-se historicamente a centralidade deste fragmento? Como estas transformações reproduzem o Lugar como centralidade? Quais os conteúdos políticos, econômicos e sociais desta nova centralidade?

Nesse sentido, podemos indicar que o Largo da Batata e seu entorno imediato foram alvo de uma série de políticas públicas (em consonância com setores privados) com o sentido de transformá-lo e realocá-lo como centralidade na economia financeirizada. Esse processo, longe de ser isolado, é produzido no sentido das transformações socioespaciais que iniciam-se no Brasil, sobretudo em São Paulo, na década de 1980 (transição da hegemonia industrial-financeiro), ou seja, este fragmento é reproduzido como centralidade, neste momento histórico, na esteira da hegemonia financeira e mediado pela expansão do setor imobiliário, ganhando novos conteúdos.

Para que essa estratégia fosse levada a cabo, na escala do lugar, foram demolidos quarteirões, desapropriados imóveis com famílias inteiras, expulsos milhares de moradores e pequenos comerciantes, gerando conflitos de ordem econômica e social. Estes conflitos trazem à tona a contradição fundante que se localiza entre a produção social do espaço e seu domínio privado. Contradição esta que expõe a realidade nos níveis político, econômico e social e nas escalas do lugar, da metrópole e do mundo.

Nesse sentido, as estratégias da reprodução do capital se opõem às necessidades de reprodução da vida das pessoas que ali habitavam. As forças homogeneizadoras impuseram uma sorte de recuos no âmbito do lugar: desfizeram os laços de sociabilidade, desestruturaram as relações econômicas, normatizaram e tornaram inacessíveis, econômica e simbolicamente, os espaços públicos.

Esse processo, apesar de avassalador, não ocorreu sem conflitos e resistências, tendo surgido diversos grupos que lutaram e lutam, política e ou judicialmente, contra as bruscas transformações a que foram submetidos. Esses grupos, incluindo neste espectro as manifestações de junho de 2013, trouxeram para este lugar da metrópole um conjunto de contrapontos à homogeneização do espaço. Ainda que fragmentariamente no tempo e no espaço, o Largo foi e é tomado por indivíduos, grupos ou multidões que o usam burlando às normas, produzindo atividades culturais e manifestando-se pública e politicamente. Contraditoriamente, o Largo que hoje expressa a razão homogeneizadora, normatizadora e violenta, é também constituído, sobretudo após 2013, como lugar da expressão pública do corpo, das manifestações artísticas, sociais e políticas. Os novos conteúdos da centralidade financeira também contemplam essa contradição, que é capaz de produzir uma centralidade política e revelar uma sociedade absolutamente urbana, construção analítica que será desenvolvida adiante.

O caminho desta introdução é o de apontar para um deslocamento no movimento de construção do objeto desta pesquisa. Num primeiro momento, o Largo, objetiva e materialmente, foi constituído como objeto da análise. Este desenvolvimento foi importante, pois aproximou-nos da realidade atual e das dinâmicas históricas deste fragmento do espaço e, colocou-nos diante dos conflitos concretos e vividos da prática socioespacial. No entanto, a realidade conflituosa e contraditória coloca desafios que não poderiam ser encaminhados sem um desenvolvimento teórico. O objeto, nesta transição, passa a ser impulsionado por estas

contradições, centralizadas, sobretudo, nas permanências e transformações na reprodução do espaço urbano metropolitano.

Há o novo, mas há, também, a continuidade de processos e metamorfoses dos atributos da metrópole. É aí que devemos centrar o olhar, buscando compreender a dinâmica atual da metrópole contemporânea: o que ela tem de permanência e o que tem de novo. (LENCIONI, 2017, p.87)

A metrópole, nesse caminho, possibilitaria a leitura da reprodução do espaço urbano como realização da acumulação capitalista neste momento da história e, ao mesmo tempo, a sua negação, os usos e apropriações do espaço que, na escala do lugar, criam as brechas e as fraturas na reprodução do capitalismo.

CAPÍTULO 1. TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM E NA PRÁTICA SÓCIOESPACIAL

O encaminhamento desta investigação propõe a descrição e a análise do espaço-tempo presente, dos conteúdos da centralidade, dos usos e apropriações que forjam uma dinâmica socioespacial em intensa metamorfose. A paisagem do Largo e seu entorno logo revelam um lugar intensamente transformado, “modernizado”, com aspectos arquitetônicos que podem ser encontrados em outros lugares da metrópole e do mundo. O início pelo espaço-tempo atual é um imperativo teórico-metodológico trazido pelo método progressivo regressivo e que possibilita encontrar camadas de tempos pretéritos que levarão a investigação a um recuo histórico determinado, buscando exatamente o que fundamenta o hoje, o contemporâneo. Nesse sentido, se inicia a análise buscando desvendar toda a riqueza da realidade urbano-metropolitana que se impõe a percepção humana de maneira desconcertante.

Essa trama complexa das relações sociais e espaciais produzidas e produtoras desta realidade tornam a investigação científica um campo inseguro, enigmático e desafiador. Diante deste panorama e da necessidade de uma análise crítica-radical da realidade, as escolhas teóricas e metodológicas são fundamentais para iluminar e desvendar as questões que foram colocadas à esta investigação. Com a luz na contradição entre a aparência e a realidade vivida cotidianamente, o escopo principal será de, a partir do imediato, próximo, descortinar as relações que, de fato, realizam a (re)produção do espaço capitalista. David Harvey escreve que “[...] devemos tirar a máscara que esconde aquilo que realmente acontece por trás dessa confusão de aparências superficiais e em geral mistificadoras” (HARVEY, 2015, p. 18).

O que está por trás de uma paisagem repleta de recentes edifícios comerciais e empresariais? O que poderia nos revelar essa arquitetura de edifícios modernos? Que relações socioespaciais estão escondidas atrás desse uso da terra urbana? O que a prática socioespacial revela da produção

social do espaço? O que a morfologia urbana poderia evidenciar do processo de reprodução da metrópole? Nesse intento de uma primeira descoberta, as aproximações ao fragmento se realizaram por meio de uma sensível descrição² da paisagem e da prática socioespacial do Largo da Batata e arredores, orientados pela busca de elementos da constituição de uma morfologia urbana que seja indicadora de uma realidade conflituosa, produtora incessante de contradições no processo de urbanização.

1.1 Paisagem desigual e morfologia diferenciada

São Paulo é caracterizada atualmente como uma metrópole que se articula cada vez mais nas redes e nos fluxos mundializados, o que lhe confere características semelhantes as mais importantes cidades mundiais ao redor do planeta, com uma maior participação na economia globalizada que aponta para uma intensa participação do financeiro e do setor imobiliário, colocando, assim, a necessidade da produção de novos eixos de reprodução econômica no urbano. Tais eixos se realizam concretamente na ordem próxima, no plano do lugar, de modo a transformar a paisagem e a vida cotidiana dos habitantes e expor a contradição entre os interesses econômicos hegemônicos e a reprodução social das pessoas que habitam esse lugar, pois é nele que a mundialidade se concretiza, ou como escreve Milton Santos, “cada lugar é, a sua maneira, o mundo”. Nesse sentido, Carlos escreve que:

O lugar permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte. É a partir daí que se descerra a perspectiva da análise do lugar na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana. O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que aponta a perspectiva de se pensar seu processo de mundialização. Ao mesmo tempo que o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social. O lugar abre a perspectiva para se pensar

² A descrição, amplamente utilizada na Geografia, desde seus primórdios, é capaz de colocar o pesquisador, a partir dos seus sentidos, em contato próximo com a paisagem e a prática socioespacial. Neste trabalho, será utilizada como ponto de partida, de aproximação qualitativa à realidade, portanto, apenas uma parte do processo investigativo, e não encerrada em si mesma.

o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. (CARLOS, 2007a, p. 14)

Ao caminhar pelo Largo e pelas ruas que o cercam observa-se que não faltam empreendimentos imobiliários em construção ou recém-lançados, obras viárias e de infraestrutura, estacionamentos, novos comércios e alguns estabelecimentos inaugurados recentemente: hamburguerias, cervejarias e restaurantes mais sofisticados. Alguns antigos estabelecimentos comerciais ainda parecem resistir ao tempo e às mudanças. Os novos bares e restaurantes parecem indicar que os gostos e as necessidades de quem atualmente frequenta o lugar se modificaram.

1.2 Verticalização: a expansão imobiliário-financeira sobre o Largo da Batata

A partir dos anos 2000, sobretudo no fim da primeira década, são iniciadas inúmeras construções de empreendimentos imobiliários (mapa 2), edifícios residenciais e comerciais-empresariais, ambos de alto padrão, que vão contrastar com as antigas formas residenciais que ainda persistem no lugar. A constatação dessa verticalização aparece na fala dos moradores mais antigos, os quais pontuam que durante o dia há um excesso de pessoas circulando, e durante a noite as ruas são pouco utilizadas, ficando desertas. Aponta-se, a partir destes relatos, para o padrão de funcionamento dos novos edifícios: utilizados como escritórios de empresas, que funcionam em horário comercial e ficam fechados no período noturno.

É incontestável o *boom* de empreendimentos imobiliários lançados, no entorno do Largo da Batata, a partir da primeira década do século XXI. Entre os anos 2000 e 2006, são 8 inaugurações, sendo 6 residenciais e 2 empresariais, entre 2007 e 2011, 5 inaugurações, sendo 3 residenciais e 2 empresariais e, a partir de 2012, são 26 lançamentos, dos quais 14 são residenciais, 11 são empresariais e 1 é misto.³

^{3 3} Os dados citados foram coletados entre agosto de 2017 e junho de 2018 nos sites dos empreendimentos e de imobiliárias. A tabela completa pode ser consultada no anexo 3.

A crescente verticalização no entorno do Largo é consonante com o eixo de verticalização produzido nas Avenidas Brigadeiro Faria Lima e Eng. Luís Carlos Berrini após a primeira etapa da Operação Urbana Faria Lima, nos anos 1990, compondo o chamado vetor sudoeste de expansão imobiliário-financeiro.

Esta verticalização estende-se também à outra margem do rio Pinheiros, colocando o Butantã, principalmente a Avenida Vital Brasil e cercanias da estação Butantã do metrô nesse vetor de expansão imobiliária. Entre 2015 e 2017 foram inaugurados 3 edifícios comerciais-empresariais na Vital Brasil, entre a marginal Pinheiros e a Estação Butantã, além do edifício-sede da empresa Odebrecht, inaugurado em 2014, localizado próximo à Marginal. Além destes, 4 edifícios estão em construção no raio de 100 metros da estação do metrô, sendo 1 comercial, que deve ser inaugurado em 2019, e outros 3 residenciais que deverão ser finalizados até 2020.

Entre o Butantã e o Largo da Batata localiza-se a Rua Butantã, que atualmente concentra 6 edifícios recém-construídos, sendo 1 finalizado em 2016, 4 em 2017 e 1 em 2018, destes 4 são comerciais-empresariais e 2 residenciais. A análise espaço-temporal destes lançamentos aponta para o desenvolvimento de um eixo de verticalização imobiliário-financeiro interligando as três estações da linha amarela do metrô (Butantã, Pinheiros e Faria Lima).

Para comportar os novos edifícios algumas obras viárias, de saneamento e infraestrutura também foram constantes nos arredores do Largo entre 2013 e 2017, sobretudo nas ruas que cercam os novos empreendimentos, os quais, maiores e mais modernos, requerem estrutura - de saneamento básico, eletricidade, cabos de fibra ótica e mobilidade de automóveis e pessoas - que não havia até poucos anos atrás neste lugar. A mais extensa destas obras é a abertura de uma rua - com cabeamento elétrico e ótico subterrâneos -, ao lado de um dos maiores edifícios mistos de São Paulo (*Thera Faria Lima Pinheiros - Residence e Office*), inaugurado

em 2016 (figura 01). Essa nova rua faz a ligação entre as ruas Butantã e Pais Leme, possibilitando o acesso ao referido edifício.

Figura 01. Acima, nova rua de acesso ao *Thera* – edifício em segundo plano. Abaixo, obras de aterramento de fiação.

Fonte: O autor, 2016.

Ainda no que diz respeito às constantes mudanças verificadas, podemos assinalar também o aumento considerável no número de estacionamentos para automóveis, no entorno do Largo e das estações do metrô, que funcionam em extensas áreas que antes eram ocupadas por

conjuntos de casas, pequenas indústrias e comércios. Dois deles chamam a atenção pela extensão, um na Rua Pais Leme - ocupando o lugar de duas pequenas fábricas de móveis e alguns imóveis residenciais -, e outro na Avenida Vital Brasil - ocupando o lugar de uma indústria metalúrgica que funcionou até 2012.

Esses estacionamentos localizam-se nas proximidades das estações do metrô e dos edifícios empresariais, funcionando, em geral, em horário comercial, ficando, durante a noite, com pouquíssimos ou nenhum automóvel. Isso indica que estão a serviço dos trabalhadores e frequentadores destes edifícios que abrigam, entre outros, sedes e escritórios de empresas. No caso do Butantã, são utilizados também por conta do rodízio veicular municipal: o usuário deixa o veículo no estacionamento e se desloca ao trabalho utilizando transporte coletivo, no caso o metrô.

O uso destas áreas como estacionamento é um meio para aguardar a valorização do entorno ou investimento para a construção de edifícios, o que pode ser afirmado visto que grande parte dos empreendimentos mais recentes foi erguida em áreas antes utilizadas por estacionamentos.

A chegada em massa de empreendimentos imobiliários trouxe para o Largo um grande contingente populacional de trabalhadores e moradores, que, observado o perfil dos empreendimentos, possuem renda superior à dos antigos moradores e usuários do lugar. Esse é um dos fatores que impulsionou uma série de transformações no setor terciário da economia neste fragmento da cidade.

1.3 Setor terciário: a coexistência entre novas e velhas formas

Alguns dos estabelecimentos fundados no contexto de um comércio de bairro, inaugurados até os anos 1990, se mantêm com a maioria dos seus aspectos originais, sendo as poucas alterações, geralmente na variedade dos produtos ofertados, com vista a atender uma nova demanda de clientes. São pequenos bares e mercearias, bicicletaria, sorveteria, fotocopadora, óticas, lojas de ferragens e alguns restaurantes, que permanecem com os mesmos serviços, administração familiar, poucos funcionários e donos vivendo no próprio bairro. Estes estabelecimentos localizam-se, sobretudo, nas áreas mais internas do bairro - entre o Largo e a Estação Pinheiros, nas ruas Pais Leme, Fernão Dias, Padre Carvalho e Ferreira Araújo. As entrevistas com funcionários destes comércios revelam a percepção de que houve intensa mudança no perfil socioeconômico dos clientes e que há uma tentativa de adequar-se às novas demandas do mercado. Assinalam que a forte concorrência impede que consigam atrair o novo público formado, majoritariamente - segundo eles -, de jovens vindos de outros lugares da cidade e com elevado poder de consumo.

Alguns estabelecimentos - localizados no entorno imediato do Largo, na Rua Martim Carrasco e na Avenida Faria Lima -, que permanecem em meio às transformações - a maioria bares e restaurantes - passaram por adequações a fim de atender os novos frequentadores do Largo. O gerente de um destes estabelecimentos, situado no cruzamento da Faria Lima com a Martim Carrasco, apontou claramente esta mudança no perfil dos frequentadores do lugar ao salientar que o proprietário precisou investir capital para se adequar às novas exigências do público. Para isso, reformou os espaços interno e externo do bar, trocou a mobília, reformulou o cardápio e o especializou o atendimento. Mudou também as bandas que fazem música ao vivo e os horários de funcionamento, tudo para ser atraente ao olhar do novo perfil de clientes. Estes estabelecimentos representam uma permanência, apesar da transformação para se integrarem às metamorfoses do lugar.

Além dos que permaneceram, com muitas ou poucas adequações, novos bares, restaurantes e comércios são inaugurados, atraídos pelas novas formas e dinâmicas do lugar - concentração de edifícios comerciais-empresariais e acesso facilitado pelo metrô - o que trouxe parcelas da população com perfil socioeconômico diferente das que frequentavam os antigos estabelecimentos.

A proprietária de um restaurante na Rua Padre Carvalho esclarece que abriu seu estabelecimento no início de 2016, pensando nesse novo perfil de frequentador do lugar. Esse caso aponta a realidade da quase totalidade dos novos restaurantes, enquanto nos dias de semana, no horário de almoço, atendem os trabalhadores dos novos edifícios comerciais-empresariais, aos fins de semana atendem o público que vem de outros lugares da cidade à procura de restaurantes da moda ou que apresentem conceitos diferenciados. Nesse sentido, observa-se que os estabelecimentos deste ramo, inaugurados a partir de 2012, são direcionados a esse novo público. São cervejarias especializadas, restaurantes conceituais, *pâtisseries*, cafeterias, empórios, coquetelarias, hamburguerias *gourmet* etc.

Na área que compreende a chamada Região Gastronômica do Baixo Pinheiros (RGBP) (mapa 3), delimitada pelas ruas Sumidouro, Costa Carvalho, Vupabussu e a Av. Faria Lima, são contabilizados⁵ 35 estabelecimentos do ramo alimentício, sendo 23 deles inaugurados a partir de 2012; e 15 entre 2015 e 2018. Entre 2007 e 2011, são 7 inaugurações. Desta maneira, constata-se que cerca de 85% dos estabelecimentos são inaugurados após 2007. Dos restantes, apenas 3 são anteriores ao ano 2000. A figura a seguir ilustra o desenvolvimento da gastronomia neste fragmento da metrópole.

⁵ Estes dados foram produzidos pelo autor a partir de coleta realizada em novembro de 2017 com a utilização do software *Google Maps*, com posterior conferência em campo em fevereiro de 2018. Em seguida, se fez pesquisa nominal de cada estabelecimento nos respectivos sites e, em alguns casos, via telefone. A tabela completa, com nomes dos estabelecimentos, endereços e ano de inauguração pode ser consultado nos anexos 1 e 2.

Figura 03. Região Gastronômica do Baixo Pinheiros.

Fonte: Estadão, 2014.

Nesse sentido, estes estabelecimentos - fundados a partir de 2012 - possuem algumas características⁶ em comum: a) em geral, utilizam imóveis alugados, antigas residências que são transformadas para uso comercial, com exceção dos estabelecimentos que fazem parte de grandes grupos empresariais, a exemplo da *NB Steak House* e *Delirium Café*, que estão em imóveis extensos e que foram projetados e construídos para uso exclusivamente comercial; b) possuem atendimento em inglês e espanhol, o que aponta para um perfil de frequentadores estrangeiros, possivelmente

⁶ As características referentes aos estabelecimentos da Região "Gastronômica do Baixo Pinheiros" foram baseadas nos diversos estudos de campo realizados na área, tanto de observação e registro escrito e fotográfico, quanto de entrevistas com e conversas "informais" com proprietários e clientes dos restaurantes.

turistas de negócio; c) fazem convênios com empresas do entorno, a fim de atrair seus funcionários como clientes; d) priorizam o *marketing* por redes sociais, principalmente o *Instagram* e o *Facebook*, o que pressupõe um consumidor jovem e que utiliza as redes sociais para conhecer novos restaurantes e bares; e) poucos estabelecimentos possuem *vallet*, e quase todos funcionam no período noturno, apontando para um perfil de cliente que, em geral, não utiliza automóvel próprio, mas chega ao lugar a pé - no caso dos trabalhadores das proximidades - e por transporte coletivo ou de aplicativo (Uber e 99 Taxi, por exemplo) - no caso frequentadores provindos de outros lugares da cidade.

Estas características indicam mudanças significativas no perfil socioeconômico dos frequentadores nesse entorno do Largo a partir de 2007, intensificando-se a partir de 2012, seja nos trabalhadores do entorno que utilizam estes estabelecimentos no horário do almoço e nos momentos de *happy-hour*, seja nos usuários que vêm de outros lugares da cidade, à noite e aos finais de semana, em busca de uma ampla gama de restaurantes e bares modernos e de estilo *gourmet*.

Na área delimitada pela Rua Sumidouro e pelas Avenidas Faria Lima, Eusébio Matoso e Marginal Pinheiros há maior heterogeneidade nos comércios e serviços, sendo que restaurantes e bares dividem espaço com variados tipos de comércio, sobretudo lojas de ferragens, madeireiras de acabamento e ferramentarias de construção, estas concentradas nas ruas Pais Leme (conhecida como rua das ferragens), Amaro Cavalheiro e Ferreira de Araújo, no entorno do SESC Pinheiros.

Nestas ruas são contabilizados 15 comércios de ferragens⁷⁷⁷, 4 madeireiras de acabamento e 3 lojas de material de construção de acabamento. Destes 22 estabelecimentos, 9 são fundados a partir de 2012, 7 entre 2007 e 2010, 4 entre 2001 e 2006 e apenas 2 antes de 2000. Interessante apontar que os estabelecimentos mais antigos, fundados antes de 2006, mantém a fachada, são empresas familiares e os produtos

⁷⁷⁷ O levantamento destes dados foi realizado em pesquisa de campo em dezembro de 2017.

oferecidos atendem a uma ampla gama de necessidades de clientes de baixo e alto poder aquisitivo, diferente dos estabelecimentos que foram fundados a partir de 2007, sobretudo a partir de 2012, que possuem produtos muito específicos e atendem preferencialmente clientes de alto poder aquisitivo. Estas empresas já foram abertas com atendimento e vendas *online* e serviços direto no imóvel do comprador, diferente das mais antigas, que ainda atendem presencialmente no estabelecimento e somente há poucos anos começaram a atender e vender via internet.

Nesta área, constatou-se uma ampla heterogeneidade de comércios e serviços, inclusive entre os bares e restaurantes que são muito diversos entre si e em relação à Região Gastronômica. Entre os 90 estabelecimentos dos ramos alimentícios contabilizados, destacam-se dois aspectos: a) 35 são inaugurados a partir de 2012, sendo 28 entre 2015 e 2018, e 13 entre 2007 e 2011, ou seja, 53% dos estabelecimentos são inaugurados após o início das transformações urbanas no Largo e seu entorno. Neste perímetro, destacam-se os 23 estabelecimentos inaugurados anteriormente a 2002, ou seja, 25,5% dos estabelecimentos, indicando uma porcentagem de permanências muito maior que na Região Gastronômica.

Os bares e restaurantes deste perímetro possuem características diferentes da área anterior (RGBP) em vários aspectos, a começar pelo grande número de estabelecimentos fundados antes de 2002, aproximadamente 25%, ou seja, há uma considerável permanência mesmo após as transformações trazidas pela expansão imobiliária, que, como já foi apontado, modificou intensamente a dinâmica comercial e social deste fragmento metropolitano. Os estabelecimentos gastronômicos deste perímetro atendem a uma diversidade muito maior de público se comparados aos estabelecimentos da RGBP, sendo difícil classificá-los e espacializá-los tipologicamente.

Dos 23 estabelecimentos inaugurados antes de 2002, quase todos estão em imóvel próprio, diferente dos estabelecimentos posteriores a 2012, que estão, em sua maioria, em imóveis alugados, o que aponta para transformações nas relações entre os setores da economia. Isso revela o

fato de que atualmente os empresários deste ramo preferem não imobilizar capital na compra do terreno ou do imóvel, característica que é constatada, desde os anos 90, nas áreas de expansão imobiliária em São Paulo.

Considerando todo o comércio do ramo gastronômico do entorno do Largo vale ressaltar que abriga 2 cervejarias paulistanas de médio porte (Cervejaria Nacional e Empório Alto de Pinheiros), outras quatro de pequeno porte (menos de 10 funcionários), fundadas nos últimos 3 anos, e 2 cervejarias internacionais, a estadunidense *Goose Island Brewhouse*, fundada em 2017, e a belga Delirium Café, fundada em 2014, ambas inauguradas após a conclusão das obras no Largo e entorno. Em reportagens realizadas na época das inaugurações, os responsáveis pelos projetos das cervejarias no Brasil explicam que a escolha pelo entorno do Largo se deu pela nova atmosfera do lugar, que atrai jovens, pela proximidade a outras cervejarias de Pinheiros e pela facilidade de acesso pelas estações de metrô. O projeto da *Goose Island* foi desenvolvido pelo paulistano Super Limão Studio e pelo escritório canadense McKinley Burkart, e segundo texto publicado pelo *Studio*:

O local escolhido pelo projeto foi o Largo da Batata, em consonância com a postura da marca de buscar inserir seus *brewpubs* em locais sob intensa transformação urbana. A primeira *brewhouse* em Chicago ocupava um espaço em uma antiga zona industrial em transmutação para uma região jovem e artística. A casa escolhida foi a última restante do processo de desapropriações do Metrô, com 10m de frente e 40m de fundo e uma lateral que virou a fachada do projeto, de frente para o Largo. (SUPER LIMÃO, 2016)

A partir da investigação realizada sobre o comércio no entorno do Largo, é possível afirmar que os estabelecimentos de gastronomia especializada inaugurados a partir de 2012 estão localizados preferencialmente nas ruas do entorno mais distante do Largo (a partir de duas quadras do Largo) enquanto os estabelecimentos que permaneceram, mesmo que com pequenas adequações, estão no entorno próximo (até duas quadras do Largo).

Para a maior parte dos estabelecimentos, sobretudo os restaurantes, a concentração de frequentadores é de segunda a sexta-feira e no horário

de almoço, entre 11 e 14 horas, o que é referendado pela proprietária de um restaurante na Rua Padre Carvalho ao apontar que 75% de sua receita mensal vêm deste período. Os frequentadores, em geral, são trabalhadores do entrono, sobretudo funcionários de empresas e comércios, além da Cetesb (Avenida Professor Frederico Hermann Júnior), que possui milhares de funcionários e que se localiza em área limítrofe à Região Gastronômica. Aos sábados, domingos e horários noturnos o perfil dos frequentadores é outro. As cervejarias, churrascarias e alguns restaurantes que funcionam nestes dias e horários, em geral, atraem público que vem de outros lugares da cidade.

As transformações impostas ao entorno do Largo pela expansão imobiliária e a consequente transformação no setor terciário, sobretudo do ramo gastronômico, aliadas às facilidades de acesso vão atrair empresas com conceitos modernos, como *coworkings* e *startups*.

1.4 Potatos Valley: o Largo como lugar das empresas de tecnologia

A partir de 2013, há uma intensificação de inaugurações relacionadas ao setor terciário superior da economia, em geral, empresas e serviços de tecnologia, com formas de atuação flexíveis, que antes não tinham este espaço como lugar de atuação, a exemplo, *coworkings*⁸ nacionais e estrangeiros e sedes de *startups* de pequeno e médio porte. Dados produzidos pela Revista Exame⁹, 2018, revelam que mais de 20 *startups* estão nas proximidades do Largo e que outros possuem sede nos 20 *coworkings* localizados em Pinheiros, 4 somente nas ruas que circundam o Largo e mais 3 no entorno de três quadras.

O mercado que envolve empresas *startups* tem algumas características que as diferenciam de outras empresas convencionais. As *startups* são formadas por grupos de pessoas, sobretudo recém ingressas

⁹ REVISTA EXAME. Potato Valley: Vale brasileiro atrai cada vez mais startups de tecnologia, 2018. Acesso em: <https://exame.abril.com.br/pme/potato-valley-vale-brasileiro-atrai-cada-vez-mais-startups-de-tecnologia/>. Acesso em: 25 de set. de 2018.

no mercado de trabalho, em torno da ideia de fundar um negócio que possa ser repetido (reproduzido) e que tenha o potencial de crescimento rápido, portanto, é um modelo que envolve muitos riscos e a necessidade constante de mudanças, ou seja, é um negócio que necessita ter flexibilidade em todos os seus aspectos. Nesse sentido, é interessante pontuar que uma parte considerável das *startups* em São Paulo funcionam dentro de *coworkings*, ou seja, utilizam espaço alugado e que podem ser aumentados ou diminuídos rapidamente de acordo com as necessidades da empresa, além de promover uma relação dos funcionários com membros de outras *startups* ou profissionais que compartilham o espaço.

Os dados, trazidos pela reportagem e produzidos pelo classificado de imóveis ZAP, mostram que 88% da demanda por imóveis no bairro de Pinheiros são para aluguel e a média do m² no mês de julho de 2018 é de 68 reais, bem acima da média de São Paulo, 42,9 reais, porém, encontram-se preços até 20% menores que no Itaim Bibi e na Vila Olímpia, constatando a informação que apareceu diversas vezes entre os proprietários de restaurantes entrevistados durante esta investigação.

Este processo em que as empresas preferem alugar e não comprar imóveis não é recente em São Paulo e tem sua explicação pautada na necessidade de não imobilizar capital no imobiliário. Quando se tratam de *startups*, que possuem alto risco e a possibilidade de crescer muito rapidamente, o aluguel é a única opção, seja o aluguel de um espaço comercial ou mesmo dentro de um *coworking*, processo este que é realizado, atualmente e de maneira concentrada, no entorno do Largo da Batata.

Nesse sentido, as entrevistas feitas pela reportagem com fundadores destas empresas indicam que essa concentração deve-se aos seguintes fatores: baixos aluguéis em relação às outras áreas da metrópole aptas a receberem empresas de tecnologia (sobretudo Itaim Bibi e Vila Olímpia), facilidade de acesso via transporte (estações de metrô, trem, terminal de ônibus e ciclofaixas), crescente sensação de segurança e uma atmosfera jovem e descontraída trazida, segundo eles, com os novos bares,

restaurantes e casas noturnas. É possível observar nos sites das *startups* e *coworkings* que a proximidade à USP também é considerada fator importante, além da unidade do SESC Pinheiros, indicada como um centro cultural e esportivo à disposição de todos. Este processo de concentração de empresas de tecnologia no entorno do Largo tem feito com que empreendedores, investidores e participantes do mercado de startups da capital paulista nomeassem o Largo de *Potato Valley*, em referência ao *Silicon Valley*, na Califórnia.

A concentração dessas atividades do setor terciário superior no entorno do Largo expõe as transformações que esse setor sofreu ao longo das últimas décadas, visto que esse fragmento metropolitano possuía como características o comércio popular e os serviços básicos.

Mapa 1.
Localização do Largo da Batata, vias e pontos de referência no entorno

Mapa 3.
Localização de estabelecimentos do ramo alimentício na área de estudo

CAPÍTULO 2. OPERAÇÃO URBANA FARIA LIMA E RECONVERSÃO URBANA DO LARGO DA BATATA: UM IMPULSO AOS NOVOS CONTEÚDOS DA CENTRALIDADE

A expansão imobiliário-financeira e as transformações dela decorrentes não são fruto de um processo natural do desenvolvimento da sociedade na cidade, ao contrário, são produtos das estratégias de sobrevida do capitalismo que enxergam no espaço urbano-metropolitano a possibilidade de se reproduzir continuamente.

Os atuais conteúdos socioespaciais, inscritos no Largo da Batata, acabam por indicar que as metamorfoses, pelas quais este fragmento metropolitano é submetido, possuem fundamentos no processo de Reconversão Urbana e na construção das estações do metrô, o que vai impulsionar toda ordem de transformações no Largo e entorno e, conseqüentemente, vai realocá-lo na hierarquia de lugares da metrópole.

A partir de 2007 a paisagem do Largo se transforma em um imenso canteiro de obras. Além da construção da Estação Faria Lima e das desapropriações de dezenas de imóveis, a morfologia do que conhecemos hoje como Largo da Batata começa a ganhar forma. As obras fazem parte do projeto Reconversão Urbana do Largo da Batata, parte da Operação Urbana Consorciada Faria Lima (OUCFL), criada em 1995 pela lei ordinária 11.732/1995 e que possuía como objetivos expressos:

[...] reorganizar os fluxos de tráfego particular e coletivo ao implantar o prolongamento da Avenida Faria Lima interligando-a às avenidas Pedroso de Moraes e Hélio Pellegrino até alcançar a avenida República do Líbano, além de construir terminal multimodal junto a estações da CPTM e Metrô. Também são objetivos importantes da Operação promover a reurbanização do Largo da Batata e urbanizar as favelas em seu perímetro, ou entorno imediato. (SÃO PAULO, 2010)

Para encaminhar a Reconversão, a Prefeitura Municipal de São Paulo abriu, em 2001, por meio da extinta EMURB (Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo), o “Concurso Público Nacional Reconversão Urbana do Largo da Batata” que teve como vencedor o projeto coordenado

pelo arquiteto-urbanista Tito Livio Frascino, que possuía como objetivos principais intervir no Largo a fim de melhorar, ampliar e promover qualidade ao espaço público. (PORTAL VITRUVIUS, 2002)

O projeto previa alterações significativas no Largo e entorno, destacando a construção de uma extensa esplanada entre as ruas Teodoro Sampaio e Pedro Cristi com edifício comercial, estacionamento subterrâneo, praça e um centro de eventos multiuso, além de calçadões em diversas ruas, algumas alterações de ampliação viária e um terminal de transporte intermodal ao lado da Estação Pinheiros.¹⁰ A imagem a seguir é parte do projeto de Frascino e revela o desenho das alterações sugeridas pelo arquiteto.

Figura 04 – Desenho do Projeto de Reconversão do Largo da Batata

Fonte: FRASCINO; WAKSMAN; FERIANCIC, 2013.

¹⁰ Um resumo do projeto, feito pelo próprio autor, pode ser encontrado no link: <http://fileserver.antp.org.br/5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf>.

Apesar do Concurso e da aprovação deste Projeto, o que se observa é que as transformações praticadas a partir de 2007 pelo poder público não levaram à risca o proposto pelo Projeto. As semelhanças se dão em parte das obras viárias, no terminal intermodal de Pinheiros e na praça entre Av. Faria Lima e a rua Berel Aizenstein, onde atualmente localiza-se a Estação Faria Lima. Os calçadões, a esplanada e os edifícios - comercial e multiuso - não foram realizados, além da arborização e da construção da mobília urbana sugerida.

2.1 Desapropriações: a viabilização de novos espaços

Nesse sentido, destaca-se que, a partir de 2004, o poder público inicia uma série de intervenções a fim de encaminhar as transformações no Largo: obras viárias na Avenida Faria Lima e processos de desapropriação de imóveis localizados na área de intervenção são o pontapé inicial.

Na área localizada entre a Avenida Faria Lima e a Igreja de *Mont Serrat*, havia três quarteirões com residências e comércios, os quais foram os primeiros a entrar no processo de desapropriação, que se deu de forma paulatina: o primeiro desapropriado e demolido foi o que estava mais próximo à Avenida Faria Lima, cedendo lugar à Estação de mesmo nome; já o segundo e o terceiro cederam lugar à grande área livre (praça) que se encontra entre a Igreja e a Estação. A figura 4 a seguir, retirada de imagens de satélite do *software Google Earth Pro*, demonstra esse processo.

A imagem de 2008 mostra uma das quadras triangulares quase totalmente desapropriada e as obras superficiais da estação do metrô em andamento. Em 2011 a estação já está em funcionamento e uma parte da quadra intermediária já foi desapropriada e parcialmente demolida. Em 2012 as três quadras já haviam sido desapropriadas e todos os imóveis demolidos. Em 2013, a rua Cardeal Arcoverde que dividia o Largo ao meio foi encerrada dando lugar a atual praça.

Figura 05 – Imagens retroativas das obras no Largo da Batata

Fonte: Google Earth Pro, 2008, 2011, 2012 e 2013, produção do autor.

As desapropriações na área da Reconversão Urbana foram iniciadas posteriormente à promulgação da Lei 13.769 de 2004, que alterou a Lei 11.732, de 1995, e dispõe sobre toda a área da Operação Urbana

Consortiada Faria Lima à luz do Estatuto da Cidade (Lei Federal 10.257), promulgado em 2001. São estas as leis que vão possibilitar que as contrapartidas sejam utilizadas como recursos através de outorga onerosa (Lei 11.732/1995) e CEPACS (Lei 13.769/2004).

No setor Pinheiros da Operação são contabilizados 185 imóveis desapropriados, como consta na figura 05 do grupo de gestão da Operação Urbana. Desses 185, uma parte considerável (1/4) era de imóveis da municipalidade, sendo os demais particulares, residenciais e comerciais.

Figura 06 – Imagens retroativas das obras no Largo da Batata

Fonte: SÃO PAULO, 2009.

Nos anos que se iniciaram os processos de desapropriação (2005 e 2006), a Prefeitura oferecia um valor próximo de 1 mil reais por metro quadrado de área construída como indenização, segundo alguns moradores relataram. Esse valor à época era muito inferior ao valor de mercado daqueles imóveis, indicando que, mesmo se não houvesse nenhum aumento dos preços na região, inviabilizaria que estes proprietários adquirissem outro imóvel no mesmo lugar.

Em visita ao Largo em 2009 o então prefeito Gilberto Kassab foi indagado sobre a desapropriação de alguns comerciantes e prontamente respondeu: “Eles poderão continuar na região porque prédios comerciais novos surgirão”.¹¹ Essa declaração sugere um certo despreparo do então prefeito com a realidade, pois é sabido que os preços dos aluguéis subiriam radicalmente, como ocorre comumente nas áreas de intervenções urbanas. Dessa forma, os moradores desapropriados e comerciantes do local que viriam a ser desapropriados não teriam meios financeiros, se baseados apenas nos valores de indenização, para voltar a morar ou ter comércios na região. Passados sete anos, constata-se que, de fato, o metro quadrado para aluguel ou compra/venda subiu vertiginosamente – segundo o índice FIPE-ZAP, entre 2009 e 2016, a variação positiva foi de 104,2% para aluguel e 229,1% para venda - o que fez com que a maioria dos moradores e comerciantes desapropriados fossem obrigados a buscar imóveis em outras áreas menos valorizadas da cidade.

Alguns anos antes, em 2005, alguns imóveis foram desapropriados para a construção da estação Fradique Coutinho (Linha Amarela do metrô) e o preço proposto pelo Estado também estava em torno de 1 mil reais por metro quadrado. Segundo reportagem do site UOL,

O empresário Horácio Cotait Ruggero, 48, é proprietário da empresa CR Acrílicos, que tinha como endereço a Rua dos Pinheiros, número 643, na zona oeste de São Paulo. Ele recebeu proposta para desapropriação de seu imóvel em 2005, para construção da Linha Amarela do Metrô (Estação Fradique Coutinho). Segundo ele, um representante do metrô – o perito – fez uma avaliação prévia pessoalmente e decidiu o valor do imóvel. O terreno de 90 m² foi avaliado em R\$ 90 mil (mil reais por metro quadrado). Ruggero diz que a indenização recebeu um acréscimo de 10% em relação ao valor inicial e que foi pedida a desocupação do imóvel. (ABBATE, 2010)

De fato, o preço oferecido pela Prefeitura não era suficiente para que o proprietário comprasse outro imóvel nas proximidades ou mesmo no

¹¹ Declaração dada, pelo então prefeito da capital paulista - Gilberto Kassab, ao Portal G1 em visita realizada ao Largo no ano de 2009. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL964252-5605,00.html>>.

entorno, mesmo à época do recebimento da indenização, muito menos com o passar dos anos. O aumento dos preços de aluguéis e venda de imóveis entre 2008 e 2016 é muito superior à inflação acumulada no período.

Esse aumento dos preços é produto direto das ações da Operação e da Reconversão Urbanas, que possibilitam a expansão imobiliário-financeira, como foi descrito anteriormente. Nesse sentido, destaca-se a ação do Estado, transformando o espaço (o próprio Largo) e alterando as normas e leis vigentes de modo a atrair investimentos para a construção de empreendimentos imobiliários, o que vai alterar profundamente os usos do espaço neste fragmento.

2.2 Os novos empreendimentos

Os 34 empreendimentos imobiliários lançados a partir de 2004 aparecem na paisagem de maneira contrastante à arquitetura do lugar. São edifícios que se destacam no horizonte pela altura e pelos padrões modernos de construção. Os comerciais-empresariais possuem a tendência arquitetônica das fachadas espelhadas e os residenciais ostentam extensas sacadas e varandas *gourmet* (em geral, são áreas que contemplam uma cozinha simples e apta a preparos rápidos e local com mesa e acessórios para pequenos eventos). Ambos se diferem completamente das construções que os antecederam até o século passado.

A área compreendida entre as estações Pinheiros e Faria Lima possuía uma paisagem repleta de casas e pequenos prédios comerciais que hoje aparecem espremidos entre as recentes construções, sendo as casas utilizadas por pequenos comércios e serviços: *hostels*, cabeleireiras, dentistas, advogados, clínicas de estética, cafeterias, lojas de roupas etc. Esses imóveis têm como características comuns, em geral: dois pavimentos, paredes geminadas, fachada estreita (meio lote) e a maioria não possui estacionamento para automóveis.

Figura 07 – Antigas residências que permanecem na região do Largo.

Fonte: O autor, 2016.

Os novos empreendimentos só foram possíveis com a intervenção do Estado por meio da implantação de Operações Urbanas Consorciadas as quais possibilitaram a construção para além do coeficiente básico descrito na lei de uso e ocupação do solo designada no Plano Diretor do Município. No caso em análise, essa possibilidade foi criada pela outorga onerosa em Certificado de Potencial Adicional de Construção (CEPACS), que equivale a uma determinada metragem adicional de construção ou modificação de uso ou parâmetros urbanísticos em terreno ou projeto.

No setor Pinheiros, onde está inserido o Largo, até setembro de 2018 já haviam sido consumidos 131.398,99 m² dos 286.695 m² disponibilizados para construções residenciais e 96.599,98 m² dos 96.600 m² disponibilizados para construções não-residenciais. Em números relativos, pode-se dizer que foram consumidos 100% do estoque não-residencial e 45,83% do residencial. A figura 7 mostra os valores para os quatro setores da OUCFL.

Figura 08 – Tabela dos estoques de área adicional para construção nos setores da OUCFL.

CONTROLE DE ESTOQUES DE ÁREA DE CONSTRUÇÃO ADICIONAL (ACA)										
SETORES	ESTOQUE MÁXIMO (m ²)		ESTOQUE CONSUMIDO (m ²)		ESTOQUE EM ANÁLISE (m ²)		ESTOQUE ESTIMADO DISPONÍVEL (m ²)		PORCENTAGEM CONSUMIDA	
	RESIDENCIAL	NÃO RESIDENCIAL	RESIDENCIAL	NÃO RESIDENCIAL	RESIDENCIAL	NÃO RESIDENCIAL	RESIDENCIAL	NÃO RESIDENCIAL	RESIDENCIAL	NÃO RESIDENCIAL
HÉLIO PELEGRINO	292.445,00	182.505,00	203.105,87	99.766,51	0,00	0,00	89.339,13	82.738,49	69,45%	54,67%
FARIA LIMA	288.190,00	73.715,00	91.948,15	73.714,27	0,00	0,00	196.241,85	0,73	31,91%	100,00%
PINHEIROS	286.695,00	96.600,00	131.398,99	96.599,98	0,00	0,00	155.296,01	0,02	45,83%	100,00%
OLIMPIADAS	190.440,00	95.565,00	67.853,82	95.563,13	2.275,19	0,00	122.586,19	1,87	35,63%	100,00%
TOTAL	1.506.155,00		859.950,72		2.275,19					

Fonte: SÃO PAULO, 2018.

Essa situação em relação aos CEPACS revela que o entorno do Largo encontra-se em consonância com o caráter comercial-empresarial do eixo sudoeste. Além disso, possui um forte incremento de adicional de construção residencial, o que pode ser constatado também pelo número de empreendimentos residenciais inaugurados a partir de 2004. (Anexo 3) Os novos empreendimentos residenciais, que são maioria - 59% entre os inaugurados a partir de 2000 nas proximidades do Largo -, podem ser tipificados em apartamentos tradicionais e *lofts* ou *studios*. O primeiro, em geral, é constituído por no mínimo 1 quarto, sala, cozinha e W.C. e o condomínio possui garagem, salão de festas, academia e portaria 24 horas, atraindo famílias. Os *lofts* e *studios*, por outro lado, são mais utilizados por uma ou no máximo duas pessoas que convivem em um ambiente sem divisória entre os cômodos e que podem ser utilizados como habitação e/ou escritório ao mesmo tempo. O condomínio oferece vários tipos de serviços *pay-per-use* de arrumação e pequenos reparos elétricos, hidráulicos, lavanderia, aluguel de bicicletas, carros etc.

Tanto os edifícios tradicionais quanto os *lofts* e *studios*, no entorno do Largo, estão à disposição de locatários e compradores com estratégias de *marketing* semelhantes, na qual se reforça a ideia de morar nas proximidades das estações do metrô, no eixo comercial-empresarial de São Paulo e em um bairro que se moderniza e desenvolve rapidamente, oferecendo uma ampla gama de serviços nas proximidades, utilizando, portanto, a centralidade que se tornou o lugar para chamar a atenção dos possíveis compradores.

No caso dos residenciais, o chamariz é a proximidade das estações de metrô, da Praça Victor Civita, do SESC Pinheiros (Serviço Social do Comércio) e de diversos bares e restaurantes, além da Vila Madalena. Os empresariais e comerciais exploram a proximidade ao eixo comercial-empresarial da metrópole e o acesso rápido às estações do metrô. Uma característica comum à propaganda dos novos empreendimentos é a caracterização do Largo, e seu entorno, como um lugar transformado, moderno, com importantes escritórios, e ampla gama de estabelecimentos gastronômicos da moda e com um comércio que vai do popular ao sofisticado e “descolado”.

Tabela 01. Frases principais utilizadas no marketing dos empreendimentos

Tipo	Inauguração	Marketing
Residencial	2013	"O empreendimento está próximo a uma completa infraestrutura, Shopping Iguatemi, Metrô Faria Lima, Shop. Eldorado, Estação Pinheiros, Parque e Shop. Vila Lobos e uma infinidade de facilidades."
Residencial	2013	"Moai é a exclusividade de escolher entre 44 apartamentos de alto padrão em um dos bairros mais nobres e charmosos da capital paulista."
Empresarial	2013	"Um bairro vibrante, com vida cultural e gastronômica variadas, para deixar sua rotina mais agradável."
Residencial	2013	"Um endereço com inúmeras possibilidades"
Residencial	2015	"Um projeto inspirado num período de transformação e na revitalização da região, que traz a harmonia entre os estilos pós-industrial e moderno"
Empresarial	2015	"Na esquina da Rua dos Pinheiros com a Rua Claudio Soares, de frente para a nova praça revitalizada do bairro está o TEOEMP."
Empresarial	2015	"O Grand Station está estrategicamente posicionado no consolidado bairro de Pinheiros, com fácil acesso a importantes avenidas."

Tipo	Inauguração	Marketing
Resid./Empr.	2016	"Pinheiros segue a vocação de acolher pessoas das mais diversas origens. Suas ruas abrigam de tudo um pouco: dos bares da moda a importantes escritórios, das lojas descoladas a um variado comércio popular"
Residencial	2016	"Um bairro nobre, moderno e pulsante que oferece a seus moradores tudo o que se precisa para viver bem. Mais cultura e diversão. Mais verde para o seu dia a dia."
Residencial	2017	"O primeiro Boutique Residences de São Paulo à altura dos mais requintados Hotéis Boutique internacionais. Luxo e conforto de uma residência com serviços personalizados no melhor local da Faria Lima"
Residencial	2017	"Homelike traz todos benefícios de estar na FARIA LIMA, uma das melhores e mais importantes regiões de São Paulo"
Residencial	2018	"Um bairro nobre, moderno e pulsante que oferece a seus moradores tudo o que se precisa para viver bem. Mais cultura e diversão. Mais verde para o seu dia a dia."
Empresarial	2018	"O Edifício Itamarajú é um empreendimento com alto padrão construtivo e uma excelente localização na região de Pinheiros"
Residencial	2018	"Em Pinheiros, um dos bairros mais bem localizados de São Paulo, e próximo à marginal homônima, Av. Faria Lima, Av. Rebouças e outros pontos. More próximo a restaurantes, museus, parques, estações de metrô, shoppings e conveniências para toda a família"
Residencial	2019	"O endereço fica no coração de Pinheiros, uma das regiões mais valorizadas de São Paulo, com infraestrutura completa de comércio e serviços."
Residencial	2019	"A região concentra lazer e restaurantes badalados, shopping centers e oferece qualidade de vida por estar entre os parques Vila Lobos e do Povo, além da praça Vitor Civita, que fica a 50 metros do empreendimento."
Residencial	2019	"O Retrato Pinheiros é sinônimo de estar bem localizado e conectado com toda a cidade e dispor de infraestrutura, mobilidade e qualidade de vida que você e sua família merecem. "
Empresarial	2020	"Próximo ao Shopping Eldorado/Estação do Metro Faria Lima /Estação do Metro Pinheiros e CPTM"

Fonte: Sites dos empreendimentos e de imobiliárias, 2017 e 2018¹².

A figura 9 é parte dos materiais de divulgação do *Studio Homelike*¹³, localizado na Rua Fernão Dias, a uma quadra do Largo.

¹² Os dados contidos nesta tabela foram coletados entre agosto de 2017 e junho de 2018 nos sites dos empreendimentos e de imobiliárias. A tabela completa pode ser consultada no anexo 3.

¹³ Este empreendimento foi inaugurado em maio de 2017 e possui *studios* de 34m² de espaço privativo e áreas de churrasqueira, fitness, lavanderia, salão de festas, piscina e bicicletário. Disponível em: <<https://www.coelhodafonseca.com.br/lancamento2-pinhoires-homelike-faria-lima-900379875>>.

Figura 09 – Panfleto de empreendimento residencial com desenho do entorno do Largo da Batata.

Fonte: Homelike, 2018¹⁴.

Os edifícios empresariais localizam-se prioritariamente nas proximidades da Avenida Faria Lima e das principais vias de acesso, como as ruas Butantã, Cardeal Arcoverde e a Marginal Pinheiros. São empreendimentos com alta tecnologia e aptos para receber sedes de grandes empresas e bancos. Desde o ano 2000, são 16 inaugurações no entorno do Largo, conformando a parte mais recente do eixo comercial-empresarial de São Paulo. Dois edifícios destacam-se pelo tamanho e pela imponência arquitetônica: o edifício sede da empresa Sulamérica e o *Thera Office*, localizados, respectivamente, na Avenida Faria Lima com Rua Butantã e na Rua Pais Leme.

¹⁴ Panfleto do empreendimento em que se ressalta, como atrativo à compra, à localização: "Uma das localizações mais desejadas de São Paulo". Disponível em: <<http://homelike.com.br/localizacao.php>>. Acesso em: 15 de jul. de 2018.

Figura 10 – À esquerda, edifício Sulamérica. À direita, edifício *Thera Office*.

Fonte: O autor, 2016.

As alterações no coeficiente básico construtivo (através dos CEPACS) possibilitou que estas edificações fossem construídas muito maiores do que as que eram produzidas até então, trazendo para o lugar um aumento populacional, seja de trabalhadores ou moradores, o que impõe uma série de implicações na mobilidade e no comércio.

2.3 Transformações no setor terciário

No entorno do Largo observa-se uma série de mudanças importantes no padrão comercial, influenciadas pela verticalização e pelo aumento de transeuntes, o que foi viabilizado pelas intervenções urbanas a partir de

2007, mas ganhou força a partir de 2013, com a finalização das principais obras da Reconversão Urbana.

Até meados da primeira década dos anos 2000, uma parte considerável dos estabelecimentos caracterizava-se por um caráter popular e familiar, com grande parte dos proprietários sendo moradores do próprio bairro, a exemplo da ótica “Fotolândia” que se localiza no mesmo local, em frente à igreja de *Mont Serrat*, e sob a responsabilidade da mesma família há mais de 70 anos. Em 2007, o proprietário, senhor Kirio Haiashida, em entrevista ao portal de notícias G1¹⁵, mostrava-se preocupado com a possível desapropriação, visto que o imóvel estava na área da Reconversão Urbana.

Nos anos finais das principais transformações ocasionadas pela Reconversão (2012 e 2013), houve uma concentração de inaugurações de novos comércios com características diferentes dos antigos e que acabaram por reforçar as transformações impostas ao lugar. Nas ruas que margeiam o Largo e, conseqüentemente, a estação do metrô, verifica-se a inauguração de três estabelecimentos de compra rápida - Carrefour *Express*, *Americanas Express* e Mini Mercado Extra -, todas de grandes redes de supermercados, indicando essa mudança do padrão comercial, além de que o Largo se mantém, apesar das mudanças nos conteúdos, um lugar de passagem de grande contingente de pessoas. Como informam os sítios digitais desses estabelecimentos, são lugares sem estacionamento, para compras pequenas, rápidas e localizam-se em áreas de intensa circulação de pessoas.

A quadra anexa ao Largo, entre as vias Faria Lima, Sumidouro e Fernão Dias, também passou por modificações e tornou-se representativa das transformações comerciais e da vida cotidiana do lugar. Alguns destes estabelecimentos que se tornaram típicos a partir dos anos 1980, como casas de *shows*, sobretudo de bandas de forró, salões de beleza, bares e

¹⁵ Comerciantes do Largo da Batata, em SP, dizem ter perdido clientes com obras. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL964252-5605,00.html>>, acessado em agosto de 2016.

pequenos restaurantes e casas de prostituição foram mudando de lugar e, poucos resistiram - com muitas dificuldades - às metamorfoses que tomaram conta do lugar a partir de 2007. Atualmente, e ainda diante de constantes transformações, é possível delimitar os espaços que ficaram destinados às pessoas de menor ou maior renda. Constata-se que os espaços destinados ao uso de parte da população de menor renda tornaram-se diminutos, enquanto os novos bares, restaurantes e comércios ganham espaço e atraem para o lugar pessoas que antes não o frequentavam, sejam os novos trabalhadores das empresas recém-instaladas no entorno, sejam pessoas que chegam ao Largo pelo acesso facilitado pelo metrô.

A face da quadra voltada para a Avenida Faria Lima que era, até o início dos anos 2000, uma centralidade de encontro de migrantes nordestinos e trabalhadores após o fim do expediente, e contava com inúmeros comércios, está ainda em constante transformação. O período, delimitado entre os anos de 2012 e 2016, caracteriza-se pela permanência de apenas um salão de beleza e um prostíbulo, por inúmeros imóveis fechados com placas de locação e/ou venda e pela instalação de dois novos estabelecimentos: uma academia de *Crossfit* e um bar-restaurant que oferece shows de *jazz, blues, drinks* e petiscos requintados. Atualmente, mais alguns comércios foram inaugurados: uma oficina mecânica, dois bares e dois prostíbulos. Aparentemente, especificamente nesta quadra, os comércios que saíram durante as obras da Reconversão estão retornando, desta vez com as fachadas reformadas e os serviços adequados aos novos públicos, de maior renda, que também frequentam o lugar.

Essa mudança no padrão dos estabelecimentos é parte do processo de reprodução do lugar e, neste caso, induzida pelas transformações encaminhadas pelas intervenções urbanas que possibilitaram a expansão imobiliária e a chegada de novas empresas e moradores. Nesse sentido, as mudanças não ocorrem apenas na paisagem, na morfologia e no comércio, transformam também a prática socioespacial.

No entorno de duas a cinco quadras do Largo, diversos novos estabelecimentos representativos desse novo comércio distinguem-se dos antigos por oferecer tipos de gastronomia que estão na moda (hamburguerias *gourmet*, coquetelarias etc.), para satisfazer públicos de maior renda, indicando quem são os novos frequentadores do lugar.

Estes novos estabelecimentos do ramo alimentício, capitaneados por grandes e médios empresários, dão forma ao que eles denominam Região Gastronômica do Baixo Pinheiros, área compreendida entre a Avenida Pedroso de Moraes e a Marginal Pinheiros. Vale ressaltar que os novos restaurantes são, em geral, propriedade de empresários que possuem diversos deles espalhados por São Paulo ou na mesma região, caso do empresário Luiz Carlos Bianchi¹⁶, que possui cinco bares no entorno do Largo, e o objetivo dos mesmos é atender o novo público de maior renda que chegou ao lugar nos últimos anos.

A expansão imobiliária e a consequente expansão dos novos comércios, junto às intervenções urbanas que as induziram, produzem, também, o processo de aumento dos preços dos aluguéis, o que se pode constatar em todo o entorno do Largo.

Assim, além dos desapropriados, parte considerável dos antigos moradores precisou mudar de bairro pela impossibilidade de arcar com esse aumento, o que pode ser constatado nos estudos de campo, sobretudo nas conversas e entrevistas realizadas com os poucos moradores que conseguiram permanecer no entorno e resistir a esse processo. Interessante pontuar que os encontros com estes antigos moradores sempre se deram nos poucos botecos antigos que resistiram às transformações e ao aumento dos aluguéis. Por resistirem, tornaram-se ponto de encontro dos antigos moradores.

Estas sutis permanências, que podem ser observadas na arquitetura das casas, nos insistentes botecos, sorveterias e mercadinhos também se

¹⁶ Empresário é dono de cinco estabelecimentos no Largo da Batata. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/luiz-bianchi-largo-batata-empresario>, Acesso em 15 de dez. de 2016.

realizam na prática, sobretudo nas ruas internas, distante das vias principais de acesso. Esses lugares guardam em si as marcas do passado, suas histórias e memórias, registrando e mantendo, ainda que como resquício, usos pouco comuns ao lugar transformado, como a presença de idosos se encontrando nos botecos, jogando dominó, cartas e conversando sobre a vida. Possuem esses pontos de encontro como parte habitual do dia-a-dia. Aos sábados e domingos, principalmente, os botecos enchem de moradores e ex-moradores que se encontram para conversar, relembrar um passado nostálgico.

Em alguns momentos pôde-se presenciar os moradores conversando sobre os antigos vizinhos que precisaram se mudar do bairro. Apontam que saíram e deslocaram-se para outros bairros onde tinham a possibilidade de alugar um imóvel por um preço menor. Dizem que alguns deles foram para o Butantã e o Rio Pequeno e outros mudaram de cidade, foram para Osasco, Cotia e Taboão da Serra. Citam o exemplo de duas famílias que se mudaram para a Lapa e para a Freguesia do Ó e voltam para reencontrar os amigos, na rua Ferreira Araújo, no último sábado do mês, dia feijoada e de reencontro entre quem permaneceu e quem deixou o lugar.

A palavra “mudar” aparece nos primeiros momentos de diálogo com qualquer morador antigo do entorno do Largo da Batata. Um deles, cheio de saudosismo, apresenta-nos sua vida como exemplo do que se tornou a região. Apesar de sentir o peso das transformações do bairro na sua própria vida, aponta que as transformações são benéficas, pois o lugar se tornou mais moderno com as reformas e a chegada da estação de metrô. Uma das primeiras indicações deste antigo morador (desde 1961 na mesma casa) é que nenhum dos seus amigos do bairro continuam morando lá. Aponta que o bairro sempre foi movimentado e que o Largo é, há muito tempo, local de aglomeração de pessoas, principalmente de trabalhadores que se transportam por transporte coletivo, quanto de pequenos comerciantes que veem ali a oportunidade de se beneficiar do alto trânsito de pessoas.

Por fim, a relação entre a Operação Urbana Faria Lima e a Reconversão Urbana do Largo da Batata induzem, através da flexibilização

das leis que regem o solo urbano e das melhorias viárias e de serviços públicos, um processo de expansão imobiliário que, por sua vez, traz, junto a chegada das estações do metrô, uma reestruturação do setor terciário em todo o entorno do Largo. Estes processos, de maneira diferencial, vão produzir uma valorização deste fragmento metropolitano em relação ao que era antes das transformações e em relação a outros lugares centrais da metrópole.

2.4 O aumento no preço dos aluguéis e a valorização do entorno

Essa valorização do espaço, que foi sentida e vivida particularmente por quem morava no Largo, pode ser exposta numericamente através do índice FIPE-ZAP que aponta que a variação (aumento) nos preços dos aluguéis, no distrito de Pinheiros, entre janeiro de 2008 e fevereiro de 2016 foi de 104,2% nos aluguéis e 229,1% nos preços de venda. A variação, para as mesmas datas, para o município de São Paulo foi de 90,1% nos aluguéis e 224,8% nos preços de venda. A variação da inflação no mesmo período foi de 60,19%, segundo o IPC-FIPE Geral (Índice de Preços ao Consumidor).

Em julho de 2016, segundo o índice FIPE-ZAP, o preço do metro quadrado em Pinheiros estava em torno de 10.342 reais para venda e 46 reais para aluguel. Visto que os dados são uma média para todo o distrito de Pinheiros, pode-se inferir que, pelo processo ocorrido, as taxas de valorização no entorno do Largo da Batata são ainda maiores. A seguir, a tabela 02 mostra, a partir de dados coletados pelo autor, os preços de imóveis no entorno do Largo, seja para venda ou aluguel.

Tabela 02 – Preços (por m²) de aluguel e venda de empreendimentos inaugurados a partir de 2013 no entorno do Largo da Batata¹⁷

Endereço	Tipo	Inauguração	Aluguel (R\$/m ²)	Venda (R\$/m ²)
R. Fernão Dias, 323	Residencial	2013	75	14.000
R. Ferreira de Araújo, 1000	Residencial	2013	77	15.000
R. Nicolau Gagliardi, 432	Residencial	2013	58	14.000

¹⁷ A tabela completa com os empreendimentos inaugurados a partir de 2000 e com o nome das construtoras e das incorporadoras está no anexo 3.

R. Cardeal Arcoverde, 2811	Empresarial	2013	55	-
Av. Faria Lima, 1336	Empresarial	2013	100	-
Rua Cardeal Arcoverde, 2450	Empresarial	2014	68	12.883
R. dos Pinheiros, 1673	Empresarial	2015	-	-
R. Gilberto Sábio, 215	Empresarial	2015	92	-
R. Pais Leme, 215	Res./Emp.	2016	66	17.000/10.000
R. Eugênio de Medeiros, 292	Residencial	2016	-	12.000
Av. Eusébio Matoso, 218	Residencial	2017	-	18.000
R. Fernão Dias, 431	Residencial	2017	73	15.000
R. Butantã, 468	Empresarial	2017		
Rua Cardeal Arcoverde, 2365	Empresarial	2017	86	16000
R. Eugênio de Medeiros, 288	Residencial	2018	-	15.000
R. Butantã, 434	Empresarial	2018	85	-
Av. Eusébio Matoso, 786	Residencial	2018	-	17.000
Av. Rebouças, 3.026	Residencial	2019	-	25.000
R. Eugênio de Medeiros, 601	Residencial	2019	-	-
R. Gilberto Sábio, 65	Residencial	2019	-	12.000
R. Butantã, 210	Empresarial	2020	-	-

Fonte: Sites da internet e imobiliárias, 2017 e 2018¹⁸.

Esse processo de aumento do preço dos aluguéis produziu o movimento de saída de parte dos moradores que viviam nas proximidades do Largo, como se pode constatar na fala dos moradores¹⁹, no gráfico do índice Fipe-ZAP e na manchete de jornal a seguir.

¹⁸ Os dados contidos nesta tabela foram coletados entre agosto de 2017 e junho de 2018 em diversas imobiliárias que atuam em Pinheiros e nos *show-rooms* dos empreendimentos. A coleta nas imobiliárias foi realizada por telefone e ou nos sites das mesmas, portanto, podem variar à medida que diversos fatores podem alterar o preço inicial.

¹⁹ Em conversas com um morador da Rua Ferreira Araújo, que vive no bairro desde 1971, a alta do preço dos aluguéis foi tema constante. Segundo ele, além das pessoas que tiveram seus imóveis desapropriados, muitos dos vizinhos tiveram que se deslocar para outros lugares da cidade. Aponta também o fato de que os antigos imóveis residenciais se transformaram em comércio e que as áreas mais internas do bairro ficam desertas durante a noite, principalmente durante a semana.

Figura 11 – Gráfico do Índice Fipe-ZAP e manchete de jornal.

variação do preço do m²

apartamento, pinheiros, aluguel, n° de quartos indiferente

ESTADÃO SÃO PAULO » Após 6 anos, imóvel vale 105% a mais

f t ... Q ENTRAR

Após 6 anos, imóvel vale 105% a mais

O empresário José Carlos Garcia, de 62 anos, viu o valor de seus dois apartamentos subir ano a ano na Rua Fernão Dias, a dois quarteirões do Largo da Batata, na zona oeste. "Ouí falar na revitalização, mas era algo que ninguém sabia direito. Acreditei e valeu a pena", afirma o empresário, que trabalha a poucos minutos de casa. "Comprei o primeiro em 2004 e me deu um "estalo" quando vi o número de prédios que estavam sendo construídos. Passou uma semana e comprei outro."

Fonte: Índice Fipe-ZAP, 2016²⁰ e BRANDALISE, 2010.

O mesmo processo que forçou a saída de moradores acarreta, também, a partida de pequenos comerciantes, que, na mesma situação, não conseguem mais arcar com o aumento no preço do aluguel. Caldeira escreve que:

Mercearias, panificadoras, pequenos bares e restaurantes assim como as pequenas oficinas, alfaiates, sapateiros, lojas de armarinhos são uma visão cada vez mais rara na paisagem da região. Empreendimentos com taxas de retorno tipicamente baixas e remanescentes de uma sociedade com hábitos de consumo operando em um tempo lento (CACHINHO, 2010), em simbiose com as próprias redes de relacionamentos da vizinhança, parecem perder sua vez frente à reestruturação simbólica promovida pelas intervenções recentes para a "requalificação urbana" do Largo da Batata (inclusive IV Colóquio Internacional sobre o

²⁰ O Índice FIPE ZAP de Preços de Imóveis Anunciados é o indicador de preços de imóveis - o principal termômetro do mercado imobiliário brasileiro - produzido em parceria entre a FIPE e o ZAP Imóveis. Disponível em: <<http://www.zap.com.br/imoveis/fipe-zap/>>. Acesso em: 08 de nov. de 2016.

comércio e cidade: uma relação de origem 7 com a chegada do Metrô à região), mas também, objetivamente, pela exacerbação do interesse do mercado imobiliário pela área, interesse que estava há muito adormecido e que foi despertado. No relato de um antigo comerciante: Não vai dar mais para pagar o aluguel aqui, e o meu público já está desaparecendo. Minha família está neste mesmo endereço há pelo menos três décadas, quando aqui era um reduto japonês. Meu avô contava que o largo cheirava a shoyu e missoshiru. Já meu pai viu isso aqui florescer, viu todo o movimento que chegou com os ônibus, com a imigração nordestina. Agora, eu vejo essa história sumir. (BRANCATELLI, 2009) Na mesma reportagem, relata o jornalista que: O largo que há tempos não tem mais batatas agora também está perdendo parte da personalidade: ao mesmo tempo em que a degradação desapareceu, estão sumindo a olhos vistos hábitos e práticas antigas. São profissões e ofícios que resistiram ao tempo, mas não à falta de clientes. (Ibid.) (CALDEIRA, 2013, p. 6 e 7)

Esse processo de valorização dos imóveis residenciais e comerciais-empresariais, junto à chegada de comércios, sobretudo restaurantes - voltados a pessoas de maior renda - forçou não somente a saída de inúmeras famílias, mas também alterou toda a vida social que havia no lugar. As pessoas, os comércios, as áreas de lazer, tudo se transformou. Na fala de um morador, elitizou-se, tornou-se *gourmet*. Precisamente, é possível afirmar que houve uma mudança do perfil socioeconômico das pessoas que usam e se apropriam deste fragmento da metrópole de São Paulo, seja nos seus espaços públicos ou privados. Nesse sentido poderíamos apontar um processo de gentrificação *ipsis litteris*.

Esse processo, entretanto, não ocorreu sem inúmeros conflitos entre a população que vivia no lugar, os trabalhadores informais (ambulantes) e o Estado, em geral, a municipalidade.

2.5 A expulsão e o possível retorno dos ambulantes

O Largo da Batata ficou conhecido, a partir dos anos 80, como um lugar de comércio popular. Os ambulantes, que chegaram a ser milhares nos anos 90 no entorno dos antigos terminais de ônibus eram parte importante desta centralidade comercial. Esse comércio ambulante era reconhecido pela sua heterogeneidade que era composta por barracas de

alimentos, bebidas, raízes medicinais, roupas, mídias de áudio e vídeo, ferramentas para pedreiros, marceneiros, ferreiros e feiras livres. Estes comércios estendiam-se pelas ruas Cardeal Arcoverde, Teodoro Sampaio e todo o entorno dos terminais municipal e metropolitano.

A partir do início das intervenções no Largo intensificou-se as tentativas de reduzir e até mesmo eliminar esse tipo de comércio do lugar, o que pôde ser constatado através das inúmeras burocracias impostas aos camelôs, a intensiva fiscalização e repressão policial. Nesse sentido, o Jornal O Estado de São Paulo, em fevereiro de 2012, noticia que:

Em protesto contra a administração municipal, ambulantes programaram uma manifestação na Câmara, no centro, amanhã, às 13h. De lá, seguirão para a Prefeitura, no Viaduto do Chá. "Queremos saber para onde vão nos mandar, quem vai pagar nossas contas. Somos trabalhadores e queremos respeito", afirmou o ajudante de camelô Gilberto da Silva Oliveira Junior, de 23 anos. Ele ajuda a mãe em uma barraca no Largo da Batata, em Pinheiros, na zona oeste. (ESTADÃO,2012)

Observou-se que até meados de 2015 o movimento principal era o de saída massiva dos vendedores ambulantes, principalmente os que se localizavam no perímetro do Largo. Diversas foram as ações da Prefeitura e Subprefeitura de Pinheiros, por meio de fiscalização e repressão policial, para que os vendedores desocupassem seus postos. Além da expulsão de centenas de camelôs irregulares (sem documentação prevista pela legislação municipal), mais de 300 licenças para ambulantes foram cassadas pela Prefeitura somente no ano de 2012, nesta região da cidade, segundo o Sintesp (Sindicato dos Permissionários em Postos Fixos nas Vias e Logradouros Públicos do Município de São Paulo)²¹. Esse movimento de expulsão do comércio ambulante não é uma novidade em áreas de intervenção urbana. Ao analisar os Boletins da Subprefeitura de Pinheiros (SÃO PAULO, 2009 e 2010) é evidente que os camelôs são tratados como

²¹ Em São Paulo, camelôs planejam manifestação contra subprefeitos de Pinheiros. Disponível em: <<http://poderonline.ig.com.br/index.php/2012/04/16/em-sao-paulo-camelos-planejam-manifestacao-contra-subprefeito-de-pinheiros/>>. Acesso em: 15 em jul. de 2016.

um empecilho, uma estada degradante, portanto, presença a ser expulsa, eliminada do lugar. O objetivo, claro, é limpar a área, retirar tudo o que não corresponde aos interesses da expansão da iniciativa privada, dos novos empreendimentos e da nova classe social que se apossará do Largo.

A reportagem de agosto de 2007 explica que a operação de combate aos ambulantes retirou pacificamente mais de mil ambulantes do Largo da Batata e da Rua Teodoro Sampaio em uma operação conjunta entre Prefeitura, Polícia Militar, CET e Guarda Civil Metropolitana. Acrescenta que a Subprefeitura de Pinheiros instalou uma base operacional para a Guarda Civil e a Polícia Militar e que o próximo passo é pintar e arborizar o Largo. A notícia de janeiro de 2009 comemora a saída dos ambulantes irregulares e diz que o largo e seu entorno serão revitalizados. A notícia de julho de 2010 diz que um convênio entre a Prefeitura e a Polícia Militar vai aumentar a fiscalização e acabar com o comércio irregular no Largo.

Figura 12 – Notícias publicadas em Boletim da Subprefeitura de Pinheiros.

Está mudando

Nada de comércio irregular. O Largo da Batata (*foto*) está começando a ser revitalizado, após a retirada dos ambulantes que trabalhavam ali irregularmente. As ruas do entorno também serão reformadas.

PM: ação intensa no Largo da Batata

O comércio irregular de ambulantes no Largo da Batata vai acabar. Um convênio entre a Prefeitura e a Polícia Militar aumentou a fiscalização na região e vai por fim aos camelôs irregulares que tanto atrapalhavam a circulação de pedestres na região. Trechos das ruas Cardeal Arcoverde e Teodoro Sampaio também estão na mira dos fiscais.

Fonte: SÃO PAULO, respectivamente, 2009 e 2010.

Apesar da expulsão dos vendedores ambulantes até 2015, observa-se a partir de 2017, com o retorno de muitos pontos de ônibus, uma sensível volta do comércio ambulante ao entorno do Largo, sobretudo nas proximidades da Estação Faria Lima. Estes ambulantes não são fixos no local, aparecem geralmente nos horários de pico de movimentação e trabalham com alimentos e bebidas industrializados.

A intensificação das transformações socioespaciais por meio de projetos urbanos no Largo da Batata conjuga relações, sobretudo econômicas, em várias escalas do processo de reprodução do capital, ou seja, as transformações que se realizam na escala do lugar, impactando profundamente a vida cotidiana das pessoas, são pensadas e articuladas entre as escalas mundial e metropolitana. Nesse sentido, esta investigação caminha o olhar para o fragmento em busca das pistas que levam as determinações mais amplas da reprodução do espaço urbano-metropolitano. Carlos afirma que,

A análise do processo de reprodução do espaço urbano nos coloca diante de transformações profundas, passíveis de serem apreendidas no plano da vida cotidiana, uma vez que cada sujeito se situa em um espaço, o lugar permite pensar os atos da vida – o habitar, o trabalho, o lazer – como situações vividas; tudo isso revela, no nível da vida cotidiana, os conflitos do mundo moderno. Desse modo, a análise da metrópole se revela na simultaneidade e multiplicidade de lugares que se justapõem e interpõem, gerando situações de conflito, mas também revelando em seus fragmentos o mundo do vivido, “onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, onde é produzida a existência social dos seres humanos” (Carlos, 1996). As novas formas que a metrópole assume em sua metamorfose e se revela enquanto transformações nos modos de apropriação do lugar da vida, portanto, aparecem no miúdo, no banal, no familiar, refletindo e explicando as transformações da sociedade, o que aparece como desafio à análise do mundo moderno, exigindo um esforço de interpretação que tente abordá-la em sua multiplicidade de formas e conteúdos, em sua dinâmica histórica. Nos fragmentos, as peças se articulam como caleidoscópio, formando um quadro sempre cambiante, que ganha sentido exatamente pelo movimento. (CARLOS, 2001, p.50)

As transformações que são observadas no fragmento, no mais banal da vida cotidiana, portanto, são produtos de estratégias políticas e

econômicas gestadas entre o Estado, possibilitador da mobilização das leis sobre a terra urbana e o capital (privado), através das construtoras e incorporadoras, em geral de capital aberto na bolsa de valores, que promovem a expansão imobiliária. Estas estratégias, no caso do Largo da Batata, são iniciadas no final dos anos 90 de forma mais sistemática, através da disseminação do discurso do se tratar de um lugar caótico e degradado.

Esta cidade, concebida e realizada, em fragmentos, pelos agentes hegemônicos desta produção do espaço, produzem-na tendencialmente como homogênea, tanto nas formas – produção abstrata e repetitiva de vias, edifícios e paisagismos -; quanto nos conteúdos – produção de leis, normas e relações que limitam e impedem a sociabilidade e apropriação do espaço. No século XIX, no livro *Coketown*, Charles Dickens descreve a avassaladora tomada de Londres pelo processo de industrialização.

[...] algumas ruas grandes, todas muito parecidas, e ruas muito pequenas, ainda mais parecidas, habitadas por pessoas igualmente parecidas, que chegavam e saíam todas as mesmas horas, fazendo o mesmo som nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem todos os dias eram iguais à véspera e ao dia seguinte, e todos os atos eram a imagem do ano anterior e do subsequente. (DICKENS, 1975, p. 94)

CAPÍTULO 3.

A PRODUÇÃO DA CENTRALIDADE NA HISTÓRIA: COMÉRCIO E CIRCULAÇÃO

O processo de formação e consolidação de centralidades é dinâmico e histórico, requer a periodização como ferramenta metodológica. (SERPA, 2011, p. 103)

A afirmação de Serpa sinaliza um desafio à análise da reprodução do espaço urbano metropolitano, a partir das centralidades, quando a localiza como fruto de uma produção social, portanto, resultado de um lento e cotidiano processo de apropriação do espaço. Nesse sentido, aponta para uma necessidade de periodizar, estabelecer a dinâmica dos tempos históricos de formação e consolidação da forma centralidade.

A aproximação com a realidade presente, a partir da descrição das transformações socioespaciais no Largo e seu entorno, possibilitou observação na paisagem e na prática socioespacial, de uma série de camadas históricas, contínuas e descontínuas, o que impõe a esta investigação a necessidade de um retorno histórico para periodizar os momentos constituintes das formas e dos conteúdos que fundamentam a centralidade do Largo atualmente.

Este movimento foi realizado a partir do método progressivo-regressivo²², com vistas a encontrar o fundamento da produção deste

²² Tal método, segundo Lefebvre (1971), foi indicado e realizado por Marx em algumas de suas obras, e ficou explícito em seu principal trabalho metodológico, *O método da Economia Política*, na introdução do Grundrisse, produzido entre 1857 e 1858. Neste texto, Marx indica que as categorias de análise elaboradas para a compreensão da sociedade burguesa, a mais desenvolvida e complexa que temos notícia, é capaz não só de compreendê-la, mas também de analisar todas as sociedades anteriores, desaparecidas. Marx explica que: "A sociedade burguesa é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica da produção. Por essa razão, as categorias que expressam suas relações e a compreensão de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [que] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já for conhecida." (MARX, 2011, p.58)

fragmento metropolitano e, conseqüentemente, suas novas determinações, seus conteúdos e seu novo lugar na hierarquia dos lugares da metrópole.

Nesse sentido, pode-se indagar o motivo de um lugar sofrer tantas tentativas de intervenções urbanas, algumas realizadas na prática e outras não, mas as tentativas de reformar, reconstruir e renovar esse fragmento foram muitas. A resposta, inequivocamente, aponta para localização do Largo no tecido urbano-metropolitano: exatamente no eixo de expansão imobiliário-financeiro de São Paulo e a sua história como uma centralidade que, transformando-se, avançou pelo século XX e adentrou ao XXI com novos conteúdos.

O início da constituição do Largo como centralidade remonta às primeiras décadas do século XX, momento em que foram fundados o Mercado Caipira (1910) e a Cooperativa Agrícola de Cotia (1927), o que trouxe para esta região de Pinheiros parte significativa da produção de hortaliças, frutas e legumes dos arredores de São Paulo. Nesse momento da história, o Largo é constituído como uma centralidade comercial, sobretudo da região oeste da cidade. Na década de 1930, um importante evento para o Largo, e que fortalece a centralidade em relação a outros lugares da cidade, é a chegada do bonde elétrico que fazia a ligação com a região central. Nesse momento, o Largo é melhor integrado ao tecido urbano de São Paulo e sua importância como centro de comércio e mobilidade ganha força.

Com o final das obras de retificação²³ e canalização do Rio Pinheiros, o bairro recebeu uma extensa área, que hoje localiza as ruas Butantã, Cardeal Arcoverde e Eusébio Matoso, e que foi colocada à disposição da ocupação comercial e residencial, ou seja, à disposição do adensamento imobiliário (REALE, 1982 e PETRONE, 1963).

Nesse sentido, Petrone (1963) assegura que o adensamento populacional desta parte da cidade impulsionou a transformação das

²³ Segundo Seabra (1987), as obras de retificação foram aprovadas e permitidas por Lei em 1927 e começaram a ser praticadas em 1929, pela *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Ltda*, estendendo-se até 1943, quando são finalizadas e grandes áreas de várzea são disponibilizadas para a expansão da ocupação comercial e residencial.

edificações no entorno imediato ao Largo. A necessidade de adensar o entorno da centralidade fez com que muitas construções térreas fossem demolidas para produzirem-se edifícios com mais de dois pavimentos. Petrone escreve que “a paisagem urbana [no entorno do Largo] é caracterizada pela densidade do casario, pelo compartilhado dos arranha-céus que começam a surgir, pela riqueza da vida comercial e especialmente pelo extraordinário movimento” (PETRONE, 1963, p. 124). Nesse movimento, em 1959, o bairro de Pinheiros é oficializado pela Prefeitura como um subcentro (REALE, 1982), o que demonstra que já exerce certa influência sobre outras áreas da cidade, prioritariamente a zona oeste que se expande para além do rio Pinheiros.

O mapa de área urbanizada de São Paulo entre 1950 a 1962 (figura 13) mostra a expansão do tecido urbano da cidade, identificando a área onde se localiza o Largo da Batata como sendo urbanizada na década de 50, assim como a expansão para além-rio Pinheiros.

Figura 13 – Mapa da área urbanizada no município de São Paulo entre os anos de 1950 e 1962.

Fonte: SÃO PAULO, 2004.

A figura 14, de 1958, consegue trazer a dimensão do adensamento do entorno Largo, o que inclui as vias principais (Eusébio Matoso, Cardeal Arcoverde, Teodoro Sampaio e Butantã) e as muitas ruas internas ao bairro, que expressam quarteirões pequenos e densamente utilizados. Esse adensamento imobiliário residencial e comercial pode ser entendido como um movimento de intensificação do Largo como centralidade.

Figura 14 - Imagem do Largo, e seus arredores, no ano de 1958.

Fonte: GEOPORTAL, 2018.

Além do comércio atacadista de hortifrútis, tradicional no Largo até esse período, intensificam-se também os estabelecimentos que se desenvolveram a partir do adensamento residencial do lugar: sapatarias, alfaiatarias, armarinhos, mercearias, bares, oficinas, padarias etc. Esses comércios eram responsáveis por suprir as necessidades de quem vivia no bairro e também de quem trabalhava ou apenas transitava pelo local. Portanto, até este momento da história, o comércio destaca-se como o mais importante indutor da centralidade do Largo, ainda que do ponto de vista da circulação, o Largo também comece a ganhar destaque.

A partir da segunda metade da década de 60, a centralidade que se tornou o Largo vai ganhar ainda mais complexidade (novos conteúdos), a partir das obras de abertura da avenida Faria Lima e da construção de um Terminal de ônibus (figura 15) que vai servir de entroncamento de mais de 70 linhas de transporte coletivo municipal e intermunicipal (Amaral, 1985). Estas obras, mais profundas na estrutura viária, acabaram também por reestruturar o comércio no lugar, visto que a extensão da Faria Lima e o Terminal são construídos exatamente onde se localizava o Mercado de Pinheiros, que foi transferido para algumas quadras adiante, sentido centro, e o Largo da Batata, que foi cortado ao meio. Essa nova configuração marcará uma nova transição no tipo de comércio realizado neste fragmento de Pinheiros.

Figura 15 – Terminal de ônibus em Pinheiros.

Fonte: OLIVEIRA, 2017.

O Terminal foi construído com o objetivo de centralizar e organizar as dezenas de linhas que faziam a conexão entre a zona oeste além-rio

Pinheiros, o centro de São Paulo e as cidades da região metropolitana como Osasco, Cotia e Taboão da Serra e acaba por refletir e potencializar esse nó viário que se tornou o lugar, inscrevendo definitivamente essa parte de Pinheiros como uma centralidade na circulação viária. Vale ressaltar que até 1968 os bondes ainda transitavam pelo Largo ligando-o ao centro

Figura 16 - Ônibus e bondes elétricos no Largo da Batata na década de 60.

Fonte: OLIVEIRA, 2017.

Estas transformações que fortalecem a centralidade do Largo, do ponto de vista viário, colocam-no também como um lugar de passagem, de intensa circulação de pessoas, sobretudo trabalhadores nos seus movimentos de ida e volta ao trabalho, o que vai impulsionar um novo tipo de comércio voltado às necessidades destas pessoas em trânsito, sobretudo a partir da década de 70. Caldeira escreve que: “o fluxo de passagem de trabalhadores pobres, muitos deles migrantes nordestinos, retornando a seus lares após o expediente de trabalho, incentivou a proliferação de um tipo específico de comércio nas imediações do terminal”. (CALDEIRA, 2013, p.6)

O comércio que Caldeira destaca é o de características populares, formado por pequenas lojas dos mais diversificados produtos – roupas, doces, artigos religiosos, eletroeletrônicos, etc. –, que foi descrito, em 2007, pela jornalista da Folha de São Paulo, Annette Schwartzman:

Para muitos paulistanos, o Largo da Batata é um pedaço do inferno incrustado em Pinheiros. Para outros, é passagem obrigatória, já que abriga um terminal de ônibus.[...] A visita pode começar no Mercado Municipal de Pinheiros[...] Além de produtos hortifruti-granjeiros, há boxes que vendem peixes e carnes especiais, como de cabrito (R\$ 12,90 o quilo), carneiro (R\$ 12,90 o quilo) e vitela (R\$ 18,30 o pernil)[...] Bem perto fica a Casa das Velas, que vende todo tipo de artigo religioso e as sempre pops estátuas de Iemanjá de todos os tamanhos[...] Dobrando a esquina à direita, chega-se à Casa do Norte. [...] Na mesma calçada, a Marrach J.C. tem ofertas a partir de R\$ 0,99 [...] Do outro lado da Faria Lima tem uma loja de guloseimas que faz a festa dos ambulantes: a Largo dos Doces, onde um saco de 50 g de pipoca doce (a da embalagem rosa) custa R\$ 0,30, ou R\$ 5,70 o lote com 30[...] Ao lado fica a Cid, há 15 anos vendendo tecidos, roupas de cama, mesa e banho, travesseiros e cortinas. [...] Na mesma calçada, outro ponto tradicional do pedaço é a Misaspel, 25 anos de vida. Vende itens de papelaria, o básico em equipamentos de informática e materiais de artesanato como massa para modelar biscoito [...] Seguindo até a esquina e virando à direita fica a Casa de Pesca Pinheiros. (SCHWARTSMAN, 2007)

Os camelôs, entorno do Terminal, tinham como objetivo a venda para as pessoas que estavam em trânsito pelo lugar, em geral alimentos para serem consumidos na hora (café, pão, bolos, churrasquinhos etc.), alimentos típicos do nordeste e artigos eletrônicos baratos. É este comércio popular, de lojas e ambulantes, portanto, que vai caracterizar o Largo durante as duas décadas finais do século XX e o início do XXI.

Do comércio atacadista de batata, a partir da década de 1920, aos camelôs e pequenos comerciantes, a partir dos anos 80, o Largo concentrou e centralizou diversas atividades econômicas, além de se tornar um importante nó de circulação. Estes processos se realizaram em meio a um adensamento populacional que trouxe ao lugar uma riqueza ímpar de

relações socioespaciais.²⁴ Em poucas palavras, um lugar com vida econômica e social intensos. Para Ferreira:

Era um local cheio de gente, democrático, com confluência de linhas de ônibus e de ruas comerciais, que eu conheci na minha adolescência, quando cheguei ao Brasil, onde nunca havia morado. Era lá que pegava o ônibus para o colégio, e adorava sempre que possível perambular pelas barracas da feira, pelo mercado, pelas lojas. Aquela riqueza cultural e social era, para mim, o retrato do Brasil. (FERREIRA, 2014)²⁵

Essa rica vida cultural e social descrita por Ferreira é, ao mesmo tempo, para o Estado, na escala municipal, um lugar que precisa ser novamente reformulado, revitalizado, pois, tornou-se ao longo das últimas décadas, um lugar degradado econômica e socialmente, o que pode ser observado em diversos excertos dos Termos de Referência do Edital do Concurso Público Nacional de Reversão do Largo da Batata (EMURB nº 91.501 de 15 de janeiro de 2002).

No que diz respeito ao aspecto funcional e simbólico do Largo da Batata, desde pelo menos a década de 1970, as funções de entroncamento viário, terminal de ônibus e lugar de grande circulação de pedestres predominam. Apesar da presença do terminal ter contribuído [...] para o congestionamento e deterioração do espaço urbano, o uso "obrigado" de passagem e transferência intermodal ensejou um intenso comércio popular e desorganizado comércio informal, que se instala [...] invariavelmente de forma bastante precária. (SÃO PAULO, 2001, p.3)

Manifesta (e sempre crescente) situação de precariedade física e deterioração ambiental foi de certa forma agravada pelo prolongamento da Avenida Faria Lima, que desfez a última configuração espacial sem propor uma nova ordenação à altura do problema. (SÃO PAULO, 2001, p.3)

Diante desse diagnóstico, o edital propõe uma Reversão Urbana nos seguintes termos:

²⁴ O documentário "De Passagem: 24 horas no Largo da Batata", produzido por alunos da ECA-USP, mostra com clareza e detalhes a riqueza da vida urbana do Largo anterior às obras da Reversão Urbana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IFnj_hiEI3Y>.

²⁵ Fala feita pelo professor João Sette Whitaker Ferreira, em entrevista concedida, no ano de 2014, sobre a Reversão Urbana do Largo da Batata. Disponível em: <http://cidadeparaquem.org/blog/2014/1/17/largo-da-batata-do-popular-ao-elitizado-entrevista-a-amla-dos-santos-gazeta-de-pinheiros>. Acesso em: 23 de jan. de 2018.

Um determinado conjunto de intervenções e atuações no espaço urbano que, referenciadas nas características fundamentais desse espaço, visam a compatibilizá-las, associando as exigências técnicas de equipamento ou modernização do território com os imperativos de melhoria da condição ambiental e de valorização das práticas sociais. (SÃO PAULO, 2001, p.1)

3.1 O discurso da degradação econômica e social

Essa sentença de degradação econômica e social, que embasou o edital de Reconversão e seus Termos de Referência, foi propagada, desde o final da década de 90, através de parte considerável da mídia (impressa, radiofônica e televisiva), produzindo sobre o Largo da Batata um discurso unívoco: constituía-se um lugar degradado, empobrecido, e a necessidade de transformá-lo e modernizá-lo era urgente para que o lugar voltasse a se desenvolver. Falava-se abertamente do entrave que se tornara a enorme quantidade de camelôs e pequenos comerciantes que se concentravam entre os terminais de ônibus, onde circulavam milhares de pessoas diariamente. Segundo Ferreira, “A ‘deterioração’ de um espaço urbano é, antes de tudo, um termo ideológico. Ele ‘força’ uma interpretação negativa daquele espaço, que é considerado ‘deteriorado’ para quem tem outros interesses na área”. (FERREIRA, 2014)²⁶

Esse discurso, propagado pela mídia (figura 17), é uma das partes da estratégia de construção de um pensamento único sobre o lugar e com o claro objetivo de justificar as intervenções urbanas como a única solução possível para resgatar o desenvolvimento econômico e social. O discurso de degradação que se propagou pode ser entendido por dois vieses: primeiro, a degradação do espaço promovida pelo próprio Estado e, segundo, o comércio ambulante e a população pobre vista como degradação.

²⁶ *Ibidem.*

Figura 17 - Discurso de degradação propagado pela mídia

São Paulo, domingo, 18 de outubro de 2009 **FOLHA DE S. PAULO** **cotidiano**

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Revitalização e metrô atraem construtoras ao largo da Batata

Apesar da degradação, setor vê grande potencial na área

≡ **EXAME** Eleições WhatsApp Bolsonaro Haddad Saúde

ECONOMIA

Pinheiros, o largo da Batata

Prefeitura e empresários tentam recuperar centro comercial do bairro

Por Fábio Peixoto
9 out 2008, 11h11

≡ **ESTADÃO**

O fim do "velho" Largo da Batata

Com obras da Prefeitura e a valorização imobiliária, comerciantes que fizeram a história do bairro saem de cena

Fonte: Folha de São Paulo, 2009. Revista Exame, 2008 e Estadão, 2009.²⁷

Quanto à degradação promovida pelo Estado, foi constatado, em entrevistas com moradores antigos do bairro - na etapa anterior ao início das intervenções -, que a Prefeitura "abandonou" os serviços públicos necessários ao bom funcionamento do lugar: calçamento, pavimentação das ruas, coleta de lixo etc. Essa ação por parte do poder público implicou uma visível deterioração do entorno do Largo.

Por outro lado, o comércio popular, sobretudo de camelôs, e o trânsito de trabalhadores nos terminais também é visto como degradante. Frascino, autor do projeto de Reconversão do Largo escreve que:

Naquele momento, o Largo da Batata era utilizado como "terminal de ônibus a céu aberto" para linhas municipais e

²⁷ Reportagens disponíveis, respectivamente, em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1810200902.htm>;
<https://exame.abril.com.br/economia/pinheiros-o-largo-da-batata-m0043580/>; <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-fim-do-velho-largo-da-batata,473667>>. Acessos em: 06 de mar. de 2017.

metropolitanas, e seu entorno constituía uma área de acentuada degradação urbana, com pequenas edificações, ocupadas por comércio e serviços populares e pensões baratas. (FRASCINO, 2013, p.2)

Nesse sentido, há uma degradação concreta produzida pelo próprio Estado, ao não promover a melhoria dos serviços públicos, como pode ser observado em Frascino: “a fraca iluminação e as más condições de conservação viária e dos passeios, configuravam uma vizinhança deteriorada em uma das principais regiões econômicas da maior cidade brasileira” (FRASCINO, 2013, p.3); e uma produção do discurso de que os usos populares são vistos como sujos, impróprios e degradantes. A junção destes dois momentos é utilizada para justificar as transformações e a necessidade de desenvolver um comércio moderno e devolver o lugar em melhores condições de uso à população. Segundo o prefeito à época, Gilberto Kassab:

São obras fundamentais para que possamos ter a recuperação desta área, que estava se degradando. Temos investimentos extremamente significativos aqui, com a extensão da linha do Metrô e estações, a chegada dos trens da CPTM, que ocorreu já há alguns anos. Agora com o terminal e os investimentos nos equipamentos que estão sendo instalados aqui, teremos uma nova área, pronta para recuperar o seu poder de desenvolvimento. (KASSAB, 2009)²⁸

As transformações, em diversos fragmentos das metrópoles, por meio de projetos urbanos, têm se generalizado ao longo das últimas décadas e, de maneira geral, são justificadas por promoverem a renovação de fragmentos da cidade que se encontram degradados, esvaziados e perigosos, portanto, necessitando de requalificação (revitalização, revalorização) para que se realizem novos e qualificados usos.

No caso do Largo - localizado na continuidade do eixo sudoeste de expansão imobiliária, que se produziu atrelada ao setor terciário superior – enquanto centralidade de comércio popular, já não atendia aos interesses econômicos hegemônicos. Ferreira escreve que:

²⁸ *Ibidem*.

Quando a Faria Lima passou a ter suas extremidades sob a mira do mercado imobiliário, com Operações Urbanas, a natureza popular do Largo da Batata, da sua feira e de seu comércio, passou a incomodar os objetivos de valorização. A ideia de “requalificar”, “revitalizar” essa área começou a ser cada vez mais ouvida, apesar da incrível e rica vitalidade que a área já tinha. (FERREIRA, 2014)²⁹

Os diferentes momentos históricos do Largo, estratificados na regressão, sinalizaram este espaço metropolitano como uma centralidade constituída ao longo do século XX: primeiro, como comercial atacadista de hortifrútis; segundo, como centralidade na circulação com o Terminal de ônibus e; terceiro, como centralidade no comércio varejista e popular. Estas temporalidades não são, de qualquer forma, lineares e com começo e fim definidos, realizando-se justapostas no tempo e no espaço. Nesse sentido, é possível localizar essa centralidade como produto de uma história espaço-temporalmente determinados. Martins escreve que, “cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem a sua data. O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica”. (MARTINS, 1996, p.21)

²⁹ Ibidem.

CAPÍTULO 4.

O LARGO DA BATATA COMO FRONTEIRA URBANA: METRÓPOLE E ACUMULAÇÃO

A composição entre a degradação real, porém, produzida pelo Estado, e o discurso de que o comércio popular torna o lugar improdutivo socioeconomicamente, promovem uma desvalorização que é prontamente mobilizada pelo Estado e pela iniciativa privada de modo a trazer as soluções para o desenvolvimento social e econômico. Neste caso, ocorreria a partir das intervenções urbanas, que realizariam reformas, construiriam novos equipamentos urbanos, o que geraria novos usos, tornando o Largo uma centralidade moderna e competitiva economicamente. Alvarez escreve que:

No plano da metrópole, isso tem indicado a necessidade de transformar a materialidade existente tornando-a plástica, flexível ao modo como o capital necessita para circular e se reproduzir neste momento. Tal condição pressupõe um momento de desvalorização do que está constituído e a revalorização através de novos usos, edificações e infraestrutura. (ALVAREZ, 2015, p. 71)

Esse conjunto que constitui o Largo do final do século – predomínio do setor terciário inferior e certa degradação produzida – acabam por localizar esse fragmento metropolitano – centralidade constituída e no vetor de expansão imobiliário-financeiro-terciário superior – como uma possibilidade de extração de renda muito superior ao retirado no momento, fenômeno que foi denominado por Neil Smith como *rent gap*. Assim, o Largo é situado como um lugar na metrópole que possibilitaria a acumulação, ou seja, torna-se uma nova fronteira urbana, como também definiu Smith (1986).

Nesse sentido, Smith (1986) escreve que “O desenvolvimento pode também envolver expansão urbana absoluta, mas pode igualmente ser atingido através da expansão *in situ*: o consumo do espaço existente é intensificado, ou partes daquele espaço são reproduzidas, reestruturadas para atender novas necessidades” (p.199), iluminando o processo que ocorre neste fragmento da metrópole. É importante ressaltar que esse

processo, realizado de modo sistemático, é relativamente novo no Brasil, iniciado na metrópole de São Paulo em meados dos anos 90 com as Operações Urbanas, expressando que, se por qualquer motivo, a expansão do capital não conseguir se realizar conquistando novos espaços absolutos e transformando-os em relativos e produtivos, o capital há de buscar no interior do próprio urbano já produzido, materializado, áreas que possam ser reestruturadas e recolocadas no movimento de reprodução.

Este processo ocorre por uma “ausência” de terrenos nas áreas de maior centralidade da metrópole, causado pela expansão da verticalização, impondo ao capital a necessidade de transformar espaços já constituídos da metrópole. Nesse sentido, o Largo, com uma história de centralidade centenária é tornado foco destes processos que vislumbram a reprodução do capital via expansão imobiliária e assentamento do setor terciário superior.

Em São Paulo, onde o espaço para novos empreendimentos se torna raridade, pelo adensamento da metrópole em áreas mais valorizadas, estes espaços de desindustrialização aparecem como novas fronteiras a serem exploradas por esses agentes hegemônicos da produção do espaço, com a vantagem de se tratar de espaço relativamente desvalorizados devido ao seu uso industrial pretérito. É preciso, para estes agentes de produção do espaço, forjar novos espaços atrativos para o consumo, seja para moradia, seja para escritórios, seja para ambos ao mesmo tempo, ou ainda para novos serviços ou entretenimento, shows, etc. Difunde-se para estes lugares novos discursos ligados ao desenvolvimento do lugar com a chegada de novos empreendimentos, novos serviços, de uma classe com maior padrão de consumo. Esses discursos ideológicos têm o papel de consumir uma ideia capaz de realizar estes espaços como fronteiras econômicas no urbano. (PADUA, 2011, p.17)

Neste momento, a renda do solo urbano ganha ainda mais centralidade na produção do espaço urbano, visto que os espaços mobilizados para a reprodução são justamente aqueles, que historicamente já possuíram centralidade na reprodução (pela indústria ou pelo comércio), e hoje não mais possibilitam a extração da renda potencial, viabilizada pela reprodução dos setores mais modernos da economia.

Vale reforçar ainda que as áreas a serem escolhidas na metrópole não o são aleatoriamente; constituem, no caso de São Paulo, espaços localizados próximo a áreas de desenvolvimento econômico moderno, ou seja, que podem ser prontamente integradas, caso ainda não sejam, a partir de obras viárias etc. Portanto, são áreas de desindustrialização recente, como a Vila Leopoldina e Santo Amaro, ou áreas de comércio terciário inferior, como o estudado neste trabalho.

Convém destacar, nesse sentido, que esse (novo) processo de acumulação na metrópole é acompanhado da chamada reestruturação produtiva da mesma, momento em que há uma desconcentração das plantas fabris e a concentração dos centros de comando e decisão, o que confere à metrópole, em sua totalidade, novas funções e um novo papel na reprodução do capital.

[..] podemos dizer que na metrópole moderna, típica de grande parte do século XX, a industrialização e as multinacionais foram importantes para o desenvolvimento dos serviços produtivos e, conseqüentemente, para a centralidade da metrópole. Hoje em dia, o caracteriza a metrópole contemporânea é a presença dos grupos econômicos, notadamente a gestão desses grupos. (LENCIONI, 2017, p. 101)

Nesse sentido, há uma combinação estreita entre esse novo papel da metrópole – de centralizar³⁰ os centros de gestão das grandes empresas e do terciário superior – e o momento em que a reprodução capitalista se realiza pela produção do espaço, e através da expansão do imobiliário-financeiro. A expansão do eixo sudoeste, portanto, torna-se o produto mais bem acabado desta relação. É neste contexto que a Operação Urbana Faria Lima revela-se como fundamental para a acumulação capitalista neste momento da história da metrópole paulistana. Santos escreve que:

³⁰ Para Lencioni (2017): “A principal contribuição do conceito de centralização para a interpretação do urbano é que a gestão empresarial dos grupos econômicos e das grandes empresas em rede prioriza a metrópole e, no caso brasileiro, a metrópole de São Paulo. É no exercício da função central da metrópole, que é o controle do capital, que se adensam os serviços produtivos, os serviços voltados às empresas, muitas vezes denominados de serviços avançados. Daí provém o grande desenvolvimento dos serviços nas metrópoles e, no caso em exame, da metrópole de São Paulo”. (LENCIONI, 2017, p.100)

A concentração dos novos seguimentos de serviços financeiros e de gestão numa única região da cidade ajudou a promover fortes economias de escala não só para os segmentos que se instalariam por lá, como também para os investimentos imobiliários que conseguiriam um melhor aproveitamento do capital com a máxima utilização dos terrenos, dos materiais, do emprego da força de trabalho e dos sistemas de informatização do controle geral dos edifícios num contexto de um relativamente elevado nível de demanda. A concentração geográfica dos investimentos foi aqui a fonte dessas economias de escala que tornou viável a explosão de um mercado imobiliário desse tipo numa área muito restrita do território nacional: num fragmento da metrópole de São Paulo. É somente diante desse padrão concentrado que se faz possível compreender o fenômeno imobiliário paulistano num momento em que outros ramos da economia brasileira e, mesmo, mundial, tornavam-se cada vez mais incapazes de absorver novos investimentos. Isso explica porque o crescimento da oferta de imóveis superou o crescimento econômico, a formação de capitais e aquilo que poderia ser justificado pelo aumento de capitais estrangeiros. A reestruturação produtiva, nesses termos, teve de se associar a um fenômeno de reestruturação do padrão geográfico de investimento para promover a abertura dessa nova frente na metrópole de São Paulo. Foi por isso que as duas mais importantes operações urbanas da década de 1990 foram aprovadas em 1995 justamente na região em que se desenhava a nova “centralidade terciária”, como preferencialmente foi chamada pelos empreendedores, e onde se abriu a mais nova e pungente frente de expansão imobiliária de edifícios comerciais de alto padrão. (SANTOS, 2013, p. 176 e 177)

4.1. O processo de desvalorização-valorização relacional

No cerne desse processo, que viabilizou uma expansão concentrada e centralizada do mercado imobiliário, está a intrínseca relação entre o Estado, que, com a prerrogativa legal de ação sobre o espaço e as garantias de valorização, viabiliza a reprodução do espaço como produto imobiliário.

De tal sorte, as transformações intraurbanas em São Paulo têm sido muito significativas nas últimas décadas, e, para que esse movimento de desvalorização-valorização se suceda, tem sido fundamental o papel do Estado, que tem a possibilidade de intervir sobre a propriedade de vários modos: desapropriando, removendo, permutando, por desmembramento e/ou remembramento de lotes, definindo novos usos, implantando infraestrutura e erigindo fragmentos

que serão alvos de futuros investimentos. (ALVAREZ, 2015, p. 71)

O que se estabeleceu nesse movimento de realização dos projetos urbanos é o conflito entre o direito à propriedade capitalista da terra e o direito ao uso do espaço como meio de realização da moradia, do lazer, da reprodução da vida privada e social. A lógica do concebido (pelos agentes hegemônicos da produção do espaço) se confronta com a lógica do vivido (de quem tem neste lugar o espaço de reprodução social da vida).³¹ “Assim, a reprodução da metrópole se realiza pelo Estado e desconsidera o modo como a realização da vida deu sentido aos lugares. ” (ALVAREZ, 2015, p. 71)

No caso da metrópole de São Paulo esses processos foram intensamente observados e analisados. Até a década de 1970 o centro (que hoje chamamos de histórico) era o lugar que centralizava o comércio, os serviços, os centros do poder, etc., portanto, tratava-se de uma área valorizada, social e economicamente. Nas décadas seguintes, o surgimento de novas centralidades (Paulista, Berrini e Faria Lima etc) fez com que o centro se desvalorizasse (relativamente) em consequência da produção/valorização das novas centralidades. Alves escreve que:

Se a centralidade única era característica nos anos 1970, hoje não podemos mais afirmar o mesmo, já que a realidade apresenta um quadro em que temos multi e poli centralidades. Trata-se de um processo dialético, pois o atributo de centralidade que era único e que impingia grande valorização do espaço na área central também, por outro lado, promoveu, juntamente com o processo de especulação imobiliária em outras áreas da cidade, um movimento de desvalorização imobiliária dessa área central e, ao mesmo tempo, um processo de valorização de outras áreas. (ALVES, 2015, p.145)

³¹ A partir da segunda metade do século XIX, na Europa, o urbanismo começa a se tornar mais do que somente pensamento e concepção sobre a cidade, fato que as transformações urbanas em Paris e Viena exemplificam claramente. Aliado as transformações no capitalismo que sobrevive como financeiro, o espaço da cidade começa a ser operacionalizado pelos urbanistas.

Vale lembrar que nesse primeiro momento de transformações e consequente valorização imobiliária impostas pela OUFL, o Largo da Batata ainda se constituía como um espaço de realização do setor terciário inferior. As relações que possibilitaram a Reconversão Urbana no Largo serão realizadas em um segundo momento, já no início do século XX, mostrando a descontinuidade do processo.

Ainda sobre o centro de São Paulo, há um elemento central na análise que se assenta no estabelecimento, pelos proprietários, de um limiar de desvalorização que será muito útil para se construir os consensos necessários (violência, degradação etc.) para que as transformações aconteçam naquele local. Neste movimento de desvalorização-revalorização o que está em jogo é a rentabilidade possível (potencial) dos imóveis e terrenos na localidade. Alves assevera que:

Mesmo aparentemente desvalorizada, a área toda se compõe de inúmeros proprietários de lotes, prédios que participam do processo, mas que, como proprietários juntamente com empresários do ramo imobiliário, estabelecem um limite para o processo de desvalorização. Limite esse que é fundamental para a construção de consensos sobre a necessidade de transformação social e econômica da área em questão de modo que as mudanças socioespaciais se coloquem como fundamentais e necessárias para a sociedade como um todo. (ALVES, 2015, p.146)

No caso específico do centro da cidade de São Paulo os projetos urbanos (Anhangabaú e Luz) não se realizaram exatamente como foram concebidos. Nestes casos não bastou o Estado conceber as transformações, visto que não houve um interesse do privado em investir capital nestas localidades.³² Já outros projetos, como as Operações Urbanas Faria Lima e Águas Espraiadas, que se realizaram praticamente como foram concebidas, apesar da resistência de moradores e movimentos sociais. O ciclo de acumulação/reprodução que envolve o Estado, o mercado imobiliário e o setor financeiro se realizou.

³² No caso da Luz, alguns fatores colaboraram para que o projeto fosse, ao menos momentaneamente, paralisado: 1) o fortalecimento dos movimentos por moradia na localidade e 2) a mudança político-ideológica da administração municipal sobre o projeto.

Nestes dois exemplos, centenas de famílias foram obrigadas³³ a deixar suas casas para que fossem feitas transformações morfológicas (viárias, saneamento, entre outros) e outras foram expulsas pelo aumento exorbitante dos preços dos aluguéis. Para estas famílias, o “quanto custa morar na cidade” foi vivido na prática. No caso específico da Reconversão Urbana do Largo da Batata, o número de famílias desapropriadas pode chegar a mais de uma centena.

O simples fato destes projetos urbanos serem anunciados publicamente já faz com que a renda potencial dos imóveis destas áreas da cidade cresça, obrigando uma parte dos moradores a saírem do lugar. Ao final do projeto, praticamente todas as pessoas e os usos deste lugar foram profundamente alterados. Os antigos habitantes destes espaços, em geral, são obrigados a residir mais distante das centralidades. Os usos destes espaços são alterados de modo com que os antigos moradores não tenham mais possibilidades de lá sociabilizarem-se. Os lugares na cidade são hierarquizados: os lugares em que as diferentes classes sociais trabalham, divertem-se e realizam a vida cotidiana são separados. A sociabilidade se esvai!

Atualmente o que se observa é que o acesso à cidade e a vida urbana é a cada dia mais mediatizada pelo dinheiro. Desta forma, a renda como realização da propriedade privada da terra, priva, absolutamente, a grande maioria dos cidadãos da vida urbana. A segregação socioespacial é reafirmada e atualizada, localizando grande parte da sociedade como estranha à própria produção do urbano. Trazendo o fundamento desse processo na relação com a urbanização de São Paulo, Alvarez escreve que:

Observa-se, portanto, que no momento em que a propriedade da terra se insere no circuito mais geral de reprodução do capital, tornando-se intercambiável, e hipotecável, a urbanização se intensifica com o fluxo migratório e alimenta esse processo. De tal modo, já naquele momento, para morar na cidade era preciso pagar e muito. A propriedade estava constituída como mediação ao uso e vida na cidade, tornando a segregação socioespacial um conteúdo presente no

³³ Os proprietários (que possuem o título da terra) são desapropriados e os outros são indenizados ou recebem uma quantia em dinheiro para se realocarem.

processo de produção do espaço urbano. (ALVAREZ, 2015, p.68)

Não diferente das outras áreas de intervenções urbanas na metrópole, os processos de desapropriação e saída de grande contingente dos moradores foi traumático, tanto para quem foi quanto para quem permaneceu. Na fala desses moradores, o momento mais difícil foi, de fato, a desapropriação das dezenas de imóveis nas proximidades do Largo, a grande maioria no espaço entre a Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat e a atual Estação Faria Lima. A grande parte dos desapropriados era moradora desta região há muitos anos.

O espaço do Largo, tornado fronteira econômica na metrópole, em um contexto social e econômico determinado, e reproduzido enquanto tal, elenca elementos que possibilitam a compreensão desse fragmento do espaço urbano na atualidade. Assim, a compreensão deste processo multiescalar, concebido globalmente e realizado no lugar, permite a revelação da realidade descrita e apreendida em um primeiro momento. (MARTINS, 1996) escreve que este é o momento em que a “volta à superfície fenomênica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidades do vivido. (p.22)

No referido momento é colocado *frente a frente* as práticas socioespaciais e o espaço concebido, as representações do espaço. Esta relação exporá as potencialidades dos usos e apropriações do lugar, apontando ou não o vivido, os espaços de representação, como momento de criação de outras possibilidades, que fogem ao hegemônico.

CAPÍTULO 5. POSSIBILIDADES DE USO E APROPRIAÇÃO QUE FOGEM À LÓGICA HOMOGENEIZANTE

O Largo da Batata passou, inequivocamente, por intensas e radicais transformações que vão alterar a sua função no tecido urbano e, conseqüentemente, seus usos enquanto espaço público. Fragmento da metrópole que começou a ser constituído e fazer parte do tecido urbano da cidade no início do século XX, o Largo e seu entorno se tornaram centralidade ao longo do século: seja ela no transporte público, no comércio ou mais recentemente como continuidade do eixo comercial-empresarial de São Paulo. Até o início do século XXI, o lugar era conhecido por um intenso comércio popular, o que concentrava na região muitos camelôs e uma população de baixa renda, trabalhadores de várias partes da cidade, que se apropriava do lugar como momento de encontro e diversão.

Estes usos predominantemente populares, entretanto, são conflitantes aos interesses dos agentes hegemônicos da produção do espaço que enxergam nesse lugar a possibilidade de extrair sua renda potencial. Assim, são iniciados vários movimentos, tanto do poder público, quanto da iniciativa privada, de modo a buscar caminhos para transformar esse fragmento metropolitano e recolocá-lo nas novas dinâmicas econômicas, processo que já foi analisado anteriormente. Não interessava aos agentes hegemônicos, que um lugar encravado na Avenida Faria Lima, eixo central dos negócios na metrópole, concentrasse comércio e vida social de uma população de baixa renda, vinda, sobretudo, das longínquas periferias da cidade. Nesse sentido, a mobilização deste fragmento como valor de troca era iminente.

Mesmo quando se considera a especificidade da metrópole como sendo a concentração de atividades, de possibilidades, de dispositivos e dinâmicas, de instrumentos e infraestruturas, o que faz com que efetivamente ela seja um lugar de negócios, é a reprodução do espaço urbano que se coloca como central para a compreensão do papel e da importância da metrópole atualmente. A cidade é um negócio! (SANTOS, 2015, p. 37)

Neste movimento, da cidade concebida e produzida como negócio, e, a partir do espaço tornado mercadoria, o lugar, o Lago da Batata e seus arredores transformam-se sob as diretrizes do financeiro, das intervenções do Estado e, reproduz-se, concretamente, a partir dos empreendimentos imobiliários (residenciais e empresariais) que trazem para o lugar dinâmicas estranhas ao que se conhecia até poucos anos atrás. A lógica da ordem capitalista se generaliza e se interpõe nos mais sutis interstícios da vida social.

No plano do vivido, as normatizações, opressões e violências de uma reprodução social subjugada pela acumulação capitalista são reveladas na pele, no corpo dos habitantes da cidade. É o cidadão que vive, no dia-dia, a homogeneização, a fragmentação e a hierarquização dos espaços da cidade. O processo de reprodução da metrópole, tornado valor de troca, se realiza, esmagando, transformando o espaço em abstração, a prática socioespacial. Entretanto, é nesse plano, também, que se descortinam, concretamente, as possibilidades de ações contra-hegemônicas, que podem guardar, em si, a reunião das forças diferenciadoras, criativas, de transformação qualitativa do espaço social.

É nesse sentido que se observa que o Largo, em meio às transformações, começa a se tornar foco de movimentos (coletivos) organizados que, de diferentes maneiras, usam o espaço e buscam colocar em xeque os rumos das intervenções levadas a cabo pela Prefeitura, preferencialmente, nos espaços potencialmente públicos. São movimentos muito amplos ideologicamente e formados, a princípio, por moradores e ex-moradores do entorno. Com o passar do tempo, coletivos que atuam na escala metropolitana também chegaram ao Largo.

Isso indica que as transformações não foram vividas passivamente por moradores, ex-moradores e frequentadores do lugar. Diversos foram os momentos em que houve contestação às políticas públicas e às iniciativas do setor privado para o lugar, a começar, principalmente, pelos conflitos durante as desapropriações e início das obras, onde grupos de moradores

e movimentos sociais de moradia buscaram dar publicidade e denunciar as atitudes do Estado e da iniciativa privada.

Desde que se iniciaram as transformações, pode-se discernir dois diferentes tipos de movimentos que ocupam e se apropriam do lugar, frequentemente, e com atividades variadas. O primeiro refere-se a movimentos que, durante a Reconversão lutou contra a verticalização do bairro. O principal deles, chamado *Moradores de Pinheiros contra a verticalização no bairro* atuou junto à Prefeitura de modo a tentar barrar as alterações no zoneamento que possibilitaram maior verticalização e, de maneira geral, melhorar os serviços públicos do bairro.

Figura 18. Manifestação do grupo contra a contra a Verticalização

Fonte: FACEBOOK – Movimento Pinheiros contra a Verticalização, 2012.³⁴

O grupo descreve, em sua página no *Facebook*, com tem o objetivo de compartilhar informação e organizar as atividades, a situação do Largo e entorno da seguinte maneira:

³⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/219598781449304/?fref=ts>>. Acesso em: 26 de ago. de 2016.

A paisagem foi totalmente desfigurada, a poluição sonora é insuportável, o solo se torna cada vez mais impermeável, as ruas estão atravancadas de carros que se amontoam em todas as calçadas por todas as partes. Segurança virou sinônimo de milícias armadas protegendo as torres que estão sendo implantadas. De resto, falta policiamento e as barbáries contra a população desprotegida não param de aumentar. O verde some e a tendência, pelo andar da carruagem é piorar, piorar e piorar, se nada for feito para dar um ponto final neste conluio criminoso entre os poderes legislativo e executivo, e os barões do mercado imobiliário. [...]A verticalização, que inicialmente se desenvolveu para abrigar uma real carência de moradia, tornou-se hoje um paradoxo cancerígeno incontrolável, a serviço exclusivo da especulação financeira e imobiliária, único beneficiário deste caos que estamos vivendo. (FACEBOOK – Movimento Pinheiros contra a Verticalização, 2012.)³⁵

Esse grupo é composto de moradores do bairro de Pinheiros e, à época das mudanças mais bruscas no Largo, lutou, por meio de tentativas de participação no Conselho Gestor da Subprefeitura, ações na justiça e manifestações políticas no próprio Largo e na Subprefeitura, contra as leis e as políticas públicas que permitiram as intensas mudanças anteriormente analisadas. Em sua página no *Facebook*, o grupo se descreve como:

O Movimento Pinheiros Contra a Verticalização nasceu em 2011 para dar um basta nas demolições incessantes, no aumento populacional desordenado e no crescimento doentio dos carros na região. [...]

Sem saudosismo, pretendemos preservar o pouco que resta de patrimônio histórico-ambiental, de cultura, de vida de bairro, para que possamos viver e nossos filhos e netos crescer num ambiente saudável e não cercados por muros altos e sem qualquer personalidade. [...]

No entanto, é possível ver uma luz no fim do túnel e lutar para conseguir fazer de Pinheiros um bairro exemplar em qualidade de vida e em humanidade.

Cada vez mais moradores e frequentadores de Pinheiros se juntam nesta luta que tem como foco principal a revisão necessária e possível do Plano Diretor da Cidade e sua tradução em nosso bairro.

Para tanto pretendemos diagnosticar e mapear o que é possível preservar, acumulando conhecimentos técnicos e históricos, e agregando experiências de resistência em outras regiões. Além disso, é fundamental criar uma associação de

³⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/219598781449304/?fref=ts>>. Acesso em: 26 de ago. de 2016.

moradores do bairro com representação no Conselho Gestor da Subprefeitura de Pinheiros. Vamos nos organizar e reivindicar mais verde, mais vida comunitária, mais arte e mais tudo que seja bom para a vida do ser humano. Vamos resistir contra o bairro que querem nos impor! (FACEBOOK – Movimento Pinheiros contra a Verticalização, 2012)³⁶

Esse movimento, formado sobretudo por moradores que continuaram a viver em Pinheiros mesmo com as metamorfoses no lugar, foi importante na organização das lutas contra a expansão do imobiliário, apesar das ações e manifestações não terem conseguido força suficiente para impedir o avanço da verticalização. Nem por isso o grupo deixou de agir, promovendo, atualmente, atividades artísticas e culturais junto com outras organizações de bairro e encontros para pensar ações localizadas e que possam melhorar a vida de quem mora no bairro.

O segundo tipo de coletivos que agem no Largo é composto por movimentos que problematizam a existência da Reconversão Urbana e das consequentes transformações no lugar, a partir da promoção de atividades artísticas, esportivas, culturais e de ocupação e apropriação do espaço público. De maneira ampla, possuem como objetivo a transformação dos usos do espaço, de modo a possibilitar que o Largo se torne efetivamente um lugar de encontro e permanência. Neste sentido pode-se apontar o coletivo *A Batata Precisa de Você* como o mais ativo e estruturado. Surgido em 2014, é descrito como:

Certamente você, como nós, acha importante o espaço do Largo da Batata para a cidade. Com a pressão do mundão imobiliário é capaz que uma vez que a Batata esteja totalmente gentrificada ela se torne um lugar só pra gente rycal... A gente tem que manter o lugar ativo, explorar seus usos, fazer resistir sua memória, fazer dele um lugar de encontro e de diversidade, um lugar que tenha qualidade desde agora e com as nossas próprias mãos. A BATATA PRECISA DE VOCÊ!
A Batata nesses últimos tempos se tornou um espaço público que é laboratório de iniciativas civis e tem

³⁶ Ibidem

potencial pra ensinar muito pra cidade sobre compartilhamento do espaço e sobre como ser um centro cultural público, a céu aberto com uma boa dose de autonomia cidadã! Vamos nos organizar pra cuidar da Batata e sermos um grupo de zeladoria ativa. (A BATATA PRECISA DE VOCÊ, 2015.)³⁷

As atividades propostas e realizadas no Largo são as mais diversas, podendo-se destacar algumas realizadas a partir de 2015: oficinas de inclusão digital para idosos e moradores de rua; festa junina comunitária; rodas de conversa sobre mobilidade, memória urbana, espaço público e cultura hip-hop; encontro para meditação e alongamentos; shows de forró, samba, dança de rua etc. Os encontros para zelar pelo espaço também são recorrentes (limpeza, cuidado com as plantas. Reforma do mobiliário etc). Vale ressaltar que alguns eventos ocorrem sem a organização e supervisão do coletivo, estando este apenas auxiliando com ideias ou, quando necessário, os trâmites legais junto a Subprefeitura.

Figura 19. Roda de conversa *Maneiras de se fazer a cidade* (2015)

Fonte: LARGO DA BATATA, 2015.

³⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/largodabatata/>>. Acesso em: 26 de ago. de 2016.

Diferentemente do *Movimento Pinheiros contra a verticalização*, que era composto de moradores do bairro e a organização se dava na casa de alguns componentes e nos espaços do próprio lugar, apesar da página do Facebook ajudar na comunicação, o segundo tipo, a exemplo *d'A Batata Precisa de Você* são compostos por pessoas de diversos lugares da cidade e o surgimento e a organização, até hoje, se realizam, em boa parcela, pelas redes sociais. O coletivo possui, além da página no *Facebook*, um site³⁸ que concentra e sistematiza as atividades que já aconteceram no Largo (relatos, fotografias e vídeos). Uma função interessante do site é que ele possui um calendário de atividades que pode ser alterado por qualquer pessoa, ou seja, caso queira promover qualquer é só registrar no calendário e a informação ficará disponível de todos que entrarem no site para consulta-lo.

Vale ressaltar que, apesar da importância fundamental das redes sociais, que conseguem viabilizar a interligação das pessoas, os movimentos, realizam-se, plenamente, quando conseguem usar e se apropriar do espaço público. O que chama a atenção é que eles surgem e se realizam, concretamente, apesar de mediatizados pelas redes sociais, na praça que se tornou o Largo, no espaço público constituído pelas pessoas que ocupam estes espaços produtivamente.

Estes grupos que, de alguma maneira, se opuseram as mudanças deste lugar da metrópole, seja na luta contra a verticalização ou mesmo propondo o uso do espaço público, contribuem para que o Largo da Batata seja uma possibilidade de ocupação pelos mais diversos grupos sociais, fazendo dele um lugar possível do encontro de pessoas. Todavia, o Largo ainda pode ser caracterizado como lugar de passagem, deslocamento incessante de transeuntes entre os modais de transporte que o cercam. Nesse sentido, as modificações produzidas no âmbito das intervenções urbanas impuseram uma lógica funcional ao espaço que podem ser

³⁸ O site pode ser consultado no link: <<http://largodabatata.com.br/>>.

derrotadas apenas em espaço-tempos bem definidos. A homogeneização e a normatização das formas e dos conteúdos imperam.

5.1. A normatização contra o uso público do lugar

Em uma manhã de domingo de julho do ano de 2017, no início de inverno, com o céu claro, o sol iluminava as crianças brincando no único lugar que poderia recebê-las no Largo da Batata. O parquinho era pequeno, mas cada brinquedo, construído e mantido a muitas mãos, fazia a alegria da criançada. Os pais ficavam sentados em volta, observavam o vai-e-vem dos filhos, que com uma energia sem fim, corriam, subiam e desciam, giravam e pulavam sem parar. Os adultos apenas se entreolhavam à distância. As crianças pareciam amigas de longa data. Inequivocamente, o ato de brincar é capaz de uni-las. Mal sabiam que aquele momento, em poucos dias, não poderia mais repetir-se naquele lugar, ficaria somente registrado na memória dos adultos e no coração daqueles meninos e meninas que suavam e sujavam-se de tanto brincar.

Uma simples canetada do subprefeito de Pinheiros pôs fim ao parquinho. Claro que esta não foi nem a primeira nem a mais importante mudança no Largo, quem relaciona-se de algum modo com esse espaço já se acostumou a presenciar intensas transformações.

A retirada do parquinho foi uma imposição da esfera municipal. Assim como todas as outras mudanças neste fragmento da metrópole paulista, não houve, em nenhum momento, participação efetiva e decisória das pessoas que se apropriavam do lugar. Sob o argumento de que o Largo estava sendo utilizado apenas por pequenos grupos (“políticos de esquerda”) e não pela população de São Paulo, a Subprefeitura simplesmente retirou o parquinho e outras produções que vinham sendo feitas ao longo dos últimos anos pelos diversos movimentos e coletivos que ocupam e se apropriam do lugar com atividades artísticas, esportivas, feiras, debates públicos etc. A prática socioespacial foi absolutamente desconsiderada em nome de uma normatização que repele os usos e impede a apropriação criativa.

Nesse sentido, a retirada do parquinho expressa, nesse nível da realidade, o processo de separação entre os anseios da sociedade para um espaço que é vivido cotidianamente por aquelas famílias e o concebido pelo Estado com objetivos de tornar aquele lugar um espaço com características uniformes, a ponto de poder ser negociado no mercado imobiliário, direta ou indiretamente.

A gestão do prefeito João Dória (2016-2017) tem agido politicamente de forma a normatizar os espaços possíveis de uso público³⁹ na cidade de São Paulo e estas ações começaram a ser realizadas no Largo no fim de 2016, sob a coordenação da Subprefeitura de Pinheiros. Sem nenhum tipo de diálogo com a população, retirou tudo o que havia sido construído, segundo eles, sem autorização expressa ou fora das normas legais, com o argumento de que o Largo estava sendo ocupado e dominado por grupos de pessoas que não representam a população de São Paulo. Retiraram, além do parquinho, árvores, canteiros comunitários, bancos, guarda-sóis coletivos, biblioteca comunitária etc.

Figura 20. Parquinho retirado no ano de 2016, na gestão do ex-prefeito Dória.

Fonte: FACEBOOK – Dória, pra quê destruir nosso parquinho?, 2016⁴⁰.

³⁹ Como também observaram os jornalistas Rafael Tatemoto e Norma Odara em reportagem no jornal Brasil de Fato com a manchete *Gestão Doria altera relação da Prefeitura com o espaço público: nova administração entra em conflito com pichadores e ambulantes*.

⁴⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/doriacadenossoparquinho/> >. Acesso em: 01 de out. de 2016.

Após a “limpeza”, foram instalados um mastro com a bandeira do Brasil, bancos anti-mendigo, câmeras de monitoramento e uma base da guarda civil metropolitana, além do plantio de árvores originárias da mata atlântica.

No discurso de “reinauguração”⁴¹ do Largo⁴², realizado no sábado (16/09/2017) o prefeito enfatizou que as mudanças realizadas pela Subprefeitura foram para assegurar que a população de São Paulo possa utilizar livremente e com segurança o espaço, acentuando que na gestão do Haddad apenas os grupos políticos de esquerda tinham benefícios para fazer atividades no Largo. Disse o então prefeito, “Aqui não tem bandeira vermelha do PT não, é a bandeira do Brasil, do povo”, o que indica que o uso daquele espaço como um lugar de manifestações estava incomodando o prefeito e seu grupo político, visto que, desde 2013, o Largo ganhou centralidade nas manifestações em São Paulo, sobretudo de pautas tradicionais da esquerda. Nesse caminho, até o termo utilizado pela Prefeitura, “reinauguração”, possibilita a interpretação de que o objetivo da reforma foi, além de normatizar o espaço, incutir na população o discurso de que o lugar agora trará novas possibilidades de uso, sem as manifestações ou as atividades políticas realizadas por coletivos, partidos políticos ou mesmo espontaneamente. Assim, é possível apontar que o Largo como lugar de apropriação por atos políticos, sobretudo manifestações, não é bem recebido por esta gestão da Prefeitura, que busca, através da normatização das formas e dos usos, ao menos dificultar a apropriação.

Ao mesmo tempo em que é produzido tendencialmente sob as formas da homogeneização e normatização, o espaço, constituído como centralidade, é também ocupado por atividades que fogem a essa lógica:

⁴¹ O termo “reinauguração” foi utilizado pela Prefeitura para falar das alterações a pouco descritas, ou seja, de uma reforma rápida e pontual.

⁴² O discurso foi amplamente noticiado. Pode ser ouvido e lido nos seguintes links: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/09/16/levantem-a-bandeira-do-brasil-e-nao-a-do-pt-diz-doria-ao-entregar-minireforma.htm> > < <https://jovempan.uol.com.br/programas/jornal-da-manha/largo-da-batata-passara-por-obra-de-paisagismo-e-contara-com-base-da-gcm.html> >

destaca-se a presença constante e inquietante do *Largo da Batalha*, que é um encontro para a realização que batalhas de rap, que ocorre todas as quartas-feiras, desde 2016, no Largo. Os participantes são em sua maioria jovens, que se deslocam de vários lugares da região metropolitana, sobretudo das periferias da zona sul e leste. Chama a atenção a diversidade étnico-racial, cultural e de gênero das pessoas que participam dos encontros, seja se apresentando no duelo ou como plateia que, neste caso, tem papel importante no incentivo e na escolha dos vencedores. Esta diversidade é revelada nas mais diferentes formas de crítica social que aparecem nas letras entoadas com o desejo de desafiar o oponente.

Figura 21. Batalha de rap no Largo da Batata

Fonte: FACEBOOK – Largo da Batalha, 2018⁴³.

Nas pesquisas de campo realizadas com o objetivo de compreender a relação do *Largo da Batalha* com o espaço com usam semanalmente um

⁴³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/orglargodabatalha>>. Acesso em: 15 de mar. de 2018.

aspecto aparece repetidamente na fala dos organizadores: a centralidade; que aparece na prática dos participantes de duas formas: primeiro, como um espaço que está localizado em um lugar de fácil acesso, via metrô, trem ou ônibus, para quem vem de qualquer lugar da cidade e, segundo, como um lugar que possibilita visibilidade das batalhas, conseqüentemente, dizem eles, do rap como cultura periférica.

Ao longo de mais de dois anos de batalhas, o grupo teve algumas dificuldades de permanecer no lugar, visto que esse uso fugia a normatização imposta pela Subprefeitura: principalmente pela utilização de aparelhagem audiovisual e aglomeração de pessoas, segundo eles. Nesse sentido, exigia-se uma série de autorizações legais que demoravam a ser liberadas e, por vezes, tentavam impedir as atividades. Atualmente, apesar do olhar vigilante da polícia militar e da guarda civil metropolitana, diferente do que ocorre em outros usos, as batalhas seguem com normalidade.

A centralidade atual do lugar, com acessibilidade via transporte coletivo, torna possível e viável esse uso público do espaço, ao mesmo tempo em que esse uso como forma de arte e política, mesmo momentaneamente, escapa as normas concebidas para o Largo como centralidade na reprodução capitalista.

5.2 O Largo como lugar de manifestação: centralidade e apropriação

Mas é aqui que a concepção do direito à cidade toma novo viés. Foi nas ruas que os tchecos se libertaram em 1989 de opressivas formas de governança; foi na Praça da Paz Celestial que o movimento estudantil chinês buscou estabelecer uma definição alternativa de direitos; foi através de massivos comícios que a Guerra do Vietnã foi forçada a terminar; foi nas ruas que milhões protestaram contra o prospecto de uma intervenção imperialista norte-americana no Iraque em 15 de fevereiro de 2003; foi nas ruas de Seattle, Gênova, Melbourne, Quebec e Bangkok que os direitos inalienáveis à propriedade privada e da taxa de lucro foram desafiados. (HARVEY, 2013, p. 33)

A história moderna, em vários momentos, foi marcada pela incontestável presença do corpo ocupando e apropriando-se das ruas como um espaço público. Harvey (2013) cita alguns dos movimentos das últimas décadas que tiveram sua mais intensa expressão nas ruas ou nas praças das cidades, sobretudo das que possuem centralidade política e econômica, seja na escala nacional ou mundial. Por diferentes motivos e em diferentes contextos sócio-políticos, multidões saíram às ruas, ocuparam espaços, criaram os meios para se fazer ouvir como coletivo e reivindicar melhores condições de habitar a cidade.

Em junho de 2013, com os protestos que começaram pela redução da tarifa do transporte público, o Brasil entrou para esta lista de países em que grandes manifestações políticas, por dias seguidos, estremeceram o *status quo* da política tradicional e fizeram despertar no seio da sociedade um sentimento de que a rua e as praças (os espaços públicos) podem ser lugares de transformação de uma realidade que, cotidianamente, parece-nos produzida sob normas e coações, completamente alheia aos desejos da sociedade. Nesse sentido, o ano de 2013 configura-se como um marco, um momento de retomada das ruas, da apropriação de espaços públicos a partir de pautas e desejos da população.

Desde então, alguns movimentos, com bandeiras abrangentes a escala nacional, tomaram às ruas das cidades brasileiras, com destaque para os protestos contra a Copa do Mundo no Brasil, em 2013 e 2014, em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre, as manifestações contra e a favor do impedimento da presidente Dilma Rousseff, em 2015 e 2016, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, e as manifestações contra o governo Temer, em 2016 e 2017.

Em São Paulo, caso que será tratado aqui em seus pormenores, as chamadas jornadas de junho de 2013 marcaram uma relativa desconcentração do lugar das manifestações de abrangência nacional que se realizam na metrópole de São Paulo, ou seja, protestos que possuem como pauta ou bandeira, aspectos sociais, econômicos ou políticos relativos a escala do Brasil. Essa desconcentração, que aponta que a avenida Paulista

não reina mais absoluta como centralidade simbólica na metrópole, indica transformações no espaço urbano metropolitano no sentido de que novas centralidades são produzidas, modificando as hierarquias dos lugares no tecido urbano. Assim, a avenida Faria Lima, e mais especificamente o Largo da Batata, são constituídos como novos lugares destas manifestações (tabela 03 e anexo 4). Esse movimento traz à tona uma série de questões que apontam para os novos conteúdos da centralidade deste lugar, transformados e intensificados com as intervenções urbanas.

A tabela a seguir, sistematizada para esta pesquisa, elenca algumas das principais manifestações que ocorreram no Largo a partir de 2013, mostrando, através das manchetes e motivações dos protestos, um conteúdo relativo, principalmente, aos rumos das políticas em escala nacional.

Tabela 03. Principais manifestações realizadas no Largo da Batata a partir de 2013.⁴⁴

Data	Manchete	Causa
2013	"Multidão ocupa Largo da Batata (SP) em manifestação sem confronto"	Redução da tarifa da passagem de ônibus
2013	"Estudantes fazem manifestação no Largo da Batata"	Ato em defesa da educação pública no estado
2014	"PM reforça segurança no largo da Batata antes de protesto anti-Copa"	Contra a realização da Copa do Mundo no Brasil
2014	"O Largo da Batata Precisa de Você. Ocupação e apropriação do espaço público"	Apropriação do espaço público
2014	"Movimento pró-Aécio quer reavivar manifestações de junho"	Movimento de apoio ao candidato Aécio Neves
2015	"Após fim do protesto do MPL, estação de Metrô registra tumulto"	Redução da tarifa da passagem de ônibus
2015	"Ato contra terceirização em SP termina com 'gosto de vitória' após adiamento da votação"	Contra o PL 4.330
2015	"Entidades promovem ato para lembrar 'falsa abolição' do 13 de maio"	Contra violência à população negra e redução da maioria penal
2015	"Manifestação de movimentos sociais reúne 37 mil na capital paulista"	Contra o impedimento da presidente Dilma Rousseff

⁴⁴ Os dados que constam nesta tabela foram coletados em campo, de 2015 a 2018, e em sites de notícias, em 2018. A tabela completa, com os sites de origem, está no anexo 4.

Data	Manchete	Causa
2015	"Grupos anti-Dilma iniciam onda de atos de olho na queda da presidente em 2015"	A favor do impedimento da presidente Dilma Rousseff
2016	"PM fecha Praça Ramos e Largo da Batata; quem tenta chegar a ato do MPL é revistado"	Redução da tarifa da passagem de ônibus
2016	"Protesto contra impeachment reúne 2 mil pessoas no Largo da Batata"	Contra o impedimento da presidente Dilma Rousseff
2016	"Erundina e Ivan Valente participam de protesto contra impeachment em São Paulo"	Contra o impedimento da presidente Dilma Rousseff
2016	"Manifestação na zona oeste de São Paulo tem cinegrafista ferido e depredação"	Contra o governo Temer
2016	"Manifestantes fazem ato contra Temer em SP; na dispersão, PM usa bombas"	Contra o governo Temer
2016	"Protestos não devem terminar no Largo da Batata, diz Alckmin"	Contra o governo Temer
2017	"Após bombas em frente à casa de Temer, black blocs e PM têm confronto no largo da Batata"	Contra o governo Temer
2017	"São Paulo faz ato por 'Diretas Já' no Largo da Batata"	Em defesa de eleições diretas para a Presidência da República
2017	"Em SP, protesto contra Temer chega ao Largo da Batata"	Contra o governo Temer
2017	"Líder do MTST critica 'intolerantes' em ato com show de Caetano Veloso"	A favor do Movimento do Trabalhadores Sem Teto
2018	"Ato contra aumento dos transportes em SP segue para o Largo da Batata"	Contra o aumento da tarifa do transporte público
2018	"Dia 22/03 tem ato no Largo da Batata"	Professores pela manutenção da convenção coletiva de trabalho
2018	"Ato lúdico marca lançamento da Campanha Nacional 2018"	Reivindicações para a categoria dos bancários
2018	"Manifestação Intervencionista no Largo da Batata"	A favor da intervenção militar
2018	"Milhares já confirmam presença no ato 'Mulheres contra Bolsonaro' em São Paulo"	Contra o candidato Jair Bolsonaro

Fonte: Sites de notícias, 2018.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que as transformações no Largo e arredores apontam para a homogeneização, a hierarquização nos usos e a fragmentação na vida cotidiana, o lugar é tornado, contraditoriamente,

uma nova centralidade nas manifestações políticas na metrópole paulista, possibilitando um espaço-tempo de uso e apropriação do Largo em si e das vias que o cercam. Neste sentido, o caminho desenvolvido nesse capítulo é o de que as manifestações que ocorrem desde 2013 no Largo – e que refletem as escalas metropolitana, mas, sobretudo, a nacional – são parte dos novos conteúdos produzidos pela centralidade que se forma ao longo deste novo século. Inversamente, as manifestações políticas acabam por reproduzir tal centralidade em sua dimensão política.

Figura 22. Manifestantes do #EleNão ocupam o Largo da Batata, no sábado à tarde, 29/09/2018.

Fonte: EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS, 2018.

Os novos conteúdos da centralidade que se realizam no Largo, a saber: as mudanças morfológicas realizadas no âmbito das intervenções urbanas – a construção de extensas explanadas que possibilitam a concentração e a permanência de um grande contingente de pessoas –, a acessibilidade via transporte coletivo – metrô, trem e ônibus –, a presença da Avenida Faria Lima – como potencial de ocupação da rua e as consequências no trânsito da cidade –, e a simbologia crescentemente

produzida pela integração econômica a uma região moderna e desenvolvida da metrópole – o vetor sudoeste – destacam esse fragmento como atraente à ocupação e apropriação do espaço por manifestações, visto que que possibilitam a tão valiosa visibilidade às mesmas.

Outros aspectos ainda reforçam esta atração: a proximidade com a Vila Madalena, bairro constituído com forte presença de estudantes e intelectuais, e com a Universidade de São Paulo, reconhecidamente um espaço que concentra organizações políticas que estiveram à frente de importantes manifestações desde a ditadura civil-militar.

Nesse sentido, o lugar torna-se a partir de 2013⁴⁵, uma centralidade das manifestações políticas de diversas matrizes ideológicas, principalmente de esquerda⁴⁶, como pode ser observado na tabela 03, e na fala do ex-prefeito de São Paulo, João Dória, na ocasião de inauguração do mastro da bandeira do Brasil no largo, em setembro de 2017.

O Largo da Batata é do povo, e estou aqui para entregar este espaço para todo o povo de São Paulo [...] Este espaço não é de um grupo ou de outro, é de todo mundo. Queria pedir para todo mundo que está aqui levantar suas bandeiras do Brasil, que é a bandeira do povo, e não a bandeira vermelha do PT, que essa ninguém quer mais aqui. [...] Aqui não tem bandeira vermelha do PT não, é a bandeira do Brasil, do povo. (DORIA, 2017)⁴⁷

⁴⁵ Em 2013, uma onda de manifestações pelo passe livre no transporte público iniciou-se na metrópole de São Paulo e se espalhou pelo Brasil. As chamadas jornadas de junho aconteceram motivadas inicialmente pelo aumento dos preços das passagens de ônibus e ganhou novas pautas com o decorrer dos dias. Em São Paulo, a centralidade das manifestações foi o eixo Paulista-Faria Lima (Largo da Batata). A maior delas, no dia 17 de junho, teve a concentração no Largo e se estendeu por vários pontos da zona oeste. Matéria jornalística do Instituto Datafolha sobre a manifestação de 17 de junho de 2013, disponível em: datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/06/1297654-largo-da-batata-reuniu-75-mil-a-maioria-novatos-na-onda-de-protestos.shtml.

⁴⁶ Essa constatação pode ser observada em: a) Anexo 4. Tabela de Manifestações realizadas no Largo da Batata a partir do ano de 2013, que indica que a maioria das manifestações que ocorrem no Largo possuem pautas tradicionais dos movimentos de esquerda, sejam eles partidários ou não; e b) no Monitor do Debate Público no Meio Digital, coordenado pelo professor da USP Pablo Ortellado, que informa que no ato de 29/09/2018, iniciado no Largo, contra a candidatura de Jair Bolsonaro, 80% dos entrevistados se diziam de esquerda e 8% de centro-esquerda. Acesso pelo link <https://www.monitordigital.org/pesquisa/pesquisa-elenao-290918/>>.

⁴⁷ Fala feita pelo ex-prefeito de São Paulo em discurso de “reinauguração” do Largo, na qual o autor esteve presente.

Ainda sobre o episódio, nas palavras de um assessor de Doria, "[o Largo] foi tomado pelos petistas". E a bandeira será o símbolo de "que o Largo da Batata agora é de todos", diz, antes de alfinetar: "essa gente vai sair de lá, eles odeiam a bandeira brasileira"⁴⁸.

Estas manifestações refletem pautas referentes às escalas metropolitana - pela redução da tarifa do transporte público municipal, por exemplo - mas, principalmente, nacional - contra a Copa do Mundo, contra o impedimento de Dilma Rousseff e contra o governo de Michel Temer. Isso não implica afirmar que o Largo não fora lugar de manifestações ao longo do século XX, mas significa apontar que as manifestações pós 2013 realizam-se como produto destes novos conteúdos dessa centralidade.

Há com isso uma descentralização das manifestações com amplitude nacional, que ocorriam prioritariamente na Avenida Paulista, espaço que já é "consolidado" como centralidade simbólica da metrópole. Esta desconcentração parece indicar que o eixo sudoeste de expansão imobiliário-financeiro, além de sediar a nova centralidade financeira da metrópole, traz consigo seu negativo, no caso, centralidade de manifestações políticas que transgridem às normas impostas pelo Estado e os usos programados pelos agentes hegemônicos da produção do espaço. Portanto, esse movimento localiza parte do processo de produção deste espaço da metrópole que fugiu e foge, ao menos temporariamente, à sua lógica homogeneizante. Ao se realizar de forma descontínua, a homogeneização deixa brechas ao contraditório, iluminando a possibilidade de usos e apropriações do espaço.

Esse deslocamento/desconcentração dos lugares de manifestação indicam que as centralidades na metrópole são produtos da reprodução da sociedade, ou seja, não são imóveis, pelo contrário, transformam-se ao longo da história. Se destacarmos a segunda metade do século passado, constatamos que as manifestações começaram a se movimentar do eixo

⁴⁸ Fala proferida pelo assessor do ex-prefeito, João Dória, ao Portal R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/doria-quer-afastar-petistas-do-largo-da-batata-02012018>>. Acesso em 13 de abr. de 2018.

Sé-Anhangabaú para a Avenida Paulista, sobretudo a partir dos anos 1990, por esta ter se tornado uma centralidade econômica (comercial e financeira) e simbólica em escala metropolitana e nacional. Para Frugoli:

Outro aspecto é que a Paulista passou a ser crescentemente utilizada como espaço de manifestações políticas em São Paulo, com ampla cobertura da imprensa, sobretudo a partir dos anos 90. Pode-se mencionar a importância de alguns grupos sociais nessas manifestações, sobretudo as categorias profissionais que vieram a ocupá-la principalmente durante a segunda metade dos anos 80 [...] que vinculam esse espaço irrefutavelmente aos profissionais do setor terciário, área que mais cresce na recente modernização da estrutura empregatícia brasileira, sem falar da presença dos metalúrgicos – que não deixaram de ser uma espécie de vanguarda moderna no setor secundário –, além das minorias, movimentos de moradores etc.

Pode-se também afirmar que a Paulista deu visibilidade privilegiada aos diversos setores que saíram às ruas pelo impeachment do ex-presidente Collor [...] consolidando-se assim como um dos espaços públicos mais conectados às transformações recentes observadas na sociedade brasileira. (FRUGOLI JR, 2000, p. 140 e 141)

Nesse sentido, pode-se apontar que as manifestações políticas ocorrem, preferencialmente, em lugares que possuam centralidade simbólica - produzidas pela concentração das atividades econômicas predominantes (hegemônicas) em cada momento histórico. Assim, com a passagem para a hegemonia do capital financeiro, o eixo Berrini-Faria Lima é fortalecido como centralidade econômica da metrópole e do país. O Largo, portanto, é alçado hierarquicamente a um outro patamar entre os lugares na metrópole de São Paulo.

Com um breve retorno histórico a momentos anteriores a finalização das intervenções urbanas no Largo (2013) pode-se delinear as formas e os conteúdos das manifestações que eram realizadas e que indicam o alcance da centralidade que este espaço possuía. Até o fim dos anos 90, as manifestações que ocorriam no Largo possuíam como pauta, sobretudo, questões ligadas ao transporte público, ao comércio de camelôs, a verticalização e a violência no bairro de Pinheiros. Estas manifestações aconteciam com uma frequência menor do que o que presenciamos

atualmente e com um número de participantes também muito menor, o que é esperado, visto sua natureza e amplitude local.

No início do século o Largo começará a ser lugar de manifestações mais frequentes e com pautas relacionadas a intensificação da verticalização de Pinheiros e contra as desapropriações e as demais transformações que ocorreram no lugar. Neste momento, com o andar das obras da OUFL e da RULB, alguns grupos que lutam por moradia, como o MTST, começam a usar o entorno do Largo para protestar contra as políticas públicas municipais que, ao invés de garantir moradia a população, gera ainda mais desapropriados e sem-teto. Este momento, que vai de 2004 a 2010, aproximadamente, inicia a transição para o Largo como lugar de manifestações que pautam políticas em escala metropolitana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução d'*O Direito à Cidade*, Lefebvre escreve que "só há pouco tempo é que a cidade assumiu esse papel [de ser o grande laboratório do homem]". Segue que o fenômeno urbano expõe atualmente sua enormidade capaz de desconcertar os rumos da imaginação, da prática e das reflexões teóricas. Nesse sentido, uma pesquisa que se proponha a analisar as metamorfoses do espaço urbano na cidade coloca-se com um desafio de encontrar, na complexidade perturbadora das formas e conteúdos, o encontro e o desencontro, a norma e o que a ela foge, as mudanças e as permanências, tudo aquilo que está em constante movimento, na produção do espaço e na reprodução social da vida humana.

A busca pela compreensão das dinâmicas da produção do espaço, a partir do que se pode perceber na paisagem e nas relações mais banais do cotidiano, coloca-se, invariavelmente diante de uma desconfortante contradição entre um espaço produzido tendencialmente como força produtiva, para atender demandas da reprodução capitalista, e o espaço como necessidade para a reprodução social de mulheres e homens na cidade. Desta contradição fundante derivam outras tantas que aparecem do choque inevitável entre o concebido abstratamente e o vivido concretamente.

Esse embate, todavia, somente é iluminado quando as diferentes temporalidades da história podem ser descobertas, delineadas, colocadas em movimento analítico de constituição de sua própria criação. Criador e criatura promovem uma relação que expõe continuidades e descontinuidades que permitem vislumbrar uma explicação dos fenômenos urbanos atuais, mesmo que na sua face mais específica e fragmentada. Assim, as determinações mais amplas, ao inscreverem-se no lugar, na vida cotidiana, podem ser destrinchadas e reveladas, colocando luz sobre o devir, o possível. Lefebvre (1986) afirma que:

Reconsiderada nesta perspectiva, o conhecimento histórico poderia 'servir' sem se curvar. A *démarche* regressiva (indo do presente para o passado para iluminar o passado pelo que ele tornou-se e o que aconteceu) e depois progressiva (retornando ao presente a

partir de suas múltiplas e complexas condições, para 'analisar', não sem visar uma 'explicação' dificilmente exaustiva) permitiria explorar o possível. Não para fabricar o futuro, mas para compreender o possível, distanciado [mas não separado] do impossível. (p.47)⁴⁹ [tradução do autor]

A realidade percebida no fragmento em questão não fugiu ao anúncio de Lefebvre, mostrando-se como um campo de incessantes transformações – que trazem a verticalização impulsionada pela expansão do setor imobiliário, o setor terciário superior, o comércio a eles correspondentes e um perfil de moradores e frequentadores de maior renda – e sutis permanências – no comércio popular e na centralidade dos transportes públicos. Essas descontinuidades espaço-temporais se impõem e a primeira regressão se fez necessária: a Reconversão Urbana do Lago da Batata, parte da Operação Urbana Faria Lima, contempla o motor destas transformações.

As intervenções urbanas, sob a forma realizada no Largo da Batata, constituem-se um produto específico da segunda metade do século XX e que chega no Brasil nos anos 1980, no contexto da transição da hegemonia do capital industrial para o financeiro (Carlos, 2004), sob a necessidade de mobilizar partes do espaço já constituído da metrópole e realocá-los para a acumulação capitalista, sobrepondo os interesses econômicos e políticos hegemônicos aos anseios da sociedade. Nesse sentido, a escolha deste fragmento metropolitano como foco das intervenções o situa como uma centralidade, o que coloca à investigação uma nova *démarche*.

A produção da centralidade do Largo é produto de diferentes momentos da história, que se justapõe a partir de escalas diferentes, e colocam o comércio, a circulação e a localização do fragmento na metrópole como determinantes para que o mesmo possua centralidade na hierarquia

⁴⁹ No original: "Reconsidérée dans cette perspective, la connaissance historique pourrait << servir>> sans s'abaisser. La démarche *régressive* (allant du présent au passé pour éclairer le passé par ce qu'il est devenu et ce qui est advenu) puis *progressive* (revenant au présent à partir de ses multiples et complexes *conditions*, ceci pour << l'analyser>>, non sans viser une << explication>> difficilement exhaustive) permettraient d'explorer le possible. Non pour fabriquer l'avenir, mais pour saisir le probable, écarter l'impossible" (LEFEBVRE, 1986, p. 47)

dos lugares metropolitanos. Atualmente, o que se concebe e realiza, portanto, na relação estreita entre o Estado e a iniciativa privada, é a transformação dos conteúdos desta centralidade – expansão do setor terciário superior aliado ao imobiliário, o que promove grandes impactos socioespaciais.

Por fim, pode-se afirmar que o Largo mantém-se centralidade, porém, atualmente, realiza-se com a predominância de conteúdos que foram forjados, com base na própria centralidade constituída historicamente, na necessidade de novas fronteiras urbanas nas metrópoles, o que atraiu para o lugar as forças homogeneizantes necessárias para viabilizar esse processo.

Contudo, nas brechas desse processo avassalador de tornar a cidade negociável, rentável e lucrativa, abrem-se possibilidades, sobretudo nos espaços públicos, de inversão da lógica, de usos e apropriações do espaço que subvertem as normatizações que buscam controlar e dissimular os conflitos, apagar as contradições. As manifestações, que descobrem o Largo como centralidade e o produzem como tal, representam uma possibilidade de criação, de sonhar e vislumbrar para a cidade outra lógica, superado do capitalismo.

Por fim, escreve Lefebvre (2008) “A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo”. (p. 108) Se é na cidade que a forma centralização se realiza, é na cidade, por dentro das contradições mais profundas e violentas, que a força da diferenciação surgirá, rompendo os limites da realização do homem social, da reprodução da vida como criação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, I. A. P. **A produção e reprodução da cidade como negócio e segregação.** In: Ana Fani Alessandri CARLOS. VOLOCHKO, Danilo. ALVAREZ, Isabel. A cidade como negócio. São Paulo: Contexto, 2015.

ALVES, G. A. **Transformações e resistências nos centros urbanos.** In: Ana Fani Alessandri Carlos (org). Crise Urbana. São Paulo: Contexto, 2015.

ARENDT, H. **A condição Humana.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 10ª edição/6ª reimpressão, 2007.

BENACH, Núria; TELLO, Rosa. **En los interstícios de la renovación: estrategias de transformación del espacio y flujos de población en Barcelona.** Revista de Geografia, São Paulo, n. 3, p.93-114. 2004.

BENSAID, Daniel. **Os irredutíveis: teoremas da resistência para o tempo presente.** Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2008.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Operações urbanas: anais do seminário Brasil - França** / Ministério das Cidades. – Brasília: Ministério das Cidades, 2009. 270

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A Condição Espacial.** São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo. Edições Labur, 2007a.

_____. Volochko, Danilo. Alvarez, Isabel Pinto (orgs). **A cidade como negócio.** Editora Contexto: São Paulo, 2015: In: Introdução. Volochko, Danilo. Alvarez, Isabel Pinto (orgs). A cidade como negócio. Editora Contexto: São Paulo, 2015

CALDEIRA, Daniel Ávila. **Largo da Batata: transformações e resistências.** 2015. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-08092015-150425/>>. Acesso em: 2015-10-15.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideologia.** Madrid: Los libros de la catarata, 2011.

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma "nova cidade" em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada**. 2a ed. São Paulo : Boitempo, 2007

FRÚGOLI JR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/Edusp/FAPESP, 2000.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio**. Espaço e Debates, n. 39, p. 48-64. 1996.

HARVEY, David. **A liberdade da cidade**. In: Maricato, Ermínia. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo, Carta Maior, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O Fim da História**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1971.

_____. **Perspectivas de Sociologia Rural** (Tradução), In: MARTINS, José de Souza. Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo, Hucitec, 1981.

_____. **Le retour de la dialectique: 12 mots clefs pour le monde moderne**. Metailand/Éditions sociales, Paris, 1986.

LENCIONE, Sandra. **Metropolização do espaço: processos e dinâmicas**. In: FERREIRA, Alvaro, RUA, João, MARAFON, Glaucio, SILVA, Augusto César. Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

_____. **Metrópole, metropolização e regionalização**. Editora Consequência. Rio de Janeiro, 2017.

MARICATO, Ermínia e FERREIRA, João Whitaker. **Operação Urbana Consorciada: diversificação urbanística participativa ou aprofundamento da desigualdade?** In: Osório, Letícia Marques. Estatuto da Cidade e Reforma Urbana: novas perspectivas para as cidades brasileiras. Porto Alegre/São Paulo: Sérgio Antônio Fabris Editor, 2002.

MARTINS, José de Souza. **As temporalidades da História na dialética de Henri Lefebvre**. In: Martins, José de Souza. Henri Lefebvre e o retorno à dialética São Paulo, Hucitec, 1996.

MARX, Karl. **Introdução: O método da economia política**. In: Marx, Karl. Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política. Boitempo Editorial, São Paulo, 2011.

MASCARENHAS, Luisa Prado. **Reconversão Urbana do Largo da Batata: Revalorização e novos conteúdos da Centralidade de Pinheiros**. Dissertação de mestrado (Geografia Humana). São Paulo, 2014.

NADALIN, Vanessa. **Três ensaios sobre economia urbana e mercado de habitação em São Paulo**. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Economia). São Paulo, 2010.

PADUA, Rafael Faleiros de. **Produção e consumo do lugar: espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole**. Tese de doutorado (Geografia Humana). São Paulo, 2011.

PAQUOT, Thierry. **L'espace public. Paris**, La découverte, 2009.

PETRONE, Pasquale. **Pinheiros: aspectos geográficos de um bairro paulistano**. São Paulo. Edusp, 1963.

REALE, Ebe. **Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos**. São Paulo. Edusp, 1982.

SANTOS, Cesar Simoni. **"A nova centralidade da metrópole": da acumulação expandida à acumulação especificamente urbana**. Tese de doutorado (Geografia Humana). São Paulo, 2013.

SANTOS, Cesar Simoni. **Do lugar do negócio à cidade como negócio**. In: Ana Fani Alessandri CARLOS. VOLOCHKO, Danilo. ALVAREZ, Isabel. A cidade como negócio. São Paulo: Contexto, 2015.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo; Editora Contexto, 2007.

SMITH, Neil. **Gentrification, the frontier and the restructuring of urban space**. In: Readings in Urban Theory edited by Susan S. Faintein and Scott Campbell. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.

Sites

ABBATE, V. **Desapropriações: como funcionam e o que fazer se o poder público quiser o seu lugar**. Universa-UOL, São Paulo, 2010. Disponível em: <
<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2010/07/01/desapropriacoes-como-funcionam-e-o-que-fazer-se-o-poder-publico-quiser-o-seu-lugar.htm>>. Acesso em 04 de fev. de 2017.

BRANDALISE, V. H. **Após 6 anos, imóvel vale 105% a mais.** Estadão, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,apos-6-anos-imovel-vale-105-a-mais-imp-,623965>>. Acesso em: 23 de out. de 2016.

CALDEIRA, D. A. **O comércio em três tempos: breve história do Largo da Batata.** In: IV Colóquio Internacional sobre comércio e cidade; uma relação de origem, 2013. Uberlândia, MG – CinCCI, 2013. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/032-avila.pdf>. Acesso em: 07 de abr. de 2018.

ESTADÃO. **Baixo Pinheiros está em alta, 2014.** Disponível em: <https://paladar.estadao.com.br/noticias/restaurante-e-bares,baixo-pinhoiros-esta-em-alta,10000008751>>. Acesso em: 10 de dez. 2016.

_____. **Ambulantes vão protestar na frente da Câmara, 2012.** Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ambulantes-vao-protestar-na-frente-da-camara-imp-,835476>>. Acesso em: 01 de mar. de 2018.

FERREIRA, José Whitaker. **Largo da Batata: do popular ao elitizado.** Entrevista [27/01/2014] São Paulo. Gazeta de Pinheiros. Disponível em <http://gazetadepinhoiros.com.br/cidades/largo-da-batata-do-popular-ao-elitizado-17-01-2014-htm> Acessado em 27/09/2015.

FRASCINO, T.L.; WAKSMAN, J.; FERIANCIC, G. **Renovação Urbana e Mobilidade: o Projeto do Largo da Batata.** In: 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito, Brasília, 2013. Disponível em: <http://fileserver.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/06/87D2B872-0C0A-4A1B-A276-C50A4A19A5DD.pdf>. Acesso em> 03 de fev. de 2018.

GEOPORTAL. Memória Paulista. **Imagens de 1958 da região metropolitana de São Paulo, 2018.** Disponível em: <<http://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>>. Acesso em: 11 de mai. de 2018.

OLIVEIRA, A. **O Bairro Mais Antigo De São Paulo – A História De Pinheiros, 2017.** Disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/bairro-de-pinhoiros/>>. Acesso em: 19 de jun. de 2018.

OLIVEIRA, A. **O Bairro Mais Antigo De São Paulo – A História De Pinheiros, 2017.** Disponível em: <<http://www.saopauloinfoco.com.br/bairro-de-pinhoiros/>>. Acesso em: 19 de jun. de 2018.

PORTAL VITRUVIUS. **Concurso Público Nacional Reconversão Urbana do Largo da Batata, 2002.** Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/02.017/2143?page=4>>. Acesso em: 13 de out. de 2017.

REVISTA EXAME. **Potato Valley: Vale brasileiro atrai cada vez mais startups de tecnologia, 2018.** Acesso em: <https://exame.abril.com.br/pme/potato-valley-vale-brasileiro-atrai-cada-vez-mais-startups-de-tecnologia/>. Acesso em: 25 de set. de 2018.

SÃO PAULO (Prefeitura). SP Urbanismo. **Operação Urbana Consorciada Faria Lima, 2010.** Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591\),%20acessado%20em%20maio%20de%202016](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591),%20acessado%20em%20maio%20de%202016)>. Acesso em: 02 de abr. de 2016.

_____. SP Urbanismo. Operação Urbana Consorciada Faria Lima Lei 13.769/04, alterada pela Lei 13.871/04. Posição em 30/06/2018, 2018. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/FARIA_LIMA/2018/estoque_disponivel.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2018.

_____. EMURB. **Operação Urbana Consorciada Faria Lima. Grupo de Gestão – 4ª Reunião, 2009.** Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/apresentacao_4_roggoucfl_jul_09_1256244382.pdf>. Acesso em 18 de jan. de 2018.

_____. Subprefeitura de Pinheiros. **Informação à Comunidade. Pinheiros, jan. 2009.** Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/subprefeituras/boletins_das_subprefeituras/2009/pinheiros_2009-01.pdf>. Acesso em 30 de jul. de 2016.

_____. Subprefeitura de Pinheiros. **Informação à Comunidade. Pinheiros, jul. 2010.** Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/subprefeituras/boletins_das_subprefeituras/2010/pinheiros_2010-07.pdf>. Acesso em 30 de jul. de 2016.

_____. SEMPLA. **Área Urbanizada 1950/1962, 2004.** Disponível em: <http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1950-1960.jpg>. Acesso em: 02 de abr. de 2018.

SUPER LIMÃO. **Goose Island/comercial, 2016.** Disponível em: <<http://www.superlimao.com.br/item/alphaville-2/>>. Acesso em: 08 de ago. 2017.

SCHWARTSMAN, A. **Largo da Batata tem a sua graça. Região é caótica e decadente, mas comércio tem personalidade. 2007.** Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/vitrine/vi1011200711.htm>>. Acesso em: 04 de nov. de 2017.

ANEXOS

Anexo 1.

Tabela de estabelecimentos do ramo alimentício no perímetro entre as vias Vupabussu, Brigadeiro Faria Lima, Sumidouro e Costa Carvalho.

Perímetro - Rua Vupabussu, Avenida Brigadeiro Faria Lima, Rua Sumidouro e Rua Costa Carvalho (Região Gastronômica do Baixo Pinheiros)			
Nome	Fundação	Rua/número	Tipo/características
Bolo À Toa	2011	R. Padre Carvalho, 103	Casa de bolos
Bráz Pizzaria	2017	R. Vupabussu, 271	Pizzaria
Brigadeiro Doceria & Café	2005	R. Padre de Carvalho, 91	Café e doceria
Casa D'Amélia	2014	R. Paraopeba, 106	Restaurante - Brasileira
Casa de Ieda	2018	R. Ferreira de Araújo, 841	Restaurante - Brasileira
Confeitaria Dama	2011	R. Ferreira de Araújo, 376	Pâtisserie - Francesa
Da Roça Empório e Restaurante	2015	R. Costa Carvalho, 182	Restaurante - Brasileira
Delirium Café São Paulo	2014	R. Ferreira de Araújo, 589	Bar/Cervejaria
EAP – Empório Alto Pinheiros	2008	R. Vupabussu, 305	Bar/Cervejaria
El Pampero	2018	R. Tucambira, 90	Restaurante - Pampas
Guilhotina Bar	2016	R. Costa Carvalho, 84	Bar de coquetelaria
Izakaya Taka Daru	2016	R. Costa Carvalho, 234	Restaurante - Japonesa
Le Bon Gâteau	2018	Rua Ferreira de Araújo, 305	Confeitaria
Manish Pinheiros	2015	R. Ferreira de Araújo, 326	Restaurante - Árabe
Mano Sanduíches	2015	R. Ferreira de Araújo, 381	Hamburgueria
NB Steak	2014	Av. Brigadeiro Faria Lima, 140	Churrascaria Gourmet
Negroni	2016	R. Padre Carvalho, 30	Bar de coquetelaria
Nina Veloso Pâtisserie	2010	R. Costa Carvalho, 195	Pâtisserie - Francesa
Nou Cozinha Brasileira	2008	R. Ferreira de Araújo, 419	Restaurante - Brasileira
Osake	2017	R. Ferreira de Araújo, 323	Bar-lounge
Pirajá	1998	Av. Brg. Faria Lima, 64	Bar - Petiscos e bebidas

Piú Restaurante	2015	R. Ferreira de Araújo, 314	Restaurante – Italiana Contemporânea
República Gastronômica	1997	R. Nicolau Gagliardi, 506	Restaurante - Multicozinha
Restaurante Dô Culinária Japonesa	2003	Rua Padre Carvalho, 224	Restaurante - Japonesa
Restaurante Gosto Natural Orgânico	2012	Rua Vupabussu, 71	Restaurante - Multicozinha
Restaurante Kiloliba	2007	R. Ferreira de Araújo, 490	Restaurante por quilo
Restaurante Mercado	2000	R. Costa Carvalho, 149	Restaurante - Brasileira e fastfood
Restaurante Oui	2017	R. Costa Carvalho, 72	Bistrô - Francesa
Restaurante Vila das Meninas	2010	R. Padre Carvalho, 139	Restaurante - Brasileira
Ruela Bistrô	2011	R. Vupabussu, 199	Bistrô - Francesa
Santa Torta	2014	R. Paraopeba, 41	Restaurante - Especializado em tortas
Sole Gourmet	2012	R. Padre Carvalho, 55	Restaurante - Multicozinha
Spirtz Bar	2016	Av. Brg. Faria Lima, 272	Bar especializado
The Butcher	2014	R. Ferreira de Araújo, 330	Casa de carnes premium - Hamburgueria
Vih! Kombucha Bar	2017	R. Costa Carvalho, 138	Bar especializado
Vinil Burger	2013	R. Padre Carvalho, 18	Hamburgueria

Anexo 2.

Tabela de estabelecimentos do ramo alimentício no perímetro entre as vias Eusébio Matoso, Brigadeiro Faria Lima, Sumidouro e Marginal Pinheiros.

Perímetro - Rua Sumidouro, Avenida Brigadeiro Faria Lima, Avenida Eusébio Matoso e Marginal Pinheiros				
Nome	Fundação	Rua/número	Tipo/características	
A Moqueca 564 Capixaba	2017	R. Eugênio de Medeiros, 564	Restaurante - Capixaba	
Açaí Pinheiros	2017	R. Amaro Cavalheiro, 127	Lanchonete	
Altiroo - Empanadas Chilenas	2016	R. Doná Maria Dúlce Nogueira Garcês, 31	Restaurante -Chulena	
Anturelli Bar e Café	2010	Rua Padre Carvalho, 652	Bar e Café	
Aro 27 Bike Café	2013	R. Eugênio de Medeiros, 445	Café	
Baixo Pinheiros Bar	2016	R. Guaicuí, 62	Bar	
Bambaras	2011	R. Eugênio de Medeiros, 198	Restaurante/Bar	
Bar das Batidas	1954	R. Padre Carvalho, 799	Bar/Batidas	
Bar e Lanches Katakata	1998	Rua Cardeal Arcoverde, 2929	Restaurante fast-food	
Bar e Lanches Medeiros	1996	R. Pais Leme, 449	Restaurante/Bar	
Bar e Mercearia Cariris	1970	R. dos Cariris, 466	Mercearia/Bar	
Bar e Restaurante Nova Cavalheiro	2016	R. Amaro Cavalheiro, 100	Restaurante/Bar	
Bar Mangueira	2004	R. Cláudio Soares, 124	Bar/Balada	
Bendito Seja Bar e Restaurante	2015	Rua Eugenio de Medeiros 660	Restaurante/Bar	
Bigorna Food Truck	2014	R. Guaicuí, 74	Hamburgueria	
Buraco quente	2017	R. Guaicuí, 26	Sanduiche de boteco	
Butantã Grill	1999	R. Butantã, 327	Churrascaria	
Buti Bar	2018	R. Padre Carvalho, 677	Restaurante/Bar	
Cantina Arcoverde		Rua Cardeal Arcoverde, 2777	Restaurante - Italiana	
Cantinho do Baião de Dois		R. Ferreira de Araújo, 881	Restaurante - Brasileira	

Caricas Bar	2010	Rua Cardeal Arcoverde, 2899	Restaurante/Bar
Casa 530	2013	R. Amaro Cavalheiro, 530	Restaurante - Alternativa
Casa Prema	2005	Av. Eusébio Matoso, 246	Restaurante Vegetariano/vegano
Casa Prema	2015	Av. Eusébio Matoso, 246	Vegetariano
Caxiri Restaurante	2015	R. Ferreira de Araújo, 1025	Restaurante - Amazônica
Check in Falafel	2008	R. Amaro Cavalheiro, 210	Restaurante - Áreabe
Chucrê Churros	2014	R. Ferreira de Araújo, 949	Especializada em churros
Copas Terraço Bar	2016	R. Ferreira de Araújo, 1056	Lounge-bar
Emerson & Emmanuel Bar e Lanches	2001	R. Pais Leme, 388	Bar e Restaurante
Encanto Natural	2006	R. Butantã, 310	Bar e Restaurante
Estação Pinheiros Café e Restaurante	2011	Rua Capri, 42	Restaurante - Multicozinha
Eugênio Cucina • Caffè	2016	R. Eugênio de Medeiros, 538	Restaurante - Italiana
Eusébio Matoso Lanchonete & Restaurante	1996	Av. Eusébio Matoso, 638	Restaurante/Lanchonete
Fitó	2017	Rua Cardeal Arcoverde, 2773	Restaurante - Brasileira
Garage Food	2016	R. Eugênio de Medeiros, 569	Restaurante/Lanchonete
Goose Island Brewhouse	2016	R. Baltazar Carrasco, 187	Cervejaria
Guela Seca	2006	Av. Brg. Faria Lima, 846	Restaurante/Bar
Harmonia	2012	R. Butantã, 122	Restaurante por quilo
Help! Bar	2000	Rua Jorge Rizzo, 115	Bar
HM Food Café	2015	R. Ferreira de Araújo, 1056	Restaurante e café
kaminari Sushi	2010	R. Amaro Cavalheiro, 25	Restaurante - Japonesa

Lanchonete e Restaurante Remelexo	2001	R. Pais Leme, 208	Restaurante/Balada
Lanchonete Estrela de Pinheiros	1982	R. Pais Leme, 314	Restaurante/Lanchonete
Lanchonete Maçã Verde	2009	R. Pais Leme, 46 - Pinheiros	Restaurante/Lanchonete
Lanchonete Restaurante Primu's		R. Butantã, 239	Restaurante por quilo
Los Jappas		R. Amaro Cavalheiro, 340	Restaurante - Japonesa
M's Crepe Japonês	2012	R. Eugênio de Medeiros, 481	Creperia
Na Janela [burger beer brownie]		R. Diogo Moreira, 173	Hamburgueria
Patuá Espetos		R. Amaro Cavalheiro	Bar e churrascaria
Pau no Gato Bar		R. Martim Carrasco, 100 -	Gastrobar
Pitico	2015	R. Guaicuí, 61	Restaurante/Bar
Poteko Bar Restaurante	2001	R. Ferreira de Araújo, 960	Restaurante/Bar
Qcevice (Faria Lima)	2017	R. Taváres Cabral, 61	Restaurante - Peruana
Que Delícia Bar		R. Amaro Cavalheiro, 330	Bar e Restaurante
QUÉBEC Bar e Restaurante	2016	R. Eugênio de Medeiros, 413	Bar e Restaurante
Quero Pizza		R. Fernão Dias, 518	Pizzaria
Refijo Restaurante	1991	R. Prof. Carlos Réis, 43	Restaurante - Multicozinha
Restaurante Anas		R. Padre Carvalho, 652	Restaurante - Quilo
Restaurante BelloBello	1999	R. Taváres Cabral, 145	Restaurante - Multicozinha
Restaurante Comfrei		R. Campo Alegre, 26	Restaurante - Quilo
Restaurante D'Gosto	1995	R. Sumidouro, 411	Restaurante - Quilo
Restaurante Gulalá Ltda ME	2009	R. Eugênio de Medeiros, 646	Restaurante/Lanchonete

Restaurante Mussashino	1985	R. Padre Carvalho, 753	Restaurante - Japonesa
Restaurante Paes Leme	2001	R. Pais Leme, 399	Restaurante por quilo
Restaurante Recanto da Terra	2010	R. Butantã, 370	Restaurante por quilo
Restaurante San Fran	2017	R. Diogo Moreira, 169	Restaurante - Café
Restaurante Vecchio Torino	1993	R. Távares Cabral, 119	Restaurante - Italiana
Sabor Brasil		R. Martim Carrasco, 90	Bar e Restaurante
Santo Restaurante	2016	Av. das Nações Unidas, 7221	Restaurante - Corporativo
Schnaps Haus	1977	R. Diogo Moreira, 119	Restaurante - Alemã
Schnaps Restaurante Pizza Frita	2009	Rua Jorge Rizzo, 235	Restaurante - Pizzaria
Seducchi Confeitaria	2015	R. Ferreira de Araújo, 868	Doceria e Confeitaria
Solar Grill		R. Sumidouro, 555	Restaurante/Churrascaria
Sorvete Fiesta	2018	R. Padre Carvalho, 663	Sorveteria
St. Chico	2017	R. Fernão Dias, 461	Padaria
Sukiya	2016	R. Teodoro Sampaio, 2757	Fast-food - Japonesa
Tantra Restaurante	1998	R. Amaro Cavalheiro, 168	Restaurante - Asiática
TapioCafé		R. Eugênio de Medeiros, 676	Tapiocaria e cafeteria
Tembuí Restaurante	2009	R. Cláudio Soares, 72	Restaurante e café
Terracinho Restaurante	2010	R. Conselheiro Pereira Pinto, 253	Restaurante - Brasileira
Theodora Sushi	2011	R. Diogo Moreira, 138	Restaurante - Japonesa
Trattoria Villa Dei Cesari	1991	R. Diogo Moreira, 97	Restaurante - Italiana
Trio Lanches	1975	R. Pais Leme, 162	Lanchonete
UM Coffe Co.	2018	R. Pais Leme, 215	Cafeteira
Vanilla Caffè	2014	R. dos Pinheiros, 1673	Café - franquia

Velmont Grill - Lanchonete e Restaurante	2011	R. Sumidouro, 555	Bar e Lanchonete
Villa Itália Birreria e Restaurante	1994	Eugenio de Medeiros, 315	Birreria e Restaurante
Void General Store Largo da Batata	2017	R. Martim Carrasco, 56	Bar
Wells Pinheiros	2015	R. Eugênio de Medeiros, 584	Restaurante - Brasileira
Yashiro	1978	R. Fernão Dias, 525	Restaurante - Japonesa
Z Carneceria	2015	Av. Brg. Faria Lima, 724	Restaurante/Bar

Anexo 3.

Tabela de empreendimentos residenciais e empresariais inaugurados no entorno do Largo da Batata a partir do ano 2000.

Nom e	Endereço	Tipo	Fundaç ão	Constru tora/Inc orporad ora	Preço m ² aluguel	Preço m ² venda	Marketing
Faria Lima Premium	R. Diogo Moreira, 132	Empresarial	2000	Revenda NPi	93	-	" Localizado no eixo da Av. Brigadeiro Faria Lima e a Avenida Rebouças; A região conta com infraestrutura de transporte público; Acesso fácil a vários restaurantes, bancos e shoppings"
Planet Work	R. Ferreira de Araújo, 221	Empresarial	2001	TPA Empreendimentos	75	-	" Possui boa infraestrutura de entorno com serviços, transporte coletivo e restaurantes."
Edifício Gioconda	R. Padre Carvalho, 380	Residencial	2003	Vivenda Nobre, Amy		12.000	-
das Artes	R. Padre Carvalho, 158	Residencial	2003	Seisa		12.000	-
Maison Mont Blanc	R. Ferreira de Araújo, 516	Residencial	2004	REM		13.000	-
New Studio Pinheiros	R. Butantã, 408	Residencial	2004	Ditolvo	55	14.400	"O estabelecimento fica a 10 minutos a pé da Estação de Metrô Faria Lima e a 15 minutos de carro do Aeroporto de Congonhas. Pinheiros é uma ótima escolha para viajantes interessados em Museus, Gastronomia e Vida Noturna."
Edifício Gustav Mahler	R. Padre Carvalho, 340	Residencial	2005	Cibracôn, Atlântica	60	13.000	"O prédio está bem localizado, pois está próximo às avenidas Nações Unidas, Faria Lima, Pedroso de Moraes e outras. Com esta localização, você pode bem se locomover nesta e outras regiões da cidade."

SP Fashion Hall	R. Vupabussu, 219	Residencial	2005	-	50	14.000	"Localização excelente, próximo à praças, duas estações de metrô e a ampla rede gastronômica que a região do Alto de Pinheiros pode oferecer para sua família. "
Living Garden	R. Tavares Cabral, 209	Residencial	2007	Flor de Lotus e M. Building	55	12.000	-
Duo Pinheiro	Av. Prof. Frederico Hermann Jr., 199	Residencial	2008	Even SP, Tishman Speyer	90	15.350	-
Fusion Pinheiros	R. dos Cariris, 90	Residencial	2008	Incosul e Trisul	68	12.500	-
W Torre Nações Unidas	Av. das Nações Unidas, 7815	Empresarial	2009	W Torre S.A.	90	-	-
Edifício Ahead	R. Cláudio Soares, 72	Empresarial	2011	Construtora PDG e Incorporadora	65	12.000	"Com ótima localização e fácil acesso, está a 50 metros da Estação Faria Lima do Metrô, a 200 metros do Shopping Eldorado, 250 metros da Marginal Pinheiros e a 50 metros da Rua Cardeal Arco Verde. Próximo a ótimos restaurantes, bares e cafés, é um empreendimento inovador."
Altto	R. Nicolau Gagliardi, 354	Residencial	2012	Even SP	63	15.000	-
Neo Offices Faria Lima	R. Paes Leme, 136	Empresarial	2012	Esser	45	12.000	"Uma região renovada, perto de estações de metrô, terminais de ônibus e serviços."
Atrium Faria Lima	R. Diogo Moreira, 184	Empresarial	2012	Libercon Engenharia	-	-	"Localizado entre as ruas dos Cariris e Diogo Moreira, no bairro de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo, o empreendimento é reconhecido por sua arquitetura"
Dna Pinheiros	R. Fernão Dias, 323	Residencial	2013	Lucio Engenharia	75	14.000	"O empreendimento está próximo a uma completa infraestrutura, a Faria Lima, que é uma região

							diferenciada, próxima ao Shopping Iguatemi, Inst. Tomie Ohtake, Metrô Faria Lima, Shopping Eldorado, Estação Pinheiros, Parque e Shopping Vila Lobos e uma infinidade de facilidades."
Condôminio Moai	R. Nicolau Gagliardi, 432	Residencial	2013	Tecnisa	58	14.000	"Moai é a exclusividade de escolher entre 44 apartamentos de alto padrão em um dos bairros mais nobres e charmosos da capital paulista."
Trademark Faria Lima	R. Cardeal Arcoverde, 2811	Empresarial	2013	Esser	55		"Um bairro vibrante, com vida cultural e gastronômica variadas, para deixar sua rotina mais agradável."
Edifício Alvin o Slaviero	Av. Brigadeiro Faria Lima, 1336	Empresarial	2013	Sanca	100	-	-
Versatille Pinheiros	R. Ferreira de Araújo, 1000	Residencial	2013	AAM, Toledo Ferrari e ACS	77	15.000	"Um endereço com inúmeras possibilidades"
Jazz Villa Pinheiros	R. Padre Carvalho, 348	Residencial	2015	<u>Enix e Alfa Realty Empreendimentos</u>	60	19.000	"Um projeto inspirado num período de transformação e na revitalização da região, que traz a harmonia entre os estilos pós-industrial e moderno"
Eclat Pinheiros	R. Ferreira de Araújo, 592	Residencial	2015	Gafisa SP	80	16.000	-
Edifício Teoemp	R. dos Pinheiros, 1673	Empresarial	2015	Engeform/Bratk e Collet	-	-	"Na esquina da Rua dos Pinheiros com a Rua Claudio Soares, de frente para a nova praça revitalizada do bairro está o TEOEMP."
Edifício Grand Station	R. Gilberto Sábino, 215	Empresarial	2015	SINCO ENGENHARIA	92	-	"O Grand Station está estrategicamente posicionado no consolidado bairro de Pinheiros, com fácil acesso a importantes avenidas."
Thera Faria Lima	R. Pais Leme, 215	Resid. /Empresarial	2016	Cyrela	66	17.000 /10.000	"Pinheiros segue a vocação de acolher pessoas das mais diversas origens. Gente moderna, engravatados, estudantes,

							intelectuais, músicos e artistas fazem do lugar um dos bairros mais representativos do que é São Paulo. Suas ruas abrigam de tudo um pouco: dos bares da moda a importantes escritórios, das lojas descoladas a um variado comércio popular"
Uniq ue Pinhe iros	R. Eugênio de Medeiros, 292	Reside ncial	2016	Think	-	12.000	"Um bairro nobre, moderno e pulsante que oferece a seus moradores tudo o que se precisa para viver bem. Mais cultura e diversão. Mais verde para o seu dia a dia."
V:Ho use Faria Lima	Av. Eusébio Matoso, 218	Reside ncial	2017	SISPAR	-	18.000	"O primeiro Boutique Residences de São Paulo à altura dos mais requintados Hotéis Boutique internacionais. Luxo e conforto de uma residência com serviços personalizados no melhor local da Faria Lima"
Hom elike	R. Fernão Dias, 431	Reside ncial	2017	Lucio Engenh aria	73	15.000	"Homelike traz todos benefícios de estar na FARIA LIMA, uma das melhores e mais importantes regiões de São Paulo"
Smar t Buta ntã	R. Butantã, 468	Empre sarial	2017	CGPN Consult oria Imobiliá ria LTDA	-	-	-
Sum mit Pinhe iros	R. Eugênio de Medeiros, 288	Reside ncial	2018	AAM / ONNI / FIVE	-	15.000	"Um bairro nobre, moderno e pulsante que oferece a seus moradores tudo o que se precisa para viver bem. Mais cultura e diversão. Mais verde para o seu dia a dia."
Edifíc io Itam araju	R. Butantã, 434	Empre sarial	2018	Paula Eduardo	85	-	"O Edifício Itamarajú é um empreendimento com alto padrão construtivo e uma excelente localização na região de Pinheiros"
Hom e Desig n Pinhe iros	Av. Eusébio Matoso , 786	Reside ncial	2018	Tegra Incorpo radora	-	17.000	"Em Pinheiros, um dos bairros mais bem localizados de São Paulo, e próximo à marginal homônima, Av. Faria Lima, Av. Rebouças e outros pontos, o Home Design

							Pinheiros preza pela qualidade no seu dia a dia. More próximo a restaurantes, museus, parques, estações de metrô, shoppings e conveniências para toda a família"
You, Faria Lima	Av. Rebouças, 3.026	Residencial	2019	You, Inc e Tibério		25.000	"O endereço fica no coração de Pinheiros, uma das regiões mais valorizadas de São Paulo, com infraestrutura completa de comércio e serviços."
Synthesis Pinheiros	R. Eugênio de Medeiros, 601	Residencial	2019	Trisul S.A	-	-	"A região concentra lazer e restaurantes badalados, shopping centers e oferece qualidade de vida por estar entre os parques Vila Lobos e do Povo, além da praça Vitor Civita, que fica a 50 metros do empreendimento."
Retrato Pinheiros	R. Gilberto Sábino, 65	Residencial	2019	-	-	12.000	"O Retrato Pinheiros é sinônimo de estar bem localizado e conectado com toda a cidade e dispor de infraestrutura, mobilidade e qualidade de vida que você e sua família merecem. "
<u>Metro Office II</u>	R. Butantã, 210	Empresarial	2020	-	-	-	"Próximo ao Shopping Eldorado/Estação do Metro Faria Lima /Estação do Metro Pinheiros e CPTM"
Faria Lima Square Offices	Rua Cardeal Arcoverde, 2450	Empresarial	2014	Yuny Incorporadora	68	12.883	-
Faria Lima Offices	<u>Rua Cardeal Arcoverde, 2365</u>	Empresarial	2017	-	86	16000	-

Anexo 4.

Tabela de Manifestações realizadas no Largo da Batata a partir do ano de 2013.

Manifestações no Largo da Batata a partir de 2013			
Data	Manchete	Causa	Fonte
17/06/2013	"Multidão ocupa Largo da Batata (SP) em manifestação sem confronto"	Redução da tarifa da passagem de ônibus	g1.globo.com
16/10/2013	"Estudantes fazem manifestação no Largo da Batata"	Ato em defesa da educação pública no estado	contee.org.br
13/03/2014	"PM reforça segurança no largo da Batata antes de protesto anti-Copa"	Contra a realização da Copa do Mundo no Brasil	folha.uol.com.br
14/05/2014	"O Largo da Batata Precisa de Você. Ocupação e apropriação do espaço público"	Apropriação do espaço público	vitruvius.com.br
22/10/2014	"Movimento pró-Aécio quer reavivar manifestações de junho"	Movimento de apoio ao candidato Aécio Neves	em.com.br
27/01/2015	"Após fim do protesto do MPL, estação de Metrô registra tumulto"	Redução da tarifa da passagem de ônibus	g1.globo.com
15/04/2015	"Ato contra terceirização em SP termina com 'gosto de vitória' após adiamento da votação"	Contra o PL 4.330	redebrasilatual.com.br
13/05/2015	"Entidades promovem ato para lembrar 'falsa abolição' do 13 de maio"	Contra violência à população negra e redução da maioria penal	brasildefato.com.br
21/08/2015	"Manifestação de movimentos sociais reúne 37 mil na capital paulista"	Contra o impedimento do governo Dilma Rousseff	datafolha.folha.uol.com.br
19/10/2015	"Grupos anti-Dilma iniciam onda de atos de olho na queda da presidente em 2015"	A favor do impedimento do governo Dilma Rousseff	ultimosegundo.ig.com.br
14/01/2016	"PM fecha Praça Ramos e Largo da Batata; quem tenta chegar a ato do MPL é revistado"	Redução da tarifa da passagem de ônibus	redebrasilatual.com.br

24/03/2016	"Protesto contra impeachment reúne 2 mil pessoas no Largo da Batata"	Contra o impedimento do governo Dilma Rousseff	guarulhosweb.com.br
31/07/2016	"Erundina e Ivan Valente participam de protesto contra impeachment em São Paulo"	Contra o impedimento do governo Dilma Rousseff	ultimosegundo.ig.com.br
02/09/2016	"Manifestação na zona oeste de São Paulo tem cinegrafista ferido e depredação"	Contra o governo Temer	noticias.r7.com
04/09/2016	"Manifestantes fazem ato contra Temer em SP; na dispersão, PM usa bombas"	Contra o governo Temer	g1.globo.com
07/09/2016	"Protestos não devem terminar no Largo da Batata, diz Alckmin"	Contra o governo Temer	estadao.com.br
28/04/2017	"Após bombas em frente à casa de Temer, black blocs e PM têm confronto no largo da Batata"	Contra o governo Temer	noticias.uol.com.br
04/06/2017	"São Paulo faz ato por 'Diretas Já' no Largo da Batata"	Em defesa de eleições diretas para a Presidência da República	noticias.band.uol.com.br
04/09/2017	"Em SP, protesto contra Temer chega ao Largo da Batata"	Contra o governo Temer	istoe.com.br
10/12/2017	"Líder do MTST critica 'intolerantes' em ato com show de Caetano Veloso"	A favor da causa do Movimento Sem Terra	folha.uol.com.br
17/01/2018	"Ato contra aumento dos transportes em SP segue para o Largo da Batata"	Contra o aumento da tarifa	atarde.uol.com.br
22/03/2018	"Dia 22/03 tem ato no Largo da Batata"	Professores pela manutenção da convenção	sinprosp.org.br
13/06/2018	"Ato lúdico marca lançamento da Campanha Nacional 2018"	Reivindicações para a categoria dos bancários	spbancarios.com.br
25/08/2018	Manifestação Intervencionista no Largo da Batata"	A favor da intervenção militar	youtube.com
29/09/2018	"Milhares já confirmam presença no ato 'Mulheres contra Bolsonaro' em São Paulo"	Contra o candidato Jair Bolsonaro	globo.com